UNE ✦ SACRA

Roma Antiga

Meditações

✦ ✦ ✦

Marco Aurélio

Tradução (edição 1.4)

Créditos

Autor	Marco Aurélio
Data	c. 170–180 d.C.
Idioma original	Grego arcaico
Versão	Tradução (edição 1.4)
Tradução	Tradução popular, a partir da versão inglesa de George Long
Fonte	Project Gutenberg
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

Anotações pessoais do imperador romano Marco Aurélio (121–180), escritas em grego, para si mesmo, nos últimos dez anos de vida, boa parte delas nos acampamentos das guerras do Danúbio.

O título grego dos manuscritos é "Para si mesmo". Em 12 livros de reflexões curtas, o imperador se lembra dos princípios do estoicismo: só depende de nós o nosso juízo sobre as coisas; tudo muda e passa depressa; a morte é natural; o homem nasceu para viver com os outros e para a justiça; deve-se aceitar o que a natureza do universo traz e fazer bem a própria parte.

O livro I é uma lista de agradecimentos ao que aprendeu com a família, os mestres e os deuses.

O texto não foi feito para ser publicado e só reapareceu impresso em 1559. Tornou-se um dos livros de filosofia mais lidos do Ocidente.

Fonte: https://www.gutenberg.org/ebooks/15877

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Manuscritos e imagens



Busto de Marco Aurélio, mármore romano do século II, na Gliptoteca de Munique.

Glyptothek, Munique — Wikimedia Commons · Alta resolução

Sumário

Livro I

Livro II

Livro III

Livro IV

Livro V

Livro VI

Livro VII

Livro VIII

Livro IX

Livro X

Livro XI

Livro XII

LIVRO I

✦

I.1

Com meu avô Vero [aprendi] os bons costumes e o domínio do meu temperamento.

I.2

Com a reputação e a lembrança de meu pai, a modéstia e um caráter viril.

I.3

Com minha mãe, a piedade e a beneficência, e a abstenção não só de más ações, mas até de maus pensamentos; e, além disso, a simplicidade em meu modo de viver, muito distante dos hábitos dos ricos.

I.4

Com meu bisavô, a não frequentar escolas públicas, a ter bons professores em casa e a saber que, nessas coisas, um homem deve gastar com generosidade.

I.5

Com meu preceptor, a não ser do partido dos verdes nem do dos azuis nos jogos do Circo, nem partidário do Parmulário ou do Escutário nas lutas de gladiadores; com ele também aprendi a suportar o trabalho, a precisar de pouco, a trabalhar com minhas próprias mãos, a não me intrometer nos assuntos alheios e a não me dispor a ouvir calúnias.

I.6

Com Diogneto, a não me ocupar de coisas insignificantes e a não dar crédito ao que diziam os fazedores de milagres e os ilusionistas sobre encantamentos, expulsão de demônios e coisas semelhantes; a não criar codornas [para lutar], nem me entregar apaixonadamente a essas coisas; a tolerar a liberdade de expressão; a me familiarizar com a filosofia; a ter sido ouvinte primeiro de Báquio, depois de Tândasis e Marciano; a ter escrito diálogos em minha juventude; e a ter desejado uma cama de tábuas e uma pele, e tudo o mais desse tipo que pertence à disciplina grega.

I.7

De Rústico recebi a impressão de que meu caráter precisava de aperfeiçoamento e disciplina; e com ele aprendi a não me deixar desviar para a rivalidade entre sofistas, nem para escrever sobre questões especulativas, nem para proferir pequenos discursos de exortação, nem para me exibir como alguém que pratica muita disciplina ou faz boas ações para se mostrar; a me abster da retórica, da poesia e da escrita rebuscada; a não andar pela casa com minha roupa de sair, nem fazer outras coisas desse tipo; a escrever minhas cartas com simplicidade, como a carta que Rústico escreveu de Sinuessa à minha mãe; e, quanto aos que me ofenderam com palavras ou me fizeram mal, a estar prontamente disposto a me apaziguar e reconciliar, assim que eles se mostrassem dispostos à reconciliação; a ler com atenção e não me satisfazer com uma compreensão superficial de um livro; nem dar meu assentimento precipitadamente aos que falam demais; e devo a ele o conhecimento dos discursos de Epicteto, que compartilhou comigo de sua própria coleção.

I.8

Com Apolônio aprendi a liberdade da vontade e a firmeza inabalável de propósito; a não olhar para nada além da razão, nem mesmo por um instante; a ser sempre o mesmo, nas dores intensas, na perda de um filho e na doença prolongada; a ver claramente, em um exemplo vivo, que o mesmo homem pode ser ao mesmo tempo muito resoluto e flexível, e ensinar sem irritação; e a ter diante dos olhos um homem que claramente considerava sua experiência e sua habilidade em expor princípios filosóficos como o menor de seus méritos; e com ele aprendi a receber dos amigos aquilo que se considera um favor, sem me sentir diminuído por isso nem deixar que passe despercebido.

I.9

Com Sexto, uma disposição benevolente, o exemplo de uma família governada de maneira paternal e a ideia de viver de acordo com a natureza; a seriedade sem afetação, o cuidado atento com os interesses dos amigos e a tolerância com as pessoas ignorantes e com aquelas que formam opiniões sem refletir: ele tinha a capacidade de se adaptar facilmente a todos, de modo que conviver com ele era mais agradável do que qualquer adulação; e, ao mesmo tempo, era profundamente venerado por aqueles que conviviam com ele; e tinha a capacidade de descobrir e organizar, de modo inteligente e metódico, os princípios necessários à vida; e nunca demonstrava raiva nem qualquer outra paixão, mas era completamente livre de paixões e também muito afetuoso; e sabia expressar aprovação sem manifestações ruidosas, e possuía muito conhecimento sem ostentação.

I.10

Com Alexandre, o gramático, a me abster de procurar defeitos e a não repreender em tom de censura aqueles que usassem alguma expressão bárbara, incorreta ou de som estranho; mas a introduzir com habilidade a própria expressão que deveria ter sido usada, por meio de uma resposta ou de uma confirmação, ou participando de uma investigação sobre o assunto em si, e não sobre a palavra, ou por alguma outra sugestão apropriada.

I.11

Com Frontão aprendi a observar o que são a inveja, a duplicidade e a hipocrisia em um tirano, e que, em geral, aqueles entre nós que são chamados de patrícios são um tanto carentes de afeição paterna.

I.12

Com Alexandre, o platônico, a não dizer a ninguém, nem escrever em uma carta, com frequência ou sem necessidade, que não tenho tempo livre; nem me desculpar continuamente por negligenciar os deveres exigidos por nossa relação com aqueles com quem vivemos, alegando ocupações urgentes.

I.13

Com Cátulo, a não ser indiferente quando um amigo faz uma censura, mesmo que a faça sem razão, mas a procurar fazê-lo voltar à sua disposição habitual; a estar pronto para falar bem dos professores, como se conta de Domício e Atenódoto; e a amar verdadeiramente meus filhos.

I.14

Com meu irmão Severo, a amar meus parentes, a amar a verdade e a amar a justiça; e por meio dele aprendi a conhecer Trásea, Helvídio, Catão, Díon e Bruto; e dele recebi a ideia de uma organização política em que a lei é a mesma para todos, uma organização política administrada com respeito à igualdade de direitos e à igual liberdade de expressão, e a ideia de um governo monárquico que respeita acima de tudo a liberdade dos governados; com ele aprendi também a constância e a firmeza inabalável em minha dedicação à filosofia; e a disposição de fazer o bem, de dar prontamente aos outros, de cultivar boas esperanças e de acreditar que sou amado por meus amigos; e nele observei que não escondia suas opiniões sobre aqueles que condenava, e que seus amigos não precisavam conjecturar o que ele queria ou não queria, pois isso era perfeitamente claro.

I.15

Com Máximo aprendi o domínio de mim mesmo e a não me deixar desviar por coisa alguma; a alegria em todas as circunstâncias, inclusive na doença; uma combinação equilibrada de doçura e dignidade no caráter moral, e a fazer o que me era proposto sem reclamar.

Observei que todos acreditavam que ele pensava como falava e que, em tudo o que fazia, nunca tinha má intenção; e ele nunca demonstrava espanto ou surpresa, nunca tinha pressa, nunca adiava o que precisava fazer, nem ficava perplexo ou abatido, nem jamais ria para disfarçar seu aborrecimento, nem, por outro lado, se mostrava dominado pela paixão ou desconfiado.

Costumava praticar atos de beneficência, estava pronto a perdoar e era livre de toda falsidade; e dava a impressão de um homem que não podia ser desviado do que é certo, mais do que a de um homem que havia sido aperfeiçoado. Observei também que ninguém jamais poderia pensar que era desprezado por Máximo, nem ousar se considerar um homem melhor. Ele também tinha a arte de ser bem-humorado de maneira agradável.

I.16

Em meu pai observei a brandura de temperamento e a resolução imutável nas coisas que havia decidido após a devida reflexão; a ausência de vaidade naquilo que os homens chamam de honrarias; o amor ao trabalho e a perseverança; a disposição para ouvir os que tinham algo a propor para o bem comum; a firmeza inabalável em dar a cada homem segundo seus méritos; e um conhecimento, adquirido pela experiência, das ocasiões que exigiam ação vigorosa e das que permitiam abrandamento.

E observei que havia superado toda paixão por rapazes; e ele não se considerava superior a qualquer outro cidadão; e dispensava seus amigos de toda obrigação de jantar com ele ou de acompanhá-lo necessariamente quando saía, e aqueles que deixavam de acompanhá-lo por alguma circunstância urgente sempre o encontravam com a mesma disposição.

Observei também seu hábito de investigar cuidadosamente todas as questões que exigiam deliberação, sua persistência e o fato de nunca interromper sua investigação por se satisfazer com as primeiras aparências; e que sua disposição era conservar os amigos, sem se cansar logo deles, nem ser excessivo em sua afeição; estar satisfeito em todas as ocasiões e ser alegre; prever as coisas com muita antecedência e cuidar das menores sem ostentação; conter imediatamente os aplausos populares e toda adulação; estar sempre atento ao que era necessário para a administração do império, administrar bem os gastos e suportar com paciência as críticas que recebia por essa conduta; e ele não era supersticioso em relação aos deuses, nem procurava conquistar os homens com presentes, tentando agradá-los ou

adulando o povo; mas mostrava sobriedade em tudo e firmeza, e nunca pensamentos ou ações mesquinhos, nem amor à novidade.

E as coisas que contribuem de algum modo para o conforto da vida, e que a fortuna fornece em abundância, ele usava sem arrogância e sem se desculpar; assim, quando as tinha, desfrutava delas sem afetação, e, quando não as tinha, não sentia sua falta.

Ninguém jamais poderia dizer que ele era um sofista, um escravo insolente [criado em casa] ou um pedante; mas todos o reconheciam como um homem maduro, completo, acima da adulação, capaz de administrar seus próprios assuntos e os dos outros.

Além disso, honrava os que eram verdadeiros filósofos e não censurava os que fingiam ser filósofos, nem se deixava conduzir facilmente por eles. Era também espontâneo na conversa e se fazia agradável sem nenhuma afetação ofensiva.

Cuidava de maneira razoável da saúde do corpo, não como alguém muito apegado à vida, nem por preocupação com a aparência pessoal, nem tampouco de maneira descuidada, mas de modo que, por sua própria atenção, muito raramente precisava da arte do médico, de remédios ou de aplicações externas.

Estava sempre muito disposto a reconhecer, sem inveja, aqueles que possuíam alguma habilidade particular, como a eloquência ou o conhecimento do direito, da moral ou de qualquer outra coisa; e lhes dava seu auxílio para que cada um desfrutasse de uma reputação de acordo com

seus méritos; e sempre agia de acordo com as instituições de seu país, sem demonstrar nenhuma afetação ao fazê-lo.

Além disso, não gostava de mudanças nem era inconstante, mas gostava de permanecer nos mesmos lugares e de se ocupar das mesmas coisas; e, depois de suas crises de dor de cabeça, voltava imediatamente revigorado e cheio de energia às suas ocupações habituais.

Seus segredos não eram muitos, mas pouquíssimos e muito raros, e tratavam apenas de assuntos públicos; e demonstrava prudência e economia na realização de espetáculos públicos, na construção de edifícios públicos, em suas doações ao povo e em coisas semelhantes, pois era um homem que tinha em vista o que devia ser feito, e não a reputação que se obtém pelos próprios atos.

Não tomava banho em horas impróprias; não gostava de construir casas, nem era exigente quanto ao que comia, à textura e à cor de suas roupas ou à beleza de seus escravos. Suas roupas vinham de Lório, sua propriedade no litoral, e em geral de Lanúvio. Sabemos como se comportou com o cobrador de pedágios em Túsculo que lhe pediu perdão; e assim era toda a sua conduta.

Não havia nele nada de áspero, implacável ou violento, nem, por assim dizer, coisa alguma levada ao ponto de fazê-lo suar; mas examinava cada coisa separadamente, como se tivesse tempo de sobra, sem confusão, de maneira ordenada, com vigor e constância.

E a ele se poderia aplicar o que se conta de Sócrates: que era capaz tanto de se abster como de desfrutar daquelas coisas das quais muitos são fracos

demais para se abster e que não conseguem desfrutar sem excesso.

Mas ser forte o bastante tanto para suportar a privação quanto para ser moderado no desfrute é a marca de um homem que tem uma alma perfeita e invencível, como ele demonstrou durante a doença de Máximo.

I.17

Aos deuses devo ter bons avôs, bons pais, uma boa irmã, bons professores, bons companheiros, bons parentes e amigos, quase tudo bom. Ademais, devo aos deuses não ter sido levado precipitadamente a ofender nenhum deles, embora tivesse uma disposição que, se a oportunidade surgisse, poderia ter me levado a fazer algo desse tipo; mas, por seu favor, nunca houve uma combinação de circunstâncias que me pusesse à prova.

Além disso, agradeço aos deuses por não ter sido criado por mais tempo com a concubina de meu avô, por ter preservado a flor de minha juventude e por não ter dado prova de minha virilidade antes da época apropriada, tendo até adiado esse momento; por ter ficado sob a autoridade de um governante e pai capaz de tirar de mim todo orgulho e de me fazer compreender que é possível a um homem viver em um palácio sem precisar de guardas, roupas bordadas, tochas, estátuas e ostentações semelhantes; mas que está ao alcance desse homem aproximar-se muito do modo de vida de uma pessoa comum, sem por isso ser mais mesquinho no pensamento ou mais negligente na ação quanto às coisas que precisam ser feitas pelo interesse público de uma maneira digna de um governante.

Agradeço aos deuses por me terem dado um irmão assim, capaz de, por seu caráter moral, despertar em mim a vigilância sobre mim mesmo e que, ao mesmo tempo, me alegrava com seu respeito e sua afeição; por meus filhos não terem sido pouco inteligentes nem deformados de corpo; por eu não ter avançado mais na retórica, na poesia e nos outros estudos, aos quais talvez tivesse me dedicado inteiramente se tivesse percebido que estava

progredindo neles; por ter me apressado em colocar aqueles que me criaram na posição de honra que pareciam desejar, sem adiá-la com a esperança de fazê-lo em outra ocasião, por serem então ainda jovens; por ter conhecido Apolônio, Rústico e Máximo; por ter recebido impressões claras e frequentes sobre viver de acordo com a natureza e sobre que tipo de vida é essa, de modo que, no que dependia dos deuses, de seus dons, de sua ajuda e de suas inspirações, nada me impedia de viver imediatamente de acordo com a natureza, embora eu ainda fique aquém disso por minha própria culpa e por não observar as advertências dos deuses e, quase posso dizer, suas instruções diretas; por meu corpo ter resistido tanto tempo a esse tipo de vida; por eu nunca ter tocado em Benedicta nem em Teódoto e por, depois de ter caído em paixões amorosas, ter sido curado, e por, embora muitas vezes tenha me irritado com Rústico, nunca ter feito nada de que tivesse motivo para me arrepender; por, embora fosse o destino de minha mãe morrer jovem, ela ter passado comigo os últimos anos de sua vida; por, sempre que desejei ajudar alguém em sua necessidade, ou em qualquer outra ocasião, nunca me terem dito que eu não tinha os meios para fazê-lo; e por eu mesmo nunca ter passado pela necessidade de receber algo de outra pessoa; por ter uma esposa assim, tão obediente, tão afetuosa e tão simples; por ter tido muitos bons mestres para meus filhos; e por remédios me terem sido mostrados em sonhos, tanto para outros males como contra o escarro com sangue e a tontura...; e por, quando senti inclinação pela filosofia, não ter caído nas mãos de nenhum sofista, e por não ter desperdiçado meu tempo com escritores [de histórias], nem na resolução de silogismos, nem ter me ocupado da investigação dos

fenômenos nos céus; pois todas essas coisas exigem a ajuda dos deuses e da fortuna.

Entre os quados, junto ao Grânua.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO II

✦

II.1

Comece a manhã dizendo a si mesmo: encontrarei o intrometido, o ingrato, o arrogante, o falso, o invejoso, o insociável. Todas essas coisas lhes acontecem por ignorarem o que é bom e o que é mau.

Mas eu, que vi que a natureza do bem é bela e a do mal é feia, e que a natureza daquele que age mal é semelhante à minha, pois ele não é [apenas] do mesmo sangue ou da mesma semente, mas participa da [mesma] inteligência e da [mesma] porção da divindade, não posso ser prejudicado por nenhum deles, pois ninguém pode me impor o que é feio, nem posso me irritar com meu semelhante ou odiá-lo.

Pois fomos feitos para cooperar, como os pés, as mãos, as pálpebras e as fileiras dos dentes superiores e inferiores. Agir uns contra os outros, portanto, é contrário à natureza; e irritar-se e afastar-se é agir uns contra os outros.

II.2

Seja o que for isto que sou, é um pouco de carne, sopro e a parte que governa. Jogue fora seus livros; não se distraia mais: isso não é permitido; mas, como se estivesse morrendo agora, despreze a carne: ela é sangue, ossos e uma rede, uma trama de nervos, veias e artérias.

Veja também o sopro, que espécie de coisa ele é: ar, e nem sempre o mesmo, mas a cada instante expelido e de novo aspirado. A terceira coisa, então, é a parte que governa; pense assim: você é um homem velho; não deixe mais que essa parte seja escrava, não seja mais puxado por fios, como um fantoche, para movimentos insociáveis, não fique mais insatisfeito com sua sorte presente nem recue diante do futuro.

II.3

Tudo o que vem dos deuses está cheio de providência. O que vem da fortuna não está separado da natureza, nem deixa de estar entrelaçado e envolvido com as coisas que são ordenadas pela providência. Dela todas as coisas fluem; e há, além disso, a necessidade e aquilo que beneficia o universo inteiro, do qual você é uma parte.

Mas é bom para cada parte da natureza aquilo que a natureza do todo traz e o que serve para conservar essa natureza. Ora, o universo se conserva tanto pelas mudanças dos elementos como pelas mudanças das coisas compostas desses elementos. Que esses princípios lhe sejam suficientes; que sejam sempre convicções firmes.

Mas abandone a sede de livros, para que não morra murmurando, e sim com alegria, verdadeiramente e de coração grato aos deuses.

II.4

Lembre-se de há quanto tempo vem adiando essas coisas e de quantas vezes recebeu dos deuses uma oportunidade e ainda assim não a aproveita. Agora, por fim, você deve perceber de que universo é uma parte e de que administrador do universo sua existência é uma emanação, e que lhe foi fixado um limite de tempo; se não o usar para dissipar as nuvens de sua mente, ele passará, e você também passará, e ele nunca voltará.

II.5

A cada instante, pense com firmeza, como romano e como homem, em fazer o que tem em mãos com perfeita e simples dignidade, com afeto, liberdade e justiça, e em se livrar de todos os outros pensamentos.

E você encontrará esse alívio se fizer cada ato de sua vida como se fosse o último, deixando de lado toda negligência e aversão apaixonada às ordens da razão, toda hipocrisia, amor-próprio e descontentamento com a porção que lhe foi dada.

Você vê como são poucas as coisas que, se um homem se apegar a elas, lhe permitem levar uma vida que transcorre em tranquilidade e se assemelha à existência dos deuses; pois os deuses, por sua vez, nada mais exigirão daquele que observa essas coisas.

II.6

Faça mal a si mesma, faça mal a si mesma, minha alma; mas você não terá mais a oportunidade de honrar a si mesma. A vida de cada homem é suficiente. Mas a sua está quase no fim, embora sua alma não reverencie a si mesma e coloque sua felicidade nas almas dos outros.

II.7

As coisas externas que lhe acontecem o distraem? Dê a si mesmo tempo para aprender algo novo e bom, e deixe de ser levado de um lado para outro. Mas também deve evitar ser arrastado na direção oposta; pois também são fúteis aqueles que se cansaram na vida com sua atividade e, no entanto, não têm um objetivo para o qual dirigir cada movimento e, em uma palavra, todos os seus pensamentos.

II.8

Raramente se viu um homem infeliz por não observar o que se passa na mente de outro; mas aqueles que não observam os movimentos da própria mente necessariamente serão infelizes.

II.9

Você deve sempre ter isto em mente: qual é a natureza do todo, qual é a minha natureza, como esta se relaciona com aquela, que espécie de parte ela é e de que espécie de todo, e que ninguém o impede de sempre fazer e dizer as coisas que estão de acordo com a natureza da qual você é uma parte.

II.10

Teofrasto, em sua comparação dos atos maus — uma comparação como a que se faria de acordo com as noções comuns da humanidade —, diz, como verdadeiro filósofo, que as faltas cometidas por desejo são mais censuráveis do que as cometidas por raiva.

Pois aquele que é tomado pela raiva parece se afastar da razão com certa dor e uma contração inconsciente; mas aquele que comete uma falta por desejo, dominado pelo prazer, parece ser, de certo modo, mais desregrado e mais afeminado em suas faltas.

Com razão, portanto, e de modo digno da filosofia, ele disse que a falta cometida com prazer é mais censurável do que aquela cometida com dor; e, em geral, um se parece mais com alguém que primeiro sofreu uma injustiça e, por causa da dor, é levado a se irritar, enquanto o outro é movido por seu próprio impulso a agir mal, sendo levado pelo desejo a fazer alguma coisa.

II.11

Como é possível que você deixe a vida neste exato instante, regule cada ato e pensamento de acordo com isso. Mas partir do meio dos homens, se há deuses, não é algo a temer, pois os deuses não o envolverão no mal; mas, se de fato não existem ou não se importam com os assuntos humanos, que me importa viver em um universo sem deuses ou sem providência?

Mas, na verdade, eles existem e se importam com as coisas humanas, e colocaram ao alcance do homem todos os meios para que ele possa evitar cair em males verdadeiros. Quanto às demais coisas, se houvesse nelas algum mal, teriam providenciado também que estivesse inteiramente ao alcance do homem não cair nele.

Ora, aquilo que não torna um homem pior, como pode tornar pior a vida de um homem? Mas não é possível que a natureza do universo tenha deixado passar essas coisas por ignorância ou por conhecê-las sem ter o poder de preveni-las ou corrigi-las; nem é possível que tenha cometido um erro tão grande, por falta de poder ou de habilidade, que o bem e o mal aconteçam indistintamente aos bons e aos maus.

Mas certamente a morte e a vida, a honra e a desonra, a dor e o prazer, todas essas coisas acontecem igualmente aos homens bons e aos maus, sendo coisas que não nos tornam nem melhores nem piores. Por conseguinte, não são nem boas nem más.

II.12

Como todas as coisas desaparecem depressa: no universo, os próprios corpos, e, no tempo, a lembrança deles. Qual é a natureza de todas as coisas sensíveis, sobretudo daquelas que atraem com a isca do prazer, aterrorizam pela dor ou são alardeadas por uma fama vaporosa; como são sem valor, desprezíveis, sórdidas, perecíveis e mortas: tudo isso cabe à faculdade intelectual observar.

Observar também quem são aqueles cujas opiniões e vozes conferem reputação; o que é a morte, e o fato de que, se um homem a examinar em si mesma e, pelo poder de abstração da reflexão, decompor em suas partes todas as coisas que nela se apresentam à imaginação, então a considerará apenas uma operação da natureza; e, se alguém teme uma operação da natureza, é uma criança.

Isso, porém, não é apenas uma operação da natureza, mas também algo que contribui para os propósitos da natureza. Observar também como o homem se aproxima da Divindade, por meio de que parte de si mesmo, e em que ocasião essa parte do homem se encontra assim disposta.

II.13

Nada é mais miserável do que um homem que percorre tudo em círculos, investiga as coisas sob a terra, como diz o poeta, e procura descobrir por conjecturas o que se passa na mente dos que estão à sua volta, sem perceber que basta cuidar do espírito que está dentro dele e reverenciá-lo sinceramente.

E reverenciar esse espírito consiste em mantê-lo livre de paixão, irreflexão e insatisfação com o que vem dos deuses e dos homens. Pois as coisas que vêm dos deuses merecem veneração por sua excelência; e as que vêm dos homens devem nos ser caras em razão do parentesco; e às vezes até, de certo modo, despertam nossa compaixão pela ignorância dos homens quanto ao bem e ao mal; sendo essa deficiência tão grande quanto aquela que nos priva da capacidade de distinguir as coisas brancas das pretas.

II.14

Ainda que você fosse viver três mil anos e outras tantas vezes dez mil anos, lembre-se de que nenhum homem perde outra vida senão esta que vive agora, nem vive outra senão esta que agora perde. Assim, a mais longa e a mais curta se igualam. Pois o presente é o mesmo para todos, embora o que perece não seja o mesmo; e assim aquilo que se perde parece ser apenas um instante.

Pois um homem não pode perder nem o passado nem o futuro: como alguém pode lhe tirar o que ele não tem? Você deve, então, ter em mente estas duas coisas: a primeira, que todas as coisas, desde a eternidade, têm formas semelhantes e se repetem em círculo, e que não faz diferença se um homem verá as mesmas coisas durante cem anos, duzentos ou um tempo infinito; e a segunda, que aquele que vive mais tempo e aquele que morrerá mais cedo perdem exatamente o mesmo.

Pois o presente é a única coisa de que um homem pode ser privado, se é verdade que essa é a única coisa que ele tem e que um homem não pode perder algo que não possui.

II.15

Lembre-se de que tudo é opinião. Pois é claro o que disse o cínico Mônimo; e também é clara a utilidade do que foi dito, se um homem acolhe o que disso pode tirar, na medida em que for verdadeiro.

II.16

A alma do homem faz violência a si mesma, antes de tudo, quando se torna um abscesso e, por assim dizer, um tumor no universo, tanto quanto pode. Pois irritar-nos com qualquer coisa que acontece é nos separarmos da natureza, em alguma parte da qual estão contidas as naturezas de todas as outras coisas.

Em seguida, a alma faz violência a si mesma quando se afasta de qualquer homem ou mesmo avança contra ele com a intenção de prejudicá-lo, como fazem as almas daqueles que estão com raiva. Em terceiro lugar, a alma faz violência a si mesma quando é dominada pelo prazer ou pela dor. Em quarto, quando representa um papel e faz ou diz qualquer coisa sem sinceridade e sem verdade.

Em quinto, quando permite que algum de seus atos e movimentos não tenha um objetivo, e faz alguma coisa sem pensar e sem considerar o que ela é, embora seja correto que até as menores coisas sejam feitas tendo em vista um fim; e o fim dos animais racionais é seguir a razão e a lei da mais antiga cidade e comunidade política.

II.17

Da vida humana, o tempo é um ponto, a substância está em fluxo, a percepção é embotada, a composição de todo o corpo está sujeita à putrefação, a alma é um turbilhão, a fortuna é difícil de prever e a fama é algo desprovido de discernimento.

E, para dizer tudo em uma palavra, tudo o que pertence ao corpo é uma corrente, e o que pertence à alma é sonho e vapor, e a vida é uma guerra e a estadia de um estrangeiro, e depois da fama vem o esquecimento. O que, então, é capaz de conduzir um homem? Uma coisa, e apenas uma: a filosofia.

Mas ela consiste em manter o espírito que há dentro do homem livre de violência e ileso, acima das dores e dos prazeres, sem fazer nada sem propósito, nem com falsidade e hipocrisia, sem sentir necessidade de que outro homem faça ou deixe de fazer alguma coisa; e, além disso, aceitando tudo o que acontece e tudo o que lhe é destinado como vindo daquele lugar, seja ele qual for, de onde ele próprio veio; e, por fim, esperando a morte com ânimo alegre, por ela ser apenas uma dissolução dos elementos de que todo ser vivo é composto.

Mas, se não há mal para os próprios elementos no fato de cada um se transformar continuamente em outro, por que um homem deveria ter algum receio da mudança e da dissolução de todos os elementos? Pois isso está de acordo com a natureza, e nada é mau quando está de acordo com a natureza.

Isto em Carnunto.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO III

✦

III.1

Devemos considerar não apenas que nossa vida se consome a cada dia e que resta uma parte menor dela, mas também levar em conta outra coisa: se alguém viver mais tempo, é bastante incerto que seu entendimento continue suficiente para compreender as coisas e conserve o poder de contemplação que busca adquirir o conhecimento do divino e do humano.

Pois, se começar a perder a lucidez pela velhice, a transpiração, a nutrição, a imaginação, o apetite e tudo o mais dessa espécie não deixarão de funcionar; mas a capacidade de fazer uso de nós mesmos, de cumprir plenamente nosso dever, de distinguir com clareza todas as aparências, de considerar se devemos agora deixar a vida e tudo o mais dessa espécie que exige absolutamente uma razão disciplinada — tudo isso já estará extinto.

Devemos, portanto, nos apressar, não apenas porque a cada dia estamos mais perto da morte, mas também porque a concepção das coisas e o entendimento delas cessam primeiro.

III.2

Devemos observar também que até as coisas que surgem como consequência daquelas que são produzidas de acordo com a natureza contêm algo agradável e atraente. Por exemplo, quando o pão é assado, algumas partes da superfície se racham, e essas partes que assim se abrem e adquirem uma forma contrária ao propósito da arte do padeiro são, de certo modo, belas e despertam de maneira peculiar o desejo de comer.

Da mesma forma, os figos, quando estão bem maduros, se abrem; e, nas azeitonas maduras, a própria circunstância de estarem perto de apodrecer acrescenta uma beleza peculiar ao fruto.

E as espigas que se curvam, as sobrancelhas do leão, a espuma que escorre da boca dos javalis e muitas outras coisas — embora estejam longe de ser belas se alguém as examinar separadamente —, por serem consequências das coisas formadas pela natureza, ajudam a adorná-las e agradam à mente; assim, se alguém tiver sensibilidade e uma compreensão mais profunda das coisas produzidas no universo, dificilmente haverá uma dessas consequências que não lhe pareça, de certo modo, disposta para proporcionar prazer.

Assim, verá até as verdadeiras mandíbulas escancaradas das feras com tanto prazer quanto aquelas que pintores e escultores representam por imitação; e numa mulher idosa e num homem idoso será capaz de ver certa maturidade e beleza; e poderá contemplar com olhos castos a beleza atraente dos jovens; e muitas coisas assim se apresentarão, agradáveis não a

todos, mas somente àquele que se tornou verdadeiramente familiarizado com a Natureza e suas obras.

III.3

Hipócrates, depois de curar muitas doenças, ele próprio adoeceu e morreu. Os caldeus previram a morte de muitos, e depois o destino também os alcançou. Alexandre, Pompeu e Caio César, depois de tantas vezes destruírem completamente cidades inteiras e de despedaçarem em batalha muitas dezenas de milhares de cavaleiros e soldados de infantaria, também eles por fim deixaram a vida.

Heráclito, depois de tantas especulações sobre a conflagração do universo, ficou cheio de água por dentro e morreu todo coberto de lama. E os piolhos destruíram Demócrito; e outros piolhos mataram Sócrates. O que significa tudo isso? Você embarcou, fez a viagem e chegou à margem; desembarque.

Se for para outra vida, não faltam deuses, nem mesmo lá; mas, se for para um estado sem sensações, você deixará de ser dominado pelas dores e pelos prazeres e de ser escravo do recipiente, que é tão inferior quanto aquilo que o serve é superior: pois um é inteligência e divindade; o outro é terra e corrupção.

III.4

Não desperdice o que resta de sua vida em pensamentos sobre os outros, quando não direcionar seus pensamentos a algum objetivo de utilidade comum. Pois você perde a oportunidade de fazer outra coisa quando tem pensamentos como estes: o que tal pessoa está fazendo, e por quê, o que está dizendo, em que está pensando, o que está tramando e tudo o mais dessa espécie que nos afasta da observação de nossa própria faculdade governante.

Devemos, portanto, conter na sequência de nossos pensamentos tudo o que não tem propósito e é inútil, mas sobretudo a curiosidade excessiva e a maldade; e devemos nos acostumar a pensar apenas naquelas coisas sobre as quais, se alguém perguntasse subitamente: Em que você está pensando agora?, pudéssemos responder imediatamente, com perfeita franqueza: Nisto ou Naquilo; de modo que nossas palavras deixassem claro que tudo em nós é simples e benevolente, como convém a um animal social, que não se ocupa de pensamentos sobre o prazer ou os deleites sensuais, nem tem rivalidade, inveja, suspeita ou qualquer outra coisa que nos faria corar se disséssemos que a temos em mente.

Pois o homem que é assim e já não adia sua entrada no número dos melhores é como um sacerdote e servidor dos deuses, usando também a [divindade] que está implantada dentro dele e que o torna incontaminado pelo prazer, ileso de qualquer dor, intocado por qualquer insulto, sem se sentir ofendido, um combatente no mais nobre combate, alguém que não pode ser dominado por nenhuma paixão, profundamente impregnado de

justiça, aceitando de toda a alma tudo o que acontece e lhe é atribuído como sua parte; e que não imagina com frequência o que outro diz, faz ou pensa, nem o faz sem grande necessidade e em benefício do interesse geral.

Pois ele toma como objeto de sua atividade somente o que lhe pertence; e pensa constantemente naquilo que lhe é atribuído no conjunto de todas as coisas, torna belas suas próprias ações e está convencido de que sua parte é boa. Pois o destino atribuído a cada pessoa é levado com ela e a leva consigo.

E ele se lembra também de que todo animal racional é seu parente e de que cuidar de todos os seres humanos está de acordo com a natureza humana; e devemos nos ater à opinião não de todos, mas somente daqueles que reconhecidamente vivem de acordo com a natureza.

Quanto aos que não vivem assim, ele sempre tem em mente que tipo de pessoas são, tanto em casa quanto fora dela, de noite e de dia, como são e com que pessoas levam uma vida impura. Por isso, não dá valor algum ao elogio vindo dessas pessoas, pois elas não estão satisfeitas nem consigo mesmas.

III.5

Não trabalhe de má vontade, nem sem considerar o interesse comum, nem sem a devida reflexão, nem com distração; não enfeite seus pensamentos com ornamentos elaborados, nem seja uma pessoa de muitas palavras ou ocupada com coisas demais.

Além disso, que a divindade que está em você seja a guardiã de um ser vivo, viril e de idade madura, dedicado aos assuntos políticos, romano e governante, que assumiu seu posto como alguém que espera o sinal que o chama a deixar a vida e está pronto para partir, sem precisar de juramento nem do testemunho de ninguém.

Seja também alegre e não busque ajuda externa nem a tranquilidade que os outros proporcionam. É preciso, portanto, manter-se de pé, sem ser sustentado pelos outros.

III.6

Se você encontrar na vida humana algo melhor que a justiça, a verdade, a temperança, a coragem e, numa palavra, algo melhor que a satisfação de sua própria mente com as coisas que ela lhe permite fazer de acordo com a reta razão e com a condição que lhe é atribuída sem sua escolha; se, digo eu, você vir algo melhor que isso, volte-se para esse algo com toda a sua alma e desfrute daquilo que encontrou como sendo o melhor.

Mas, se nada parece melhor que a Divindade implantada em você, que submeteu a si todos os seus apetites, examina cuidadosamente todas as impressões e, como disse Sócrates, se desligou das persuasões dos sentidos, se submeteu aos deuses e cuida da humanidade; se você achar tudo o mais menor e de menos valor que isso, não dê lugar a nenhuma outra coisa, pois, se uma única vez você se desviar e se inclinar a ela, já não será capaz de dar preferência, sem distração, àquele bem que é sua posse própria e particular; pois não é correto que algo de qualquer outra espécie, como o elogio da multidão, o poder ou o desfrute do prazer, venha competir com aquilo que é bom racional e politicamente [ou, na prática].

Todas essas coisas, embora pareçam se ajustar [às coisas melhores] em pequena medida, de repente ganham a superioridade e nos arrastam. Mas você, digo eu, escolha com simplicidade e liberdade o que é melhor e se apegue a isso.

— Mas o que é útil é o melhor. — Pois bem, se é útil a você como ser racional, mantenha-se nisso; mas, se é útil a você apenas como animal, diga

isso e sustente seu julgamento sem arrogância: apenas cuide de fazer a investigação por um método seguro.

III.7

Nunca considere vantajoso para você algo que o obrigue a quebrar sua promessa, perder o respeito por si mesmo, odiar alguém, suspeitar, amaldiçoar, agir com hipocrisia ou desejar qualquer coisa que precise de paredes e cortinas: pois aquele que preferiu a tudo o mais sua própria inteligência e seu espírito guardião, e o culto à excelência deste, não representa nenhum papel trágico, não geme, não precisará de solidão nem de muita companhia; e, o mais importante de tudo, viverá sem buscar nem fugir da [morte]; mas não se importa de modo algum se terá a alma encerrada no corpo por mais ou menos tempo: pois, mesmo que precise partir imediatamente, irá com tanta disposição como se fosse fazer qualquer outra coisa que possa ser feita com decência e ordem; cuidando apenas disto durante toda a vida: que seus pensamentos não se afastem de nada que pertença a um animal inteligente e a um membro de uma comunidade civil.

III.8

Na mente de quem é disciplinado e purificado, você não encontrará matéria corrompida, impureza nem qualquer ferida coberta por pele. Sua vida tampouco está incompleta quando o destino o alcança, como se poderia dizer de um ator que deixa o palco antes de concluir e terminar a peça. Além disso, não há nele nada servil, afetado, excessivamente ligado [a outras coisas], nem tampouco desligado [de outras coisas], nada digno de censura, nada que procure um esconderijo.

III.9

Reverencie a faculdade que produz a opinião. Depende inteiramente dessa faculdade que exista ou não, em sua parte governante, alguma opinião incompatível com a natureza e a constituição do animal racional. E essa faculdade promete liberdade em relação ao julgamento precipitado, amizade para com os seres humanos e obediência aos deuses.

III.10

Deixando de lado, portanto, todas as coisas, apegue-se apenas a estas poucas; e, ademais, tenha em mente que cada pessoa vive somente este tempo presente, que é um ponto indivisível, e que todo o restante de sua vida já passou ou é incerto. Curto, portanto, é o tempo que cada pessoa vive; e pequeno o canto da terra onde vive; e curta também a mais longa fama póstuma, e mesmo esta só é mantida por uma sucessão de pobres seres humanos que morrerão muito em breve e que não conhecem nem a si mesmos, muito menos aquele que morreu há tanto tempo.

III.11

Aos auxílios que foram mencionados, acrescente-se ainda este: faça para si uma definição ou descrição da coisa que lhe é apresentada, de modo a ver com clareza que espécie de coisa ela é em sua substância, em sua nudez, em sua totalidade completa, e diga a si mesmo seu nome próprio e os nomes das coisas de que foi composta e nas quais se decomporá.

Pois nada eleva tanto a mente quanto ser capaz de examinar metódica e verdadeiramente cada objeto que lhe é apresentado na vida e sempre olhar para as coisas de modo a ver, ao mesmo tempo, que espécie de universo é este, que utilidade cada coisa tem nele, que valor cada coisa tem em relação ao todo e em relação ao ser humano, que é cidadão da cidade mais elevada, da qual todas as outras cidades são como famílias; o que é cada coisa, de que é composta, por quanto tempo é de sua natureza durar, essa coisa que agora me causa uma impressão, e de que virtude preciso em relação a ela, como a brandura, a coragem, a verdade, a fidelidade, a simplicidade, o contentamento e as demais.

Por isso, em toda ocasião devemos dizer: Isto vem de deus; e isto está de acordo com a distribuição e a fiação do fio do destino, e com coincidências e acasos semelhantes; e isto vem de alguém da mesma linhagem, um parente e companheiro, que, no entanto, não sabe o que está de acordo com sua natureza.

Mas eu sei; por essa razão, trato-o segundo a lei natural da convivência, com benevolência e justiça. Ao mesmo tempo, porém, nas coisas indiferentes, procuro determinar o valor de cada uma.

III.12

Se você trabalhar naquilo que está diante de você, seguindo a reta razão com seriedade, vigor e calma, sem permitir que nenhuma outra coisa o distraia, mas mantendo pura sua parte divina, como se fosse obrigado a devolvê-la imediatamente; se você se mantiver nisso, sem esperar nada, sem temer nada, mas satisfeito com sua atividade presente de acordo com a natureza e com uma verdade heroica em cada palavra e som que pronunciar, viverá feliz. E não há ninguém capaz de impedir isso.

III.13

Assim como os médicos têm sempre seus instrumentos e facas prontos para os casos que exigem de repente sua habilidade, tenha também você princípios prontos para compreender as coisas divinas e humanas e para fazer tudo, mesmo o que há de menor, lembrando-se do laço que une o divino e o humano entre si. Pois você não fará bem nada que diga respeito ao ser humano sem, ao mesmo tempo, levar em consideração as coisas divinas; nem o contrário.

III.14

Não vagueie mais ao acaso; pois você não lerá suas próprias memórias, nem os feitos dos antigos romanos e helenos, nem as seleções de livros que vinha reservando para a velhice. Apresse-se, portanto, em direção ao fim que tem diante de si e, deixando de lado as esperanças vãs, venha em seu próprio auxílio, se você se importa consigo mesmo, enquanto isso está em seu poder.

III.15

Eles não sabem quantas coisas são significadas pelas palavras roubar, semear, comprar, ficar quieto, ver o que deve ser feito; pois isso não se realiza pelos olhos, mas por outro tipo de visão.

III.16

Corpo, alma, inteligência: ao corpo pertence a sensação, à alma os apetites, à inteligência os princípios. Receber as impressões das formas por meio das aparências é algo que pertence até aos animais; ser puxado pelos fios do desejo pertence tanto às feras quanto aos homens que se transformaram em mulheres, e a um Fálaris e a um Nero; e ter a inteligência que guia para as coisas que parecem convenientes pertence também aos que não acreditam nos deuses, traem sua pátria e praticam seus atos impuros depois de fechar as portas.

Se, portanto, tudo o mais é comum a todos os que mencionei, resta aquilo que é próprio do homem bom: estar satisfeito e contente com o que acontece e com o fio que é fiado para ele; e não profanar a divindade implantada em seu peito, nem perturbá-la com uma multidão de imagens, mas conservá-la tranquila, seguindo-a obedientemente como a um deus, sem dizer nada contrário à verdade nem fazer nada contrário à justiça.

E, se todos se recusarem a acreditar que ele leva uma vida simples, modesta e satisfeita, ele não se irrita com nenhum deles nem se desvia do caminho que leva ao fim da vida, ao qual devemos chegar puros, tranquilos, prontos para partir e, sem qualquer imposição, perfeitamente reconciliados com nosso destino.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO IV

✦

IV.1

Aquilo que governa em nosso interior, quando está de acordo com a natureza, reage aos acontecimentos de tal modo que sempre se adapta facilmente ao que é possível e se apresenta diante dele. Pois não exige nenhuma matéria determinada, mas avança em direção ao seu propósito, sob certas condições, porém; e transforma em matéria para si aquilo que se opõe a ele, assim como o fogo se apodera do que cai nele e que teria apagado uma pequena chama; mas, quando o fogo é forte, logo se apropria da matéria que se acumula sobre ele, a consome e se eleva ainda mais por meio dessa mesma matéria.

IV.2

Que nenhum ato seja feito sem um propósito, nem de outra maneira que não seja segundo os princípios perfeitos da arte.

IV.3

As pessoas procuram refúgios para si, casas no campo, praias e montanhas; e você também costuma desejar muito essas coisas. Mas isso é uma característica das pessoas mais comuns, pois está em seu poder recolher-se para dentro de si sempre que quiser.

Pois em nenhum lugar alguém se recolhe com mais sossego ou mais livre de perturbações do que na própria alma, sobretudo quando tem dentro de si pensamentos tais que, ao contemplá-los, imediatamente alcança perfeita tranquilidade; e afirmo que a tranquilidade nada mais é do que a boa organização da mente.

Portanto, conceda a si mesmo esse refúgio constantemente e renove-se; e que seus princípios sejam breves e fundamentais, de modo que, assim que recorrer a eles, sejam suficientes para purificar completamente a alma e mandá-lo de volta livre de todo descontentamento com as coisas às quais retorna. Pois com o que você está descontente? Com a maldade das pessoas?

Traga à mente esta conclusão: os animais racionais existem uns para os outros, suportar é uma parte da justiça, e as pessoas agem mal involuntariamente; e considere quantos, depois de inimizades mútuas, suspeitas, ódio e lutas, já ficaram estendidos, mortos, reduzidos a cinzas; e aquiete-se por fim.—Mas talvez você esteja insatisfeito com aquilo que lhe é destinado pelo universo.—Traga à memória esta alternativa: ou existe providência, ou átomos [encontro fortuito das coisas]; ou lembre-se dos argumentos pelos quais se provou que o mundo é uma espécie de

comunidade política [e aquiete-se por fim].—Mas talvez as coisas do corpo ainda se prendam a você.—Considere então, além disso, que a mente não se mistura com o sopro vital, quer ele se mova suavemente ou com violência, uma vez que ela se tenha separado e descoberto seu próprio poder; e pense também em tudo o que ouviu e aceitou a respeito da dor e do prazer [e aquiete-se por fim].—Mas talvez o desejo daquilo que se chama fama o atormente.—Veja como tudo é logo esquecido, e olhe para o caos do tempo infinito de cada lado [do presente], para o vazio dos aplausos, para a inconstância e a falta de discernimento daqueles que pretendem elogiar, e para a estreiteza do espaço ao qual a fama se limita [e aquiete-se por fim].

Pois a terra inteira é um ponto, e como é pequeno o canto dela em que você mora, como são poucos os que ali vivem, e que tipo de pessoas são as que vão elogiá-lo.

Resta então isto: lembre-se de se recolher a esse pequeno território que é seu e, acima de tudo, não se distraia nem se sobrecarregue, mas seja livre e olhe para as coisas como homem, como ser humano, como cidadão, como mortal. Mas, entre as coisas mais à mão às quais você recorrerá, estejam estas duas.

Uma é que as coisas não tocam a alma, pois são externas e permanecem imóveis; nossas perturbações vêm apenas da opinião que está dentro de nós. A outra é que todas essas coisas que você vê mudam imediatamente e deixarão de existir; e tenha sempre em mente quantas dessas mudanças você já testemunhou. O universo é transformação: a vida é opinião.

IV.4

Se nossa parte intelectual é comum, também é comum a razão, em virtude da qual somos seres racionais: se é assim, também é comum a razão que nos ordena o que fazer e o que não fazer; se é assim, também existe uma lei comum; se é assim, somos concidadãos; se é assim, somos membros de alguma comunidade política; se é assim, o mundo é, de certo modo, um Estado.

Pois de que outra comunidade política comum alguém dirá que toda a humanidade faz parte? E é de lá, dessa comunidade política comum, que vêm também nossa própria faculdade intelectual, nossa faculdade de raciocinar e nossa capacidade de ter leis; ou de onde vêm?

Pois, assim como minha parte terrestre é uma porção que me foi dada de certa terra, e aquilo que é aquoso veio de outro elemento, e aquilo que é quente e ígneo veio de alguma fonte própria (pois nada vem daquilo que não é nada, assim como nada retorna à inexistência), também a parte intelectual vem de alguma fonte.

IV.5

A morte é como a geração, um mistério da natureza; uma composição a partir dos mesmos elementos e uma decomposição nesses mesmos elementos; e de modo algum é algo de que alguém deva se envergonhar, pois não é contrária [à natureza de] um animal racional, nem contrária à razão de nossa constituição.

IV.6

É natural que essas coisas sejam feitas por tais pessoas; é uma questão de necessidade; e, se alguém não aceita que seja assim, tampouco permitirá que a figueira tenha seiva. Mas tenha sempre isto em mente: dentro de muito pouco tempo, tanto você quanto ele estarão mortos; e logo nem mesmo seus nomes restarão.

IV.7

Elimine sua opinião, e então será eliminada a queixa: "Fui prejudicado". Elimine a queixa: "Fui prejudicado", e o prejuízo será eliminado.

IV.8

Aquilo que não torna uma pessoa pior do que era também não torna sua vida pior, nem lhe causa dano de fora ou de dentro.

IV.9

A natureza daquilo que é [universalmente] útil foi impelida a fazer isso.

IV.10

Considere que tudo o que acontece acontece com justiça e, se observar com cuidado, descobrirá que é assim. Não digo isso apenas com respeito à continuidade da série de coisas, mas com respeito ao que é justo, como se fosse feito por alguém que atribui a cada coisa seu valor. Continue então a observar como começou; e, seja o que for que faça, faça-o em conjunto com isto: ser bom, no sentido em que se entende propriamente que um homem é bom. Mantenha-se nisso em cada ação.

IV.11

Não tenha das coisas a mesma opinião de quem lhe faz mal, nem aquela que ele deseja que você tenha, mas olhe para elas como são de verdade.

IV.12

Uma pessoa deve ter sempre estas duas regras à disposição: uma, fazer apenas aquilo que a razão da faculdade que governa e legisla sugerir para o benefício das pessoas; a outra, mudar de opinião se houver alguém por perto que a corrija e a afaste de alguma opinião. Mas essa mudança de opinião deve proceder apenas de uma convicção segura, como a respeito do que é justo ou de interesse comum, e coisas semelhantes, e não porque pareça agradável ou traga reputação.

IV.13

Você tem razão? Tenho.—Por que então não a usa? Pois, se ela faz seu próprio trabalho, o que mais você deseja?

IV.14

Você existiu como uma parte. Desaparecerá naquilo que o produziu; ou, melhor, será recebido de volta em seu princípio seminal por transmutação.

IV.15

Muitos grãos de incenso no mesmo altar: um cai antes, outro cai depois; mas isso não faz diferença.

IV.16

Dentro de dez dias, você parecerá um deus àqueles para quem agora é uma fera e um macaco, se voltar aos seus princípios e ao culto da razão.

IV.17

Não aja como se fosse viver dez mil anos. A morte paira sobre você. Enquanto vive, enquanto está em seu poder, seja bom.

IV.18

Quanto transtorno evita aquele que não procura ver o que seu próximo diz, faz ou pensa, mas apenas o que ele próprio faz, para que seja justo e puro; ou, como diz Agatão, não olhe ao redor para os costumes depravados dos outros, mas corra em linha reta, sem se desviar dela.

IV.19

Aquele que tem um desejo ardente de fama póstuma não considera que cada um dos que se lembram dele também morrerá muito em breve; depois, também os que lhes sucederam, até que toda a lembrança se apague ao ser transmitida por pessoas que admiram tolamente e perecem.

Mas suponha que aqueles que se lembrarão sejam até imortais, e que a lembrança seja imortal: o que isso significa para você? E não pergunto o que significa para os mortos, mas o que significa para os vivos? O que é o elogio, salvo na medida em que tem alguma utilidade? Pois agora você rejeita fora de hora o presente da natureza, apegando-se a outra coisa ....

IV.20

Tudo o que é belo de alguma forma é belo em si mesmo e se completa em si mesmo, sem ter o elogio como parte de si. Portanto, uma coisa não se torna pior nem melhor por ser elogiada. Afirmo isso também das coisas que as pessoas comuns chamam de belas, por exemplo, coisas materiais e obras de arte.

Aquilo que é verdadeiramente belo não precisa de nada; não mais do que a lei, não mais do que a verdade, não mais do que a benevolência ou a modéstia. Qual dessas coisas é bela porque é elogiada, ou se estraga por ser censurada? Uma esmeralda se torna pior do que era se não for elogiada? Ou o ouro, o marfim, a púrpura, uma lira, uma pequena faca, uma flor, um arbusto?

IV.21

Se as almas continuam a existir, como o ar as contém desde a eternidade? — Mas como a terra contém os corpos dos que foram enterrados desde tempos tão remotos? Pois, assim como aqui a transformação desses corpos após certa duração, seja ela qual for, e sua dissolução abrem espaço para outros corpos mortos, também as almas que são levadas para o ar, depois de subsistirem por algum tempo, são transmutadas e dispersas, e assumem uma natureza ígnea ao serem recebidas na inteligência seminal do universo, e assim abrem espaço para as novas almas que vêm habitar ali.

E essa é a resposta que alguém poderia dar na hipótese de as almas continuarem a existir. Mas devemos pensar não apenas no número de corpos que são assim enterrados, mas também no número de animais que são diariamente comidos por nós e pelos outros animais. Pois quantos são consumidos e, assim, de certo modo enterrados nos corpos daqueles que deles se alimentam!

E, no entanto, esta terra os recebe em razão das mudanças [desses corpos] em sangue e das transformações no elemento aéreo ou ígneo.

Em que consiste a investigação da verdade nessa questão? Na divisão entre aquilo que é material e aquilo que é a causa da forma [o formal],

IV.22

Não se deixe arrastar de um lado para outro, mas em cada movimento tenha em vista a justiça e, diante de cada impressão, preserve a faculdade de compreensão [ou entendimento].

IV.23

Tudo o que está em harmonia com você, ó Universo, está em harmonia comigo. Nada que chega no tempo devido para você chega cedo ou tarde demais para mim. Tudo o que suas estações trazem é fruto para mim, ó Natureza: de você vêm todas as coisas, em você estão todas as coisas, a você todas as coisas retornam. O poeta diz: Querida cidade de Cécrope; e você não dirá: Querida cidade de Zeus?

IV.24

Ocupe-se de poucas coisas, diz o filósofo, se quiser ter tranquilidade.—Mas considere se não seria melhor dizer: faça o que é necessário e tudo o que a razão do animal naturalmente social exige, e da maneira como ela exige. Pois isso traz não apenas a tranquilidade que vem de agir bem, mas também aquela que vem de fazer poucas coisas.

Pois, como a maior parte do que dizemos e fazemos é desnecessária, se alguém eliminar isso, terá mais tempo livre e menos inquietação. Assim, em cada ocasião, uma pessoa deve perguntar a si mesma: esta é uma das coisas desnecessárias?

É preciso eliminar não apenas os atos desnecessários, mas também os pensamentos desnecessários, pois assim os atos supérfluos não virão em seguida.

IV.25

Experimente como lhe convém a vida do homem bom, a vida daquele que está satisfeito com sua porção do todo e satisfeito com seus próprios atos justos e sua disposição benevolente.

IV.26

Você viu aquelas coisas? Olhe também para estas. Não se perturbe. Torne-se inteiramente simples. Alguém faz mal? É a si mesmo que ele faz mal. Algo aconteceu com você? Pois bem; desde o princípio, tudo o que acontece lhe foi destinado e tecido a partir do universo. Em uma palavra, sua vida é curta. Você deve aproveitar o presente com a ajuda da razão e da justiça. Seja moderado em seu descanso.

IV.27

Ou há um universo bem ordenado ou um caos amontoado, mas ainda assim um universo. Mas pode haver certa ordem em você e desordem no Todo? E isso quando todas as coisas estão tão separadas, dispersas e ligadas por uma afinidade mútua.

IV.28

Um caráter sombrio, um caráter afeminado, um caráter obstinado, bestial, infantil, animalesco, estúpido, falso, grosseiro, fraudulento, tirânico.

IV.29

Se é um estranho no universo aquele que não sabe o que há nele, não é menos estranho aquele que não sabe o que acontece nele. É um fugitivo aquele que foge da razão social; é cego aquele que fecha os olhos do entendimento; é pobre aquele que precisa de outro e não tem em si mesmo tudo o que é útil para a vida.

É um abscesso no universo aquele que se afasta e se separa da razão de nossa natureza comum por estar descontente com as coisas que acontecem, pois a mesma natureza produz isso e também produziu você: é um pedaço arrancado do Estado aquele que separa sua própria alma da alma dos animais racionais, que é uma só.

IV.30

Um é filósofo sem túnica, e o outro, sem livro: aqui está outro seminu: Não tenho pão, diz ele, e me mantenho fiel à razão—e não tiro de meu saber os meios de viver, e me mantenho fiel [à minha razão].

IV.31

Ame a arte que aprendeu, por mais humilde que seja, e contente-se com ela; e passe pelo restante da vida como alguém que confiou aos deuses, de toda a alma, tudo o que tem, sem se tornar tirano nem escravo de ninguém.

IV.32

Considere, por exemplo, os tempos de Vespasiano. Você verá todas estas coisas: pessoas se casando, criando filhos, adoecendo, morrendo, guerreando, festejando, negociando, cultivando a terra, adulando, sendo obstinadamente arrogantes, suspeitando, conspirando, desejando a morte de alguns, reclamando do presente, amando, acumulando tesouros, desejando o consulado, o poder real.

Pois bem, aquela vida dessas pessoas já não existe de modo algum. Passe agora aos tempos de Trajano. Novamente, tudo é igual. A vida deles também se foi. Da mesma forma, examine também as outras épocas e nações inteiras, e veja quantos, depois de grandes esforços, logo caíram e se decompuseram nos elementos.

Mas você deve pensar sobretudo naqueles que conheceu pessoalmente e que se consumiam com coisas inúteis, deixando de fazer o que estava de acordo com sua própria constituição, de se manter firmes nisso e de se contentar com isso. E aqui é necessário lembrar que a atenção dada a cada coisa tem seu valor e sua proporção adequados.

Pois assim você não ficará insatisfeito se se dedicar às questões menores apenas na medida apropriada.

IV.33

As palavras que antes eram familiares agora estão antiquadas: assim também os nomes dos que foram famosos antigamente estão agora, de certo modo, antiquados: Camilo, Cesão, Voleso, Leonato e, um pouco depois, também Cipião e Catão, depois Augusto, depois também Adriano e Antonino.

Pois todas as coisas logo passam e se tornam um mero relato, e o esquecimento completo logo as sepulta. E digo isso daqueles que brilharam de maneira extraordinária. Quanto aos demais, assim que dão o último suspiro, desaparecem, e ninguém fala deles. E, para concluir o assunto, o que é até mesmo uma lembrança eterna? Um mero nada.

Com o que, então, devemos empregar nossos esforços sérios? Com isto apenas: pensamentos justos, atos voltados à sociedade, palavras que nunca mintam e uma disposição que aceite de bom grado tudo o que acontece, como necessário, como habitual, como algo que flui de um princípio e de uma fonte da mesma natureza.

IV.34

Entregue-se de boa vontade a Cloto [uma das Parcas], permitindo que ela teça seu fio em tudo o que lhe agradar.

IV.35

Tudo dura apenas um dia, tanto aquilo que se lembra quanto aquilo que é lembrado.

IV.36

Observe constantemente que todas as coisas acontecem por meio da mudança e acostume-se a considerar que a natureza do universo não ama nada tanto quanto mudar as coisas que existem e fazer coisas novas semelhantes a elas. Pois tudo o que existe é, de certo modo, a semente daquilo que existirá. Mas você pensa apenas nas sementes que são lançadas na terra ou em um ventre: essa, contudo, é uma noção muito comum.

IV.37

Você logo morrerá, e ainda não é simples, nem livre de perturbações, nem livre da suspeita de ser ferido pelas coisas externas, nem bem-disposto para com todos; e ainda não situa a sabedoria apenas em agir com justiça.

IV.38

Examine os princípios que governam as pessoas, mesmo os dos sábios, que tipo de coisas evitam e que tipo de coisas buscam.

IV.39

Aquilo que é um mal para você não reside no princípio que governa outra pessoa; nem em qualquer alteração ou transformação de seu invólucro corporal. Onde está, então? Está naquela parte de você em que reside o poder de formar opiniões sobre os males. Que esse poder, então, não forme [tais] opiniões, e tudo estará bem.

E, se aquilo que está mais próximo dele, o pobre corpo, for cortado, queimado, cheio de pus e podridão, ainda assim que a parte que forma opiniões sobre essas coisas permaneça tranquila; isto é, que julgue que nada é mau ou bom se pode acontecer igualmente ao homem mau e ao bom.

Pois aquilo que acontece igualmente a quem vive contra a natureza e a quem vive de acordo com a natureza não é nem de acordo com a natureza nem contrário a ela.

IV.40

Considere constantemente o universo como um único ser vivo, com uma única substância e uma única alma; e observe como todas as coisas se referem a uma única percepção, a percepção desse único ser vivo; e como todas as coisas agem com um único movimento; e como todas as coisas são causas que cooperam para tudo o que existe; observe também a fiação contínua do fio e o entrelaçamento da trama.

IV.41

Você é uma pequena alma carregando um cadáver, como Epicteto costumava dizer (i. c. 19).

IV.42

Não é um mal para as coisas passar por mudanças, nem um bem para as coisas subsistir em consequência de mudanças.

IV.43

O tempo é como um rio formado pelos acontecimentos, uma correnteza violenta; pois, assim que uma coisa é vista, ela é levada embora, e outra vem em seu lugar, e essa também será levada embora.

IV.44

Tudo o que acontece é tão familiar e conhecido quanto a rosa na primavera e o fruto no verão; pois assim são a doença, a morte, a calúnia, a traição e tudo o mais que alegra os tolos ou os aflige.

IV.45

Na série das coisas, as que vêm depois sempre se ajustam adequadamente às que vieram antes: pois essa série não é como uma mera enumeração de coisas desconexas, que tem apenas uma sequência necessária, mas é uma conexão racional: e, assim como todas as coisas existentes estão dispostas juntas em harmonia, também as coisas que passam a existir mostram uma relação maravilhosa, além da mera sucessão (vi. 38; vii. 9; vii. 75, nota).

IV.46

Lembre-se sempre do dito de Heráclito: a morte da terra é tornar-se água, a morte da água é tornar-se ar, e a morte do ar é tornar-se fogo, e vice-versa. E pense também naquele que esquece aonde o caminho leva, e que as pessoas entram em conflito com aquilo com que estão em comunhão mais constante, a razão que governa o universo; e as coisas que encontram diariamente lhes parecem estranhas: e considere que não devemos agir e falar como se estivéssemos dormindo, pois até durante o sono parecemos agir e falar; e que não devemos, como crianças que aprendem com os pais, simplesmente agir e falar como nos ensinaram.

IV.47

Se algum deus lhe dissesse que você morreria amanhã, ou certamente depois de amanhã, você não se importaria muito se fosse no terceiro dia ou no dia seguinte, a menos que tivesse uma alma extremamente mesquinha; pois como é pequena a diferença! Assim, não considere grande coisa morrer depois de tantos anos quantos possa mencionar em vez de amanhã.

IV.48

Pense continuamente em quantos médicos estão mortos depois de tantas vezes franzirem as sobrancelhas diante dos doentes; e quantos astrólogos, depois de predizerem com grandes pretensões a morte dos outros; e quantos filósofos, depois de intermináveis discursos sobre a morte ou a imortalidade; quantos heróis, depois de matarem milhares; e quantos tiranos que usaram seu poder sobre a vida das pessoas com terrível insolência, como se fossem imortais; e quantas cidades estão inteiramente mortas, por assim dizer, Hélice, Pompeia, Herculano e inúmeras outras.

Acrescente à conta todos os que conheceu, um após o outro. Um homem, depois de enterrar outro, foi estendido morto, e outro o enterra; e tudo isso em pouco tempo. Para concluir, observe sempre como as coisas humanas são passageiras e sem valor, e aquilo que ontem era um pouco de muco amanhã será uma múmia ou cinzas.

Atravesse então este pequeno espaço de tempo de acordo com a natureza e termine sua jornada contente, como uma azeitona cai quando está madura, abençoando a natureza que a produziu e agradecendo à árvore em que cresceu.

IV.49

Seja como o promontório contra o qual as ondas se quebram continuamente, mas que permanece firme e acalma a fúria da água ao seu redor.

Sou infeliz porque isso me aconteceu? Não; sou feliz, embora isso me tenha acontecido, porque continuo livre de dor, sem ser esmagado pelo presente nem temer o futuro. Pois algo assim poderia ter acontecido a qualquer pessoa; mas nem todos teriam permanecido livres de dor em tal ocasião. Por que, então, aquilo seria uma desgraça mais do que isto uma boa sorte?

E você chama, em todos os casos, de desgraça para uma pessoa aquilo que não é um desvio da natureza humana? E uma coisa lhe parece um desvio da natureza humana quando não é contrária à vontade da natureza humana? Pois bem, você conhece a vontade da natureza.

Será então que isso que aconteceu o impedirá de ser justo, magnânimo, moderado, prudente, protegido contra opiniões irrefletidas e a falsidade; será que o impedirá de ter modéstia, liberdade e tudo o mais por cuja presença a natureza humana obtém tudo o que lhe é próprio?

Lembre-se também, em cada ocasião que lhe trouxer aflição, de aplicar este princípio: isso não é uma desgraça; suportá-lo com nobreza é uma boa sorte.

IV.50

É uma ajuda comum, mas ainda útil para desprezar a morte, passar em revista aqueles que se agarraram tenazmente à vida. O que ganharam a mais do que aqueles que morreram cedo?

Certamente, no fim, estão deitados em seus túmulos em algum lugar: Cadiciano, Fábio, Juliano, Lépido ou qualquer outro como eles, que levaram muitos para serem enterrados e depois foram eles mesmos levados.

No conjunto, o intervalo é pequeno [entre o nascimento e a morte]; e considere com quanto transtorno, na companhia de que tipo de pessoas e em que corpo frágil esse intervalo é atravessado com esforço. Não considere, então, a vida uma coisa de algum valor. Pois olhe para a imensidão do tempo atrás de você e para o tempo que está à sua frente, outro espaço sem limites.

Nessa infinidade, então, qual é a diferença entre aquele que vive três dias e aquele que vive três gerações?

IV.51

Corra sempre pelo caminho curto; e o caminho curto é o natural: portanto, diga e faça tudo de acordo com a razão mais sólida. Pois tal propósito livra uma pessoa de transtornos, de conflitos, de todo artifício e de exibições ostensivas.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO V

✦

V.1

De manhã, quando você se levantar sem vontade, tenha este pensamento em mente: estou me levantando para fazer o trabalho de um ser humano. Por que, então, estou insatisfeito, se vou fazer as coisas para as quais existo e para as quais fui trazido ao mundo? Ou fui feito para isto: ficar deitado debaixo das cobertas e me manter aquecido?

— Mas isso é mais agradável. — Você existe, então, para buscar seu prazer, e de modo algum para agir ou se esforçar? Não vê as pequenas plantas, os passarinhos, as formigas, as aranhas e as abelhas trabalhando juntos para pôr em ordem suas respectivas partes do universo?

E você não quer fazer o trabalho de um ser humano, nem se apressa em fazer o que está de acordo com sua natureza? Mas também é necessário descansar. — É necessário.

Contudo, a Natureza também fixou limites para isso: fixou limites para comer e beber, e ainda assim você ultrapassa esses limites, vai além do que basta; mas, em suas ações, não é assim: você fica aquém do que pode fazer. Portanto, você não ama a si mesmo, pois, se amasse, amaria sua natureza e a vontade dela.

Mas aqueles que amam suas respectivas artes se esgotam trabalhando nelas, sem se lavar e sem comer; você, contudo, dá menos valor à própria natureza do que o torneiro dá à arte de tornear, o dançarino à arte de dançar, o amante do dinheiro ao seu dinheiro ou o vaidoso à sua pequena glória.

E esses homens, quando têm uma forte paixão por alguma coisa, preferem ficar sem comer e sem dormir a deixar de aperfeiçoar aquilo com que se importam. Mas as ações que dizem respeito à sociedade são mais desprezíveis aos seus olhos e menos dignas de seu esforço?

V.2

Como é fácil repelir e apagar toda impressão que seja perturbadora ou inadequada, e imediatamente ficar em completa tranquilidade.

V.3

Julgue digna de você toda palavra e toda ação que estejam de acordo com a natureza; e não se deixe desviar pela censura que venha de qualquer pessoa, nem por suas palavras, mas, se uma coisa é boa de fazer ou dizer, não a considere indigna de você. Pois essas pessoas têm seu próprio princípio condutor e seguem seu próprio impulso; não dê atenção a essas coisas, mas siga em frente, acompanhando sua própria natureza e a natureza comum; e o caminho de ambas é um só.

V.4

Vou passando pelas coisas que acontecem de acordo com a natureza até cair e descansar, soltando meu sopro naquele elemento do qual diariamente o inspiro e caindo sobre aquela terra da qual meu pai recolheu a semente, minha mãe o sangue e minha ama o leite; da qual, durante tantos anos, recebi comida e bebida; que me sustenta quando piso nela e abuso dela para tantos fins.

V.5

Você diz: os homens não podem admirar a agudeza de minha inteligência. — Que seja; mas há muitas outras coisas das quais você não pode dizer: a natureza não me fez capaz delas.

Mostre, então, aquelas qualidades que estão inteiramente em seu poder: sinceridade, seriedade, resistência ao trabalho, aversão ao prazer, contentamento com sua parte e com poucas coisas, benevolência, franqueza, desapego do supérfluo, afastamento das futilidades, grandeza de alma.

Não vê quantas qualidades você pode demonstrar imediatamente, para as quais não existe a desculpa da incapacidade e da falta de aptidão naturais, e ainda assim continua voluntariamente abaixo do que deveria?

Ou será que as deficiências com que a natureza o dotou o obrigam a resmungar, a ser mesquinho, a bajular, a reclamar de seu pobre corpo, a procurar agradar aos homens, a se exibir e a ter a mente tão inquieta? Não, pelos deuses; você poderia ter se livrado dessas coisas há muito tempo.

Apenas se, de fato, você puder ser acusado de certa lentidão e dificuldade de compreensão, deve se esforçar também nesse ponto, sem negligenciá-lo nem se comprazer em sua falta de entendimento.

V.6

Um homem, quando presta um serviço a outro, está pronto para registrá-lo em sua conta como um favor concedido. Outro não está pronto para fazer isso, mas ainda assim, em sua mente, considera o homem seu devedor e sabe o que fez.

Um terceiro, de certo modo, nem sequer sabe o que fez, mas é como uma videira que produziu uvas e nada mais procura depois de ter produzido seu fruto próprio. Assim como um cavalo depois de correr, um cão depois de enfrentar a caça, uma abelha depois de fazer o mel, também um homem, depois de praticar uma boa ação, não chama os outros para que venham ver, mas passa a outra ação, como a videira passa a produzir de novo suas uvas na estação própria.

— Deve um homem, então, ser um desses que, de certo modo, agem assim sem perceber? — Sim. — Mas isto mesmo é necessário: perceber o que se está fazendo; pois, pode-se dizer, é próprio do animal social perceber que está trabalhando de maneira social e, de fato, desejar que seu companheiro de sociedade também o perceba.

— O que você diz é verdade, mas você não compreende corretamente o que se diz agora; e, por isso, se tornará um daqueles de quem falei antes, pois até eles são enganados por uma certa aparência de razão. Mas, se você decidir compreender o sentido do que foi dito, não tema que, por essa razão, venha a deixar de praticar qualquer ação social.

V.7

Uma prece dos atenienses: faça chover, faça chover, ó querido Zeus, sobre os campos arados dos atenienses e sobre as planícies. — Na verdade, ou não devemos rezar de modo algum, ou devemos rezar desta maneira simples e nobre.

V.8

Assim como devemos compreender quando se diz que Esculápio prescreveu a este homem exercícios a cavalo, banhos de água fria ou andar descalço, também devemos compreender quando se diz que a natureza do universo prescreveu a este homem doença, mutilação, perda ou qualquer outra coisa desse tipo.

Pois, no primeiro caso, Prescreveu significa algo assim: ele prescreveu isso a esse homem como algo adequado para lhe proporcionar saúde; e, no segundo caso, significa: aquilo que acontece a cada homem [ou lhe convém] é, de certo modo, determinado para ele de maneira adequada ao seu destino.

Pois é isso que queremos dizer quando afirmamos que as coisas nos convêm, assim como os trabalhadores dizem das pedras talhadas em esquadro nas paredes ou nas pirâmides que elas se ajustam, quando as encaixam umas nas outras em alguma espécie de ligação. Pois existe, no conjunto, um só ajuste [harmonia].

E, assim como o universo é composto de todos os corpos para ser o corpo que é, também a necessidade [destino] é composta de todas as causas existentes para ser a causa que é. E mesmo os inteiramente ignorantes compreendem o que quero dizer; pois dizem: ela [a necessidade, o destino] trouxe isso a tal pessoa.

— Isso, então, lhe foi trazido e lhe foi prescrito. Recebamos, portanto, essas coisas, assim como aquelas que Esculápio prescreve. Naturalmente, até

entre suas prescrições muitas são desagradáveis, mas as aceitamos na esperança de obter saúde. Considere o aperfeiçoamento e a realização das coisas que a natureza comum julga boas como algo da mesma espécie que sua saúde.

E assim aceite tudo o que acontece, mesmo que pareça desagradável, porque conduz a isto: à saúde do universo e à prosperidade e felicidade de Zeus [o universo]. Pois ele não teria trazido a nenhum homem aquilo que trouxe, se isso não fosse útil ao todo. Tampouco a natureza de qualquer coisa, seja ela qual for, causa algo que não seja adequado àquilo que ela dirige.

Por duas razões, portanto, é justo ficar contente com o que lhe acontece: uma, porque foi feito para você e prescrito para você e, de certo modo, dizia respeito a você, desde o princípio, a partir das causas mais antigas, entrelaçadas com seu destino; a outra, porque mesmo aquilo que acontece individualmente a cada homem é, para o poder que governa o universo, uma causa de felicidade e perfeição, e até de sua própria continuidade.

Pois a integridade do todo é mutilada se você retirar qualquer coisa da ligação e da continuidade, seja das partes, seja das causas. E você a retira, até onde está em seu poder, quando fica insatisfeito e, de certo modo, tenta tirar alguma coisa do caminho.

V.9

Não sinta desgosto, nem desânimo, nem insatisfação, se não conseguir fazer tudo de acordo com os princípios corretos; mas, quando falhar, volte novamente e fique contente se a maior parte do que faz estiver de acordo com a natureza humana, e ame aquilo a que você retorna; e não volte à filosofia como se ela fosse uma mestra, mas aja como aqueles que têm os olhos doloridos e aplicam um pouco de esponja e ovo, ou como outro que aplica um emplastro ou se banha com água.

Pois assim você não deixará de obedecer à razão e encontrará repouso nela. E lembre-se de que a filosofia exige apenas as coisas que sua natureza exige; mas você deseja alguma outra coisa que não está de acordo com a natureza.

— Pode-se objetar: ora, o que é mais agradável do que isto [que estou fazendo]? Mas não é justamente por isso que o prazer nos engana? E considere se a grandeza de alma, a liberdade, a simplicidade, a serenidade e a piedade não são mais agradáveis.

Pois o que é mais agradável do que a própria sabedoria, quando você pensa na segurança e no bom andamento de todas as coisas que dependem da faculdade de compreender e conhecer?

V.10

As coisas estão de tal modo encobertas que pareceram inteiramente incompreensíveis aos filósofos, e não a poucos nem aos comuns; até aos próprios estoicos elas parecem difíceis de compreender. E todo o nosso assentimento é mutável; pois onde está o homem que nunca muda?

Dirija, então, seus pensamentos aos próprios objetos e considere como são passageiros e sem valor, e que podem estar nas mãos de um miserável imundo, de uma prostituta ou de um ladrão. Depois volte-se para o caráter daqueles que vivem com você: mal é possível suportar até o mais agradável deles, sem falar que um homem mal consegue suportar a si mesmo.

Em tamanha escuridão e sujeira, então, e num fluxo tão constante da substância e do tempo, do movimento e das coisas que se movem, não consigo imaginar o que há que mereça ser muito estimado ou mesmo buscado com seriedade.

Pelo contrário, é dever de um homem consolar a si mesmo, esperar a dissolução natural e não se irritar com a demora, mas repousar apenas nestes princípios: um, que nada me acontecerá que não esteja de acordo com a natureza do universo; e o outro, que está em meu poder nunca agir contra meu deus e meu espírito guardião, pois não há homem que me obrigue a isso.

V.11

Em que estou empregando minha própria alma agora? Em toda ocasião devo fazer a mim mesmo essa pergunta e investigar: o que tenho agora nesta parte de mim que chamam de princípio governante? E de quem é a alma que tenho agora: de uma criança, de um jovem, de uma mulher frágil, de um tirano, de um animal doméstico ou de uma fera?

V.12

Podemos aprender até por isto que espécie de coisas são aquelas que parecem boas à maioria. Pois, se um homem concebesse certas coisas como realmente boas, tais como prudência, moderação, justiça e coragem, depois de primeiro concebê-las assim, não suportaria ouvir nada que não estivesse em harmonia com o que é realmente bom.

Mas, se um homem primeiro concebeu como boas as coisas que parecem boas à maioria, ouvirá e aceitará prontamente, como muito apropriado, aquilo que foi dito pelo autor de comédias. Assim, até a maioria percebe a diferença.

Pois, se não fosse assim, esse dito não ofenderia nem seria rejeitado [no primeiro caso], ao passo que o aceitamos, quando se refere à riqueza e aos meios que favorecem o luxo e a fama, como algo dito com propriedade e graça.

Prossiga, então, e pergunte se devemos valorizar e considerar boas aquelas coisas às quais, depois de sua primeira concepção na mente, poderiam ser aplicadas com propriedade as palavras do autor de comédias: que aquele que as possui, por pura abundância, não tem um lugar onde fazer suas necessidades.

V.13

Sou composto do formal e do material; e nenhum dos dois perecerá no não existir, assim como nenhum dos dois passou a existir a partir do não existir. Cada parte de mim será, então, transformada em alguma parte do universo, e esta, por sua vez, se transformará em outra parte do universo, e assim para sempre.

E, como consequência de uma mudança assim, eu também existo, e aqueles que me geraram, e assim para sempre na direção oposta. Pois nada nos impede de dizer isso, mesmo que o universo seja governado segundo períodos definidos [de revolução].

V.14

A razão e a arte de raciocinar [filosofia] são poderes que bastam a si mesmos e às suas próprias obras. Partem, então, de um primeiro princípio que lhes é próprio e seguem seu caminho até o fim que lhes é proposto; e essa é a razão pela qual tais ações são chamadas Catorthoseis, ou ações corretas, palavra que significa que elas seguem pelo caminho certo.

V.15

Nenhuma dessas coisas deve ser chamada de própria do homem se não pertence ao homem enquanto homem. Elas não são exigidas de um homem, nem a natureza humana as promete, nem são os meios pelos quais a natureza humana alcança seu fim.

Por conseguinte, o fim do homem não está nessas coisas, nem nelas está aquilo que ajuda a alcançar esse fim; e o que ajuda a alcançar esse fim é o que é bom. Além disso, se alguma dessas coisas pertencesse de fato ao homem, não seria certo que ele as desprezasse e se opusesse a elas; tampouco seria digno de elogio um homem que mostrasse não desejar essas coisas, nem seria bom aquele que se privasse de alguma delas, se de fato essas coisas fossem boas.

Mas, na verdade, quanto mais um homem se priva dessas coisas, ou de outras semelhantes, ou mesmo quando é privado de alguma delas, quanto mais pacientemente suporta a perda, na mesma medida é um homem melhor.

V.16

Tais como forem seus pensamentos habituais, assim também será o caráter de sua mente; pois a alma é tingida pelos pensamentos. Tinja-a, então, com uma série contínua de pensamentos como estes: por exemplo, que, onde um homem pode viver, ali também pode viver bem. Mas ele precisa viver num palácio; pois bem, também pode viver bem num palácio.

E, ainda, considere que, seja qual for o propósito para o qual cada coisa foi constituída, foi para isso que ela foi constituída e é para isso que tende; e seu fim está naquilo para o qual tende; e onde está o fim, ali também estão a vantagem e o bem de cada coisa. Ora, o bem do animal racional é a sociedade; pois já foi mostrado acima que fomos feitos para a sociedade.

Não é evidente que o inferior existe em benefício do superior? Mas as coisas que têm vida são superiores às que não têm vida, e, entre as que têm vida, as superiores são as que têm razão.

V.17

Buscar o impossível é loucura; e é impossível que os maus não façam algo desse tipo.

V.18

Nada acontece a qualquer homem que ele não tenha sido formado pela natureza para suportar. As mesmas coisas acontecem a outro, e, seja porque ele não percebe que aconteceram, seja porque deseja mostrar grandeza de espírito, ele se mantém firme e permanece ileso. É uma vergonha, então, que a ignorância e a presunção sejam mais fortes do que a sabedoria.

V.19

As coisas em si não tocam a alma, nem no menor grau; não têm entrada na alma, nem podem fazê-la mudar de direção ou movê-la; mas a alma muda de direção e se move por si só e, quaisquer que sejam os julgamentos que considere apropriado fazer, é de acordo com eles que ela torna, para si mesma, as coisas que se apresentam a ela.

V.20

Sob um aspecto, o homem é o que há de mais próximo de mim, na medida em que devo fazer o bem aos homens e suportá-los. Mas, na medida em que alguns homens se tornam obstáculos às ações que me são próprias, o homem se torna para mim uma das coisas indiferentes, tanto quanto o sol, o vento ou uma fera.

Ora, é verdade que essas coisas podem impedir minha ação, mas não são impedimentos aos meus impulsos e à minha disposição, que têm o poder de agir conforme as condições e de mudar; pois a mente converte e transforma todo impedimento à sua atividade em auxílio; e assim aquilo que é um impedimento se torna um meio de promover uma ação; e aquilo que é um obstáculo no caminho nos ajuda a seguir por esse caminho.

V.21

Reverencie o que há de melhor no universo; e isso é o que faz uso de todas as coisas e dirige todas as coisas. E, da mesma maneira, reverencie também o que há de melhor em você; e isso é da mesma espécie que aquilo. Pois, em você também, é isso que faz uso de todo o resto, e sua vida é dirigida por isso.

V.22

Aquilo que não causa dano ao Estado não causa dano ao cidadão. Diante de toda aparência de dano, aplique esta regra: se o Estado não é prejudicado por isso, eu também não sou prejudicado. Mas, se o Estado é prejudicado, você não deve ficar com raiva de quem causa dano ao Estado. Mostre-lhe onde está seu erro.

V.23

Pense com frequência na rapidez com que as coisas passam e desaparecem, tanto as que existem quanto as que surgem. Pois a substância é como um rio em fluxo contínuo, as atividades das coisas estão em constante mudança e as causas atuam de maneiras infinitamente variadas; e quase nada permanece imóvel.

E considere isto que está perto de você: este abismo sem limites do passado e do futuro, no qual todas as coisas desaparecem. Como, então, não é tolo aquele que se enche de orgulho por essas coisas ou se atormenta por elas e se torna infeliz? Pois elas o afligem apenas por algum tempo, e um tempo curto.

V.24

Pense na substância universal, da qual você tem uma porção muito pequena; e no tempo universal, do qual lhe foi atribuído um intervalo curto e indivisível; e naquilo que é determinado pelo destino, e em como é pequena a parte que você representa disso.

V.25

Outro me faz mal? Que ele cuide disso. Ele tem sua própria disposição, sua própria atividade. Eu agora tenho o que a natureza universal agora quer que eu tenha; e faço o que minha natureza agora quer que eu faça.

V.26

Que a parte de sua alma que conduz e governa não seja perturbada pelos movimentos da carne, sejam de prazer ou de dor; e que ela não se una a eles, mas se delimite e restrinja essas afecções às partes a que pertencem. Mas, quando essas afecções chegarem à mente em virtude daquela outra ligação natural que existe num corpo que é um só, então você não deve se esforçar para resistir à sensação, pois ela é natural; mas que a parte governante não acrescente por si mesma à sensação a opinião de que ela é boa ou má.

V.27

Viva com os deuses. E vive de fato com os deuses aquele que constantemente lhes mostra que sua própria alma está satisfeita com aquilo que lhe foi atribuído e que faz tudo o que deseja o espírito guardião, que Zeus deu a cada homem como seu guardião e guia, uma porção de si mesmo. E isso é o entendimento e a razão de cada homem.

V.28

Você fica com raiva daquele cujas axilas cheiram mal? Fica com raiva daquele cuja boca tem mau cheiro? De que lhe servirá essa raiva? Ele tem uma boca assim, tem axilas assim: é necessário que de tais coisas venha tal emanação. Mas o homem tem razão, dirão, e é capaz, se fizer um esforço, de descobrir em que ofende; desejo-lhe sucesso em sua descoberta.

Pois bem, você também tem razão: por meio de sua faculdade racional, desperte a faculdade racional dele; mostre-lhe seu erro, aconselhe-o. Pois, se ele ouvir, você o curará, e não haverá necessidade de raiva. [Nem ator trágico nem prostituta.]

V.29

Assim como você pretende viver quando tiver saído daqui, ... também está em seu poder viver aqui. Mas, se os homens não permitirem, então saia da vida, contudo como se não estivesse sofrendo dano algum. A casa está cheia de fumaça, e eu a deixo. Por que você pensa que isso é algum problema? Mas, enquanto nada desse tipo me expulsar, permaneço, sou livre, e nenhum homem me impedirá de fazer o que escolho; e escolho fazer o que está de acordo com a natureza do animal racional e social.

V.30

A inteligência do universo é social. Por isso, fez as coisas inferiores em benefício das superiores e ajustou as superiores umas às outras. Você vê como ela subordinou, coordenou e atribuiu a cada coisa sua porção própria, e como reuniu em harmonia umas com as outras as coisas que são as melhores.

V.31

Como você tem se comportado até agora com os deuses, seus pais, irmãos, filhos, mestres, com aqueles que cuidaram de sua infância, com seus amigos, parentes, com seus escravos? Considere se até agora você se comportou com todos de tal maneira que se possa dizer de você:

"Nunca fez mal a um homem por atos ou palavras."

E traga à lembrança tanto as muitas coisas pelas quais passou quanto as muitas coisas que foi capaz de suportar, e que a história de sua vida agora está completa e seu serviço terminou; e quantas coisas belas você viu; e quantos prazeres e dores desprezou; e quantas coisas chamadas honrosas rejeitou; e a quantas pessoas mal-intencionadas mostrou uma disposição bondosa.

V.32

Por que almas sem habilidade e ignorantes perturbam aquele que tem habilidade e conhecimento? Que alma, então, tem habilidade e conhecimento? Aquela que conhece o princípio e o fim, e conhece a razão que permeia toda a substância e que, ao longo de todo o tempo, em períodos fixos [revoluções], governa o universo.

V.33

Em breve, muito em breve, você será cinzas ou um esqueleto, e um nome ou nem sequer um nome; mas um nome é som e eco. E as coisas muito valorizadas na vida são vazias, podres e insignificantes, e [como] cachorrinhos mordendo uns aos outros e criancinhas brigando, rindo e logo depois chorando. Mas a fidelidade, a modéstia, a justiça e a verdade fugiram

Para o alto do Olimpo, deixando a vasta terra.

HESÍODO, Os Trabalhos, etc. v. 197.

O que, então, ainda o detém aqui, se os objetos dos sentidos mudam facilmente e nunca permanecem imóveis, e os órgãos da percepção são pouco sensíveis e recebem facilmente impressões falsas, e a própria pobre alma é uma exalação do sangue? Mas ter boa reputação em um mundo como este é uma coisa vazia.

Por que, então, você não espera com tranquilidade pelo seu fim, seja ele a extinção ou a passagem para outro estado? E, até que esse tempo chegue, o que basta?

Ora, que outra coisa senão venerar os deuses e bendizê-los, fazer o bem aos homens e praticar a tolerância e o domínio de si; mas, quanto a tudo o que está além dos limites da pobre carne e do sopro, lembrar que isso não é seu nem está em seu poder.

V.34

Você pode passar a vida num fluxo constante de felicidade, se puder seguir pelo caminho certo e pensar e agir da maneira certa. Estas duas coisas são comuns à alma de Deus, à alma do homem e à alma de todo ser racional: não ser impedido por outro; e considerar que o bem consiste na disposição para a justiça e em sua prática, e deixar que nisso seu desejo encontre seu fim.

V.35

Se isso não é minha própria maldade, nem um efeito de minha própria maldade, e o bem comum não é prejudicado, por que me perturbo com isso, e qual é o dano ao bem comum?

V.36

Não se deixe levar irrefletidamente pela aparência das coisas, mas dê ajuda [a todos] conforme sua capacidade e o que for adequado a eles; e, se tiverem sofrido perda em questões indiferentes, não imagine que isso seja um dano, pois esse é um mau hábito. Mas, assim como o velho, ao partir, pediu de volta o pião de seu filho de criação, lembrando que era um pião, faça você também assim neste caso.

Quando você está discursando na tribuna dos Rostros, esqueceu, homem, o que são essas coisas? — Sim, mas são objetos de grande preocupação para essas pessoas. — Você também, então, se tornará um tolo por causa dessas coisas? Eu já fui um homem afortunado, mas perdi isso, não sei como. — Mas ser afortunado significa que um homem atribuiu a si mesmo uma boa fortuna; e uma boa fortuna é uma boa disposição da alma, boas emoções, boas ações.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO VI

✦

VI.1

A substância do universo é obediente e dócil; e a razão que o governa não tem em si nenhuma causa para fazer o mal, pois não tem malícia, nem faz mal a coisa alguma, nem nada é prejudicado por ela. Mas todas as coisas são feitas e aperfeiçoadas de acordo com essa razão.

VI.2

Que não faça diferença para você estar com frio ou calor, se estiver cumprindo seu dever; nem estar sonolento ou ter dormido o suficiente; nem ser difamado ou elogiado; nem estar morrendo ou fazendo outra coisa. Pois esse ato pelo qual morremos é um dos atos da vida; basta, portanto, também nesse ato, fazer bem o que temos em mãos.

VI.3

Olhe para dentro. Que nem a qualidade própria de coisa alguma nem seu valor lhe escapem.

VI.4

Todas as coisas existentes logo mudam, e serão reduzidas a vapor, se de fato toda substância for uma só, ou serão dispersadas.

VI.5

A razão que governa sabe qual é sua própria disposição, o que faz e sobre que matéria trabalha.

VI.6

A melhor maneira de se vingar é não se tornar semelhante [a quem cometeu a injustiça].

VI.7

Encontre prazer em uma só coisa e nela descanse: passar de um ato em favor da sociedade a outro, pensando em Deus.

VI.8

O princípio que governa é aquilo que desperta e dirige a si mesmo; e, ao se tornar como é e como deseja ser, também faz com que tudo o que acontece lhe pareça ser como deseja.

VI.9

Cada coisa se realiza em conformidade com a natureza do universo; pois certamente não é em conformidade com qualquer outra natureza que cada coisa se realiza, seja uma natureza que contenha esta de fora, uma natureza contida nesta, ou uma natureza exterior e independente desta.

VI.10

O universo é ou uma confusão, um entrelaçamento mútuo das coisas e uma dispersão, ou é unidade, ordem e providência. Se for a primeira hipótese, por que desejo permanecer numa combinação fortuita de coisas e em tamanha desordem? E por que me importo com qualquer outra coisa além de como, por fim, me tornarei terra? E por que me perturbo, se a dispersão dos meus elementos acontecerá, faça eu o que fizer? Mas, se a outra hipótese for verdadeira, venero, permaneço firme e confio naquele que governa.

VI.11

Quando as circunstâncias o obrigarem a se perturbar de algum modo, volte depressa a si mesmo e não continue fora de harmonia por mais tempo do que durar essa imposição; pois terá maior domínio sobre a harmonia se voltar a ela continuamente.

VI.12

Se você tivesse uma madrasta e uma mãe ao mesmo tempo, cumpriria seus deveres para com a madrasta, mas ainda assim voltaria constantemente à sua mãe. Que a corte e a filosofia sejam agora, para você, madrasta e mãe: volte com frequência à filosofia e repouse nela, pois, por meio dela, o que você encontra na corte lhe parece tolerável, e você parece tolerável na corte.

VI.13

Quando temos diante de nós carne e outros alimentos semelhantes, recebemos a impressão de que isto é o corpo morto de um peixe, e aquilo, o corpo morto de uma ave ou de um porco; e, ainda, de que este vinho falerno é apenas um pouco de suco de uva, e esta veste de púrpura, um pouco de lã de ovelha tingida com o sangue de um molusco: assim são essas impressões, que alcançam as próprias coisas e penetram nelas, de modo que vemos que tipo de coisas são.

Exatamente da mesma maneira devemos agir ao longo de toda a vida; e, onde houver coisas que pareçam mais dignas de nossa aprovação, devemos desnudá-las, olhar sua falta de valor e despi-las de todas as palavras pelas quais são exaltadas.

Pois a aparência exterior é uma extraordinária corruptora da razão, e, quando você tem mais certeza de estar ocupado com coisas que valem seu esforço, é então que ela mais o engana. Considere, por conseguinte, o que Crates diz do próprio Xenócrates.

VI.14

A maioria das coisas que a multidão admira pertence à categoria mais geral de objetos, aqueles que se mantêm unidos pela coesão ou pela organização natural, como pedras, madeira, figueiras, videiras, oliveiras. Mas as coisas admiradas por homens um pouco mais sensatos pertencem àquelas que se mantêm unidas por um princípio vivo, como rebanhos e manadas.

As coisas admiradas por homens ainda mais instruídos são aquelas que se mantêm unidas por uma alma racional, não, contudo, uma alma universal, mas racional na medida em que é uma alma hábil em alguma arte, ou perita de alguma outra maneira, ou simplesmente racional na medida em que possui certo número de escravos.

Mas aquele que valoriza uma alma racional, uma alma universal e apta para a vida política, não considera nada além disso; e, acima de tudo, mantém sua alma numa condição e numa atividade conformes à razão e à vida em sociedade, e coopera para esse fim com aqueles que são da mesma natureza que ele.

VI.15

Algumas coisas se apressam a vir à existência, e outras se apressam a deixá-la; e, daquilo que está vindo à existência, uma parte já se extinguiu. Movimentos e mudanças renovam continuamente o mundo, assim como o curso ininterrupto do tempo está sempre renovando a duração infinita das eras.

Nessa corrente que flui, portanto, na qual não há permanência, qual das coisas que passam depressa mereceria que um homem lhe atribuísse grande valor? Seria como se um homem se apaixonasse por um dos pardais que voam de passagem, mas ele já tivesse desaparecido de vista. Algo assim é a própria vida de cada homem, como a exalação do sangue e a respiração do ar.

Pois, assim como é inspirar o ar uma vez e devolvê-lo, o que fazemos a cada instante, o mesmo acontece com toda a capacidade respiratória, que você recebeu ao nascer, ontem e anteontem, para devolvê-la ao elemento do qual primeiro a extraiu.

VI.16

Nem a transpiração, como nas plantas, é algo a ser valorizado, nem a respiração, como nos animais domésticos e nas feras, nem o recebimento de impressões pelas aparências das coisas, nem ser movido pelos desejos como marionetes por fios, nem reunir-se em rebanhos, nem nutrir-se de alimento; pois isso é como o ato de separar e eliminar a parte inútil de nossa comida.

O que, então, merece ser valorizado? Ser recebido com aplausos? Não. Tampouco devemos valorizar o aplauso das línguas; pois o elogio que vem da multidão é um aplauso de línguas. Suponha, então, que você tenha abandonado essa coisa sem valor chamada fama: o que resta que mereça ser valorizado?

Isto, em minha opinião: agir e se conter em conformidade com sua própria constituição, fim para o qual conduzem todas as ocupações e artes. Pois toda arte tem este objetivo: que a coisa feita seja adequada ao trabalho para o qual foi feita; e tanto o cultivador que cuida da videira quanto o domador de cavalos e aquele que treina o cão buscam esse fim.

Mas a educação e o ensino dos jovens têm um objetivo. Nisso, portanto, está o valor da educação e do ensino. E, se isso estiver bem, você não buscará mais nada. Você não deixará de valorizar também muitas outras coisas? Então não será livre, nem capaz de bastar a si mesmo para sua felicidade, nem livre das paixões.

Pois necessariamente terá inveja, ciúme e desconfiança daqueles que podem tirar essas coisas de você, e tramará contra aqueles que possuem o que você valoriza. Necessariamente, um homem que deseja qualquer dessas coisas estará completamente perturbado; e, além disso, muitas vezes terá de censurar os deuses.

Mas reverenciar e honrar sua própria mente fará com que você esteja contente consigo mesmo, em harmonia com a sociedade e de acordo com os deuses, isto é, louvando tudo o que eles dão e ordenaram.

VI.17

Acima, abaixo, por toda parte estão os movimentos dos elementos. Mas o movimento da virtude não está em nenhum deles: é algo mais divino e, avançando por um caminho que mal se percebe, segue feliz em sua jornada.

VI.18

Como os homens agem de maneira estranha! Não querem elogiar aqueles que vivem na mesma época e convivem com eles; mas serem eles próprios elogiados pela posteridade, por aqueles que nunca viram nem jamais verão, a isso dão muito valor. Mas isso é quase o mesmo que você se entristecer porque aqueles que viveram antes de você não o elogiaram.

VI.19

Se algo é difícil de realizar por você mesmo, não pense que seja impossível para o ser humano; mas, se algo é possível para o ser humano e conforme à sua natureza, pense que você também pode alcançá-lo.

VI.20

Suponha que, nos exercícios de ginástica, um homem tenha arranhado você com as unhas e, ao bater contra sua cabeça, tenha causado uma ferida. Pois bem, não mostramos sinais de irritação, nem nos ofendemos, nem depois desconfiamos dele como de um traiçoeiro; e, no entanto, ficamos atentos a ele, mas não como a um inimigo, nem com desconfiança: simplesmente saímos de seu caminho com tranquilidade.

Que seu comportamento seja semelhante em todas as outras partes da vida; deixemos passar muitas coisas naqueles que são como adversários no ginásio. Pois está em nosso poder, como eu disse, sair do caminho e não ter desconfiança nem ódio.

VI.21

Se alguém for capaz de me convencer e mostrar que não penso ou ajo corretamente, mudarei com prazer; pois busco a verdade, pela qual ninguém jamais foi prejudicado. Mas é prejudicado aquele que permanece em seu erro e em sua ignorância.

VI.22

Cumpro meu dever: as outras coisas não me perturbam; pois são coisas sem vida, ou coisas sem razão, ou coisas que se desviaram e não conhecem o caminho.

VI.23

Quanto aos animais que não têm razão e, em geral, a todas as coisas e objetos, já que você tem razão e eles não, faça uso deles com espírito generoso e liberal. Mas, para com os seres humanos, por terem razão, comporte-se com espírito de sociabilidade. E, em todas as ocasiões, invoque os deuses e não se inquiete com o tempo durante o qual fará isso; pois até três horas assim empregadas são suficientes.

VI.24

Alexandre, o Macedônio, e seu tratador de cavalos foram levados pela morte ao mesmo estado; pois ou foram recebidos entre os mesmos princípios seminais do universo, ou foram igualmente dispersados entre os átomos.

VI.25

Considere quantas coisas acontecem em cada um de nós no mesmo instante indivisível — coisas que dizem respeito ao corpo e coisas que dizem respeito à alma: assim você não se admirará de que muitas outras coisas, ou melhor, todas as coisas que vêm à existência naquilo que é o uno e o todo, que chamamos Cosmos, existam nele ao mesmo tempo.

VI.26

Se alguém lhe perguntasse como se escreve o nome Antonino, você pronunciaria cada letra forçando a voz? E, se ficarem zangados, você também ficará zangado? Não continuará com serenidade, enumerando cada letra? Assim também, nesta vida, lembre-se de que cada dever é composto de certas partes. É seu dever observá-las e, sem se perturbar nem mostrar raiva daqueles que estão zangados com você, seguir seu caminho e terminar o que lhe foi proposto.

VI.27

Como é cruel não permitir que os homens se esforcem para alcançar as coisas que lhes parecem adequadas à sua natureza e proveitosas! E, no entanto, de certo modo você não permite que façam isso quando se irrita porque agem mal. Pois certamente são levados às coisas porque supõem que sejam adequadas à sua natureza e proveitosas para eles. Mas não é assim. Ensine-os, por conseguinte, e mostre-lhes isso sem se zangar.

VI.28

A morte é a cessação das impressões pelos sentidos, dos puxões dos fios que movem os apetites, dos movimentos discursivos dos pensamentos e do serviço à carne.

VI.29

É uma vergonha que a alma seja a primeira a ceder nesta vida, quando seu corpo não cede.

VI.30

Cuide para que você não se transforme num César, para que não seja tingido com essa tinta; pois essas coisas acontecem. Mantenha-se, por conseguinte, simples, bom, puro, sério, sem afetação, amigo da justiça, adorador dos deuses, bondoso, afetuoso, empenhado em todas as ações apropriadas. Esforce-se para continuar sendo como a filosofia desejou torná-lo.

Reverencie os deuses e ajude os homens. A vida é curta. Há apenas um fruto desta vida terrena: uma disposição piedosa e atos em favor da sociedade. Faça tudo como discípulo de Antonino.

Lembre-se de sua constância em cada ato conforme à razão, de sua serenidade em todas as coisas, de sua piedade, da tranquilidade de seu semblante, de sua doçura, de seu desprezo pela fama vazia e de seus esforços para compreender as coisas; de como nunca deixava passar nada sem antes examiná-lo com o maior cuidado e compreendê-lo claramente; de como suportava aqueles que o censuravam injustamente sem censurá-los em troca; de como nada fazia com pressa; de como não dava ouvidos a calúnias e de como era um examinador rigoroso dos costumes e das ações; de como não era dado a repreender as pessoas, nem tímido, nem desconfiado, nem sofista; de como se satisfazia com pouco em coisas como moradia, cama, roupa, comida e servos; de como era trabalhador e paciente; de como, por causa de sua alimentação frugal, conseguia resistir até a noite, sem sequer precisar aliviar-se por alguma evacuação fora do horário habitual; de sua firmeza e constância nas amizades; de como tolerava a

liberdade de expressão daqueles que se opunham às suas opiniões; do prazer que sentia quando alguém lhe mostrava algo melhor; e de como era religioso sem superstição.

Imite tudo isso, para que, quando chegar sua última hora, você tenha a consciência tão tranquila quanto ele teve.

VI.31

Retorne ao pleno uso dos seus sentidos e volte a si; e, depois de despertar do sono e perceber que eram apenas sonhos que o perturbavam, agora, em suas horas de vigília, olhe para estas coisas [as coisas ao seu redor] como olhou para aquelas [os sonhos].

VI.32

Sou composto de um pequeno corpo e de uma alma. Ora, para esse pequeno corpo todas as coisas são indiferentes, pois ele não é capaz de perceber diferenças. Mas, para o entendimento, são indiferentes apenas as coisas que não resultam de sua própria atividade. Todas as coisas que resultam de sua própria atividade, contudo, estão em seu poder. E, entre elas, somente aquelas que se fazem com referência ao presente; pois, quanto às atividades futuras e passadas da mente, até elas são indiferentes no presente.

VI.33

Nem o trabalho que a mão faz nem o do pé são contrários à natureza, desde que o pé faça o trabalho do pé e a mão, o da mão. Assim, também para o homem, como homem, seu trabalho não é contrário à natureza, desde que faça as coisas próprias de um homem. Mas, se o trabalho não é contrário à sua natureza, tampouco é um mal para ele.

VI.34

Quantos prazeres foram desfrutados por ladrões, parricidas e tiranos.

VI.35

Você não vê como os artesãos se adaptam até certo ponto àqueles que não conhecem seu ofício, mas ainda assim se apegam à razão [aos princípios] de sua arte e não suportam afastar-se dela? Não é estranho que o arquiteto e o médico tenham mais respeito pela razão [pelos princípios] de suas próprias artes do que o homem por sua própria razão, que é comum a ele e aos deuses?

VI.36

Ásia e Europa são cantos do universo; todo o mar, uma gota no universo; o Atos, um pequeno torrão do universo: todo o tempo presente é um ponto na eternidade. Todas as coisas são pequenas, mutáveis, perecíveis. Todas as coisas vêm de lá, daquele poder universal que governa, seja procedendo diretamente dele, seja como consequência.

Assim, as mandíbulas escancaradas do leão, aquilo que é venenoso e toda coisa nociva, como um espinho, como a lama, são produtos secundários do que é grandioso e belo. Por conseguinte, não imagine que sejam de natureza diferente daquilo que você venera, mas forme uma opinião justa sobre a fonte de tudo.

VI.37

Quem viu as coisas presentes viu tudo, tanto tudo o que aconteceu desde toda a eternidade quanto tudo o que existirá pelo tempo sem fim; pois todas as coisas são da mesma família e da mesma forma.

VI.38

Considere com frequência a conexão de todas as coisas no universo e a relação delas entre si. Pois, de certo modo, todas as coisas estão entrelaçadas umas com as outras, e assim todas são amigas umas das outras; pois uma coisa vem em ordem depois de outra, e isso ocorre em virtude do movimento ativo, da cooperação mútua e da unidade da substância.

VI.39

Adapte-se às coisas que o destino lhe reservou; e ame os homens entre os quais lhe coube viver, mas faça isso de verdade [sinceramente].

VI.40

Todo instrumento, ferramenta ou recipiente, se faz aquilo para o qual foi feito, está bem, embora quem o fez não esteja ali. Mas, nas coisas que se mantêm unidas pela natureza, está dentro delas, e nelas permanece, o poder que as fez; por isso é ainda mais adequado reverenciar esse poder e pensar que, se você vive e age segundo a vontade dele, tudo em você está em conformidade com a inteligência. E assim também, no universo, as coisas que lhe pertencem estão em conformidade com a inteligência.

VI.41

Se você supuser que qualquer coisa que não está em seu poder é um bem ou um mal para você, necessariamente acontecerá que, se tal mal lhe sobrevier, ou se perder tal bem, você não censurará os deuses e também odiará os homens, aqueles que são a causa do infortúnio ou da perda, ou aqueles de quem se suspeita que possam ser a causa; e, de fato, cometemos muitas injustiças porque fazemos distinção entre essas coisas [porque não consideramos essas coisas indiferentes]. Mas, se julgarmos boas ou más apenas as coisas que estão em nosso poder, não restará motivo para censurar Deus nem para manter uma atitude hostil para com o homem.

VI.42

Todos trabalhamos juntos para um só fim, alguns com conhecimento e intenção, outros sem saber o que fazem; como também os homens quando dormem, dos quais, creio, Heráclito diz que são trabalhadores e colaboradores nas coisas que acontecem no universo.

Mas os homens cooperam de maneiras diferentes: e até aqueles que censuram o que acontece e os que tentam se opor a isso e impedi-lo cooperam muito; pois o universo precisava até de homens assim.

Resta, portanto, que você compreenda entre que tipo de trabalhadores se coloca; pois aquele que governa todas as coisas certamente fará bom uso de você e o receberá em alguma parte dos colaboradores e daqueles cujos trabalhos conduzem a um só fim. Mas que você não seja uma parte como o verso insignificante e ridículo da peça de que Crisipo fala.

VI.43

O sol se propõe a fazer o trabalho da chuva, ou Esculápio, o trabalho daquela que produz os frutos [a terra]? E como é com cada uma das estrelas: não são diferentes e, ainda assim, trabalham juntas para o mesmo fim?

VI.44

Se os deuses decidiram a meu respeito e a respeito das coisas que devem me acontecer, decidiram bem, pois não é fácil sequer imaginar uma divindade sem previdência; e, quanto a me fazer mal, por que teriam algum desejo disso? Pois que vantagem resultaria disso para eles ou para o todo, que é o objeto especial de sua providência?

Mas, se não decidiram a meu respeito individualmente, certamente decidiram ao menos a respeito do todo, e as coisas que acontecem como consequência dessa organização geral devo aceitar com prazer e com elas me contentar.

Mas, se não decidem a respeito de nada — o que é ímpio acreditar, ou, se acreditamos nisso, não lhes ofereçamos sacrifícios, nem oremos, nem juremos por eles, nem façamos qualquer outra coisa que fazemos como se os deuses estivessem presentes e vivessem conosco —, mas, se, de fato, os deuses não decidem a respeito de nenhuma das coisas que nos dizem respeito, sou capaz de decidir a meu respeito e posso investigar o que é útil; e é útil a todo homem aquilo que está em conformidade com sua própria constituição e natureza.

Mas minha natureza é racional e social; e minha cidade e pátria, enquanto sou Antonino, é Roma, mas, enquanto sou homem, é o mundo. Por conseguinte, somente as coisas que são úteis a essas cidades são úteis para mim.

VI.45

Tudo o que acontece a cada homem é para o interesse do todo: isso poderia bastar. Mas você também observará isto como uma verdade geral, se prestar atenção: tudo o que é proveitoso para um homem também é proveitoso para os outros homens. Mas que a palavra proveitoso seja tomada aqui no sentido comum, como se diz das coisas de natureza intermediária [nem boas nem más].

VI.46

Assim como acontece com você no anfiteatro e em lugares semelhantes, onde a visão contínua das mesmas coisas e a uniformidade tornam o espetáculo cansativo, assim é em toda a vida; pois todas as coisas acima e abaixo são as mesmas e vêm da mesma fonte. Até quando, então?

VI.47

Pense continuamente que homens de todos os tipos, de todas as ocupações e de todas as nações morreram, de modo que seus pensamentos cheguem até Filístion, Febo e Origanion. Agora volte seus pensamentos para os outros tipos [de homens].

Para aquele lugar, portanto, devemos nos mudar, onde há tantos grandes oradores e tantos nobres filósofos, Heráclito, Pitágoras, Sócrates; tantos heróis de outros tempos, tantos generais depois deles e tiranos; além destes, Eudoxo, Hiparco, Arquimedes e outros homens de talentos naturais penetrantes, grandes mentes, amantes do trabalho, versáteis, confiantes, que zombavam até da vida perecível e efêmera do homem, como Menipo e outros semelhantes a ele.

Quanto a todos eles, considere que há muito estão no pó. Que mal, então, isso lhes faz? E que mal faz àqueles cujos nomes são inteiramente desconhecidos? Uma coisa aqui tem muito valor: passar a vida na verdade e na justiça, com uma disposição benevolente até para com mentirosos e homens injustos.

VI.48

Quando quiser se alegrar, pense nas virtudes daqueles que vivem com você; por exemplo, na disposição para agir de um, na modéstia de outro, na generosidade de um terceiro e em alguma outra boa qualidade de um quarto. Pois nada alegra tanto quanto os exemplos das virtudes, quando se manifestam nos costumes daqueles que vivem conosco e se apresentam em abundância, tanto quanto possível. Por isso devemos mantê-los diante de nós.

VI.49

Suponho que você não esteja insatisfeito por pesar apenas tantas libras, e não trezentas. Portanto, não fique insatisfeito por ter de viver apenas tantos anos, e não mais; pois, assim como se satisfaz com a quantidade de substância que lhe foi atribuída, contente-se também com o tempo.

VI.50

Tentemos persuadi-los [os homens]. Mas aja mesmo contra a vontade deles quando os princípios da justiça conduzirem por esse caminho. Se, porém, alguém se colocar em seu caminho usando a força, recorra ao contentamento e à tranquilidade e, ao mesmo tempo, use o impedimento para o exercício de alguma outra virtude; e lembre-se de que sua tentativa era feita com uma ressalva [condicionalmente], de que você não desejava fazer coisas impossíveis.

O que desejava, então? — Um esforço como esse. — Mas você alcança seu objetivo se as coisas às quais foi levado [não] se realizam.

VI.51

Quem ama a fama considera a atividade de outro homem como seu próprio bem; quem ama o prazer, suas próprias sensações; mas quem tem entendimento considera seus próprios atos como seu próprio bem.

VI.52

Está em nosso poder não ter opinião sobre uma coisa e não nos perturbarmos em nossa alma; pois as próprias coisas não têm poder natural para formar nossos julgamentos.

VI.53

Acostume-se a prestar muita atenção ao que outra pessoa diz e, tanto quanto possível, a se colocar na mente de quem fala.

VI.54

Aquilo que não é bom para o enxame tampouco é bom para a abelha.

VI.55

Se os marinheiros insultassem o timoneiro, ou os doentes, o médico, dariam ouvidos a qualquer outra pessoa? Ou como o timoneiro poderia garantir a segurança daqueles que estão no navio, ou o médico, a saúde daqueles de quem cuida?

VI.56

Quantos daqueles com quem vim ao mundo já saíram dele.

VI.57

Para quem tem icterícia, o mel tem gosto amargo, e, para aqueles mordidos por cães raivosos, a água causa medo; e, para as crianças pequenas, a bola é uma bela coisa. Por que, então, estou zangado? Você pensa que uma opinião falsa tem menos poder do que a bile em quem tem icterícia ou o veneno em quem é mordido por um cão raivoso?

VI.58

Ninguém impedirá você de viver segundo a razão de sua própria natureza: nada lhe acontecerá que seja contrário à razão da natureza universal.

VI.59

Que tipo de pessoas são aquelas a quem os homens desejam agradar, com que objetivos e por meio de que tipo de atos? Como o tempo logo cobrirá todas as coisas, e quantas já cobriu.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO VII

✦

VII.1

O que é a maldade? É aquilo que você já viu muitas vezes. E, diante de tudo o que acontece, tenha isto em mente: é aquilo que você já viu muitas vezes. Por toda parte você encontrará as mesmas coisas, das quais estão cheias as histórias antigas, as dos tempos intermediários e as de nossos dias; das quais estão cheias agora as cidades e as casas. Não há nada de novo: todas as coisas são familiares e passageiras.

VII.2

Como nossos princípios podem morrer, a menos que se apaguem as impressões [pensamentos] que correspondem a eles? Mas está em seu poder alimentar continuamente esses pensamentos até que se tornem uma chama. Posso ter sobre qualquer coisa a opinião que devo ter. Se posso, por que me perturbo? As coisas externas à minha mente não têm relação alguma com minha mente.

— Que seja esse o estado de suas emoções, e você se manterá de pé. Recuperar sua vida está em seu poder. Olhe novamente para as coisas como costumava olhar; pois é nisso que consiste a recuperação de sua vida.

VII.3

A ocupação vazia da exibição, peças no palco, rebanhos de ovelhas, manadas, exercícios com lanças, um osso atirado a cachorrinhos, um pedaço de pão lançado em tanques de peixes, o trabalho das formigas e o transporte de cargas, as correrias de ratinhos assustados, marionetes puxadas por fios — [tudo semelhante]. É seu dever, portanto, em meio a essas coisas, mostrar bom humor, sem ares de orgulho; compreender, porém, que cada homem vale exatamente tanto quanto valem as coisas com que se ocupa.

VII.4

Numa conversa, você deve prestar atenção ao que é dito, e em cada movimento deve observar o que se faz. Neste, deve perceber imediatamente a que finalidade se dirige; naquela, observar com cuidado o que se quer dizer.

VII.5

Meu entendimento é suficiente para isto ou não? Se é suficiente, eu o uso para o trabalho como um instrumento dado pela natureza universal. Mas, se não é suficiente, ou me retiro do trabalho e cedo lugar a quem pode fazê-lo melhor, a menos que haja alguma razão para eu não agir assim; ou faço o melhor que posso, tomando como ajudante o homem que, com o auxílio de meu princípio governante, pode fazer o que agora é adequado e útil ao bem geral.

Pois tudo o que eu puder fazer, sozinho ou com outra pessoa, deve ter apenas este objetivo: aquilo que é útil e adequado à sociedade.

VII.6

Quantos, depois de serem celebrados pela fama, foram entregues ao esquecimento; e quantos dos que celebraram a fama de outros já morreram há muito tempo.

VII.7

Não tenha vergonha de receber ajuda; pois sua tarefa é cumprir seu dever como um soldado no ataque a uma cidade. O que fazer, então, se, por ser manco, você não consegue subir sozinho às muralhas, mas consegue com a ajuda de outro?

VII.8

Não deixe que as coisas futuras o perturbem, pois você chegará a elas, se for necessário, levando consigo a mesma razão que agora usa para as coisas presentes.

VII.9

Todas as coisas estão entrelaçadas umas com as outras, e o vínculo é sagrado; e quase nada existe que não esteja ligado a alguma outra coisa. Pois as coisas foram coordenadas e se combinam para formar o mesmo universo [ordem].

Pois há um só universo composto de todas as coisas, um só deus que permeia todas as coisas, uma só substância, uma só lei, [uma só] razão comum a todos os animais inteligentes e uma só verdade; se de fato há também uma só perfeição para todos os animais que têm a mesma origem e participam da razão.

VII.10

Tudo o que é material logo desaparece na substância do todo; e tudo o que é formal [causal] muito em breve é reabsorvido pela razão universal; e a memória de tudo muito em breve é submersa no tempo.

VII.11

Para o animal racional, o mesmo ato está de acordo com a natureza e de acordo com a razão.

VII.12

Mantenha-se de pé, ou seja posto de pé.

VII.13

Assim como acontece com os membros dos corpos unidos num só, acontece também com os seres racionais que existem separados, pois foram constituídos para uma cooperação comum. E a percepção disso ficará mais clara para você se disser muitas vezes a si mesmo: sou um membro, melos, do sistema dos seres racionais.

Mas, se [usando a letra r] você disser que é uma parte, meros, ainda não ama os homens de coração; fazer o bem ainda não lhe dá prazer por si só; você ainda o faz apenas por ser uma coisa apropriada, e ainda não como quem faz bem a si mesmo.

VII.14

Que caia de fora o que tiver de cair sobre as partes que podem sentir os efeitos dessa queda. Pois as partes que a sentirem se queixarão, se quiserem. Mas eu, a menos que pense que o que aconteceu é um mal, não sou prejudicado. E está em meu poder não pensar assim.

VII.15

Seja o que for que alguém faça ou diga, devo ser bom; como se o ouro, a esmeralda ou a púrpura estivessem sempre dizendo isto: seja o que for que alguém faça ou diga, devo ser esmeralda e conservar minha cor.

VII.16

A faculdade governante não perturba a si mesma; quero dizer, não assusta a si mesma nem causa dor a si mesma. Mas, se outra pessoa pode assustá-la ou causar-lhe dor, que o faça. Pois essa faculdade, por sua própria opinião, não se conduzirá por esses caminhos. Que o próprio corpo cuide, se puder, de não sofrer nada, e que fale, se sofrer.

Mas a própria alma, aquela que está sujeita ao medo e à dor e que tem pleno poder de formar uma opinião sobre essas coisas, nada sofrerá, pois nunca se desviará para um julgamento desses.

O princípio dirigente, em si mesmo, de nada necessita, a menos que crie uma necessidade para si; por isso, está livre de perturbações e de impedimentos, se não perturbar nem impedir a si mesmo.

VII.17

Eudaimonia [felicidade] é um bom espírito, ou uma coisa boa. O que você está fazendo aqui, então, ó imaginação? Vá embora, eu lhe peço pelos deuses, assim como veio, pois não preciso de você. Mas você veio à sua maneira habitual. Não estou zangado com você: apenas vá embora.

VII.18

Alguém tem medo da mudança? Ora, o que pode acontecer sem mudança? O que, então, é mais agradável ou mais adequado à natureza universal? E você pode tomar banho sem que a madeira passe por uma mudança? E pode se nutrir sem que o alimento passe por uma mudança? E alguma outra coisa útil pode ser realizada sem mudança? Você não vê, então, que mudar também é exatamente o mesmo para você, e igualmente necessário à natureza universal?

VII.19

Através da substância universal, como através de uma torrente furiosa, todos os corpos são levados, unidos por natureza ao todo e cooperando com ele, assim como as partes de nosso corpo cooperam umas com as outras. Quantos Crisipos, quantos Sócrates, quantos Epictetos o tempo já engoliu! E que esse mesmo pensamento lhe ocorra a respeito de cada homem e de cada coisa.

VII.20

Só uma coisa me preocupa: fazer algo que a constituição do homem não permite, ou de uma maneira que ela não permite, ou algo que ela não permite agora.

VII.21

Está próximo o momento em que você se esquecerá de todas as coisas; e próximo aquele em que todos se esquecerão de você.

VII.22

É próprio do homem amar até os que fazem o mal. E isso acontece se, quando eles fazem o mal, você se lembra de que são seus parentes, de que agem mal por ignorância e sem intenção e de que em breve ambos morrerão; e, acima de tudo, de que aquele que fez o mal não lhe causou dano, pois não tornou sua faculdade governante pior do que era antes.

VII.23

A natureza universal, a partir da substância universal, como se fosse cera, agora molda um cavalo e, depois de desfazê-lo, usa o material para uma árvore, depois para um homem, depois para outra coisa; e cada uma dessas coisas subsiste por muito pouco tempo. Mas não há sofrimento para o vaso em ser desfeito, assim como não houve em ser montado.

VII.24

Uma expressão carrancuda é inteiramente contrária à natureza; quando é assumida com frequência, o resultado é que toda a beleza desaparece e, por fim, se apaga tão inteiramente que já não pode ser reacendida. Procure concluir, desse mesmo fato, que ela é contrária à razão. Pois, se até a percepção de estar agindo mal desaparecer, que razão haverá para continuar vivendo?

VII.25

A natureza que governa o todo logo mudará todas as coisas que você vê e, de sua substância, fará outras coisas, e novamente outras da substância delas, para que o mundo seja sempre novo.

VII.26

Quando um homem lhe fizer algum mal, considere imediatamente com que opinião sobre o bem ou o mal ele agiu assim. Pois, quando perceber isso, você terá compaixão dele e não ficará surpreso nem zangado. Pois ou você mesmo considera boa a mesma coisa que ele, ou alguma outra coisa do mesmo tipo. É seu dever, então, perdoá-lo. Mas, se você não considera essas coisas boas ou más, terá mais facilmente boa vontade para com quem está enganado.

VII.27

Não pense tanto no que não tem quanto no que tem; mas, entre as coisas que tem, escolha as melhores e depois reflita sobre o quanto você as procuraria com empenho se não as tivesse. Ao mesmo tempo, porém, cuide para que o prazer que elas lhe dão não o acostume a valorizá-las demais, a ponto de ficar perturbado caso um dia deixe de tê-las.

VII.28

Recolha-se em si mesmo. O princípio racional que governa tem esta natureza: contenta-se consigo mesmo quando faz o que é justo e, assim, assegura a tranquilidade.

VII.29

Apague a imaginação. Pare o puxar dos fios. Limite-se ao presente. Compreenda bem o que acontece com você ou com outra pessoa. Divida e distribua cada objeto entre o causal [formal] e o material. Pense em sua última hora. Que o mal feito por um homem permaneça ali onde foi feito.

VII.30

Dirija sua atenção ao que é dito. Deixe seu entendimento penetrar nas coisas que estão sendo feitas e nas coisas que as fazem.

VII.31

Adorne-se de simplicidade e modéstia, e de indiferença diante das coisas que ficam entre a virtude e o vício. Ame a humanidade. Siga Deus. O poeta diz que a lei governa tudo — E basta lembrar que a lei governa tudo.

VII.32

Sobre a morte: seja ela uma dispersão, uma decomposição em átomos ou uma aniquilação, é extinção ou mudança.

VII.33

Sobre a dor: a dor intolerável nos leva à morte; mas a que dura muito tempo é tolerável; e a mente mantém sua própria tranquilidade ao se recolher em si mesma, e a faculdade governante não se torna pior. Mas as partes prejudicadas pela dor, que deem, se puderem, sua opinião a respeito dela.

VII.34

Sobre a fama: olhe para as mentes [daqueles que buscam a fama], observe como são, que tipo de coisas evitam e que tipo de coisas procuram. E considere que, assim como os montes de areia empilhados uns sobre os outros escondem as areias anteriores, também na vida os acontecimentos anteriores logo são cobertos pelos que vêm depois.

VII.35

De Platão: O homem que tem uma mente elevada e contempla todo o tempo e toda a substância, você supõe que seja possível que ele pense que a vida humana é algo grandioso? Não é possível, disse ele. — Esse homem, então, também pensará que a morte não é um mal. — Certamente não.

VII.36

De Antístenes: É próprio de um rei fazer o bem e ser insultado.

VII.37

É uma coisa indigna que o rosto seja obediente e se regule e se componha conforme a mente ordena, e que a mente não regule nem componha a si mesma.

VII.38

Não é certo nos afligirmos com as coisas, Pois elas não se importam com isso.

VII.39

Aos deuses imortais e a nós dê alegria.

VII.40

A vida deve ser ceifada como as espigas maduras. Um homem nasce; outro morre.

VII.41

Se os deuses não cuidam de mim e de meus filhos, Há uma razão para isso.

VII.42

Pois o bem está comigo, e o justo.

VII.43

Nada de se juntar aos lamentos dos outros, nada de emoção violenta.

VII.44

De Platão: Mas eu daria a esse homem uma resposta suficiente, que é esta: Você não fala bem se pensa que um homem que tenha algum valor deva calcular o risco de vida ou de morte, e não deva antes considerar apenas isto em tudo o que faz: se está fazendo o que é justo ou injusto, e as obras de um homem bom ou mau.

VII.45

Pois assim é, homens de Atenas, na verdade: onde quer que um homem tenha se colocado, por considerar aquele o melhor lugar para ele, ou tenha sido colocado por um comandante, ali, em minha opinião, deve permanecer e enfrentar o perigo, sem levar em conta a morte nem qualquer outra coisa antes da indignidade [de abandonar seu posto].

Veja Aristófanes, Acarnenses, v. 661.

Da Apologia, c. 16.

Da Apologia, c. 16.

VII.46

Mas, meu bom amigo, reflita se o que é nobre e bom não é algo diferente de salvar e ser salvo; pois, quanto a um homem viver este ou aquele tempo, pelo menos um que seja realmente homem, considere se isso não é — uma coisa a ser afastada dos pensamentos: e não deve haver apego à vida; mas, quanto a essas questões, o homem deve confiá-las à Divindade e acreditar no que dizem as mulheres, que nenhum homem pode escapar de seu destino, sendo a próxima questão como viver da melhor maneira o tempo que lhe resta viver.

VII.47

Observe ao redor os percursos dos astros, como se você os acompanhasse; e considere constantemente as transformações dos elementos uns nos outros, pois esses pensamentos eliminam a sujeira da vida terrena.

VII.48

Esta é uma bela afirmação de Platão: quem fala sobre os homens deve também olhar para as coisas terrenas como se as visse de algum lugar mais alto; deve observá-los em suas assembleias, exércitos, trabalhos agrícolas, casamentos, tratados, nascimentos, mortes, no ruído dos tribunais, nos lugares desertos, nas diversas nações de bárbaros, nas festas, lamentações, mercados, numa mistura de todas as coisas e numa combinação ordenada de contrários.

VII.49

Considere o passado — tão grandes mudanças de supremacias políticas; você também poderá prever as coisas que virão. Pois elas certamente terão forma semelhante, e não é possível que se afastem da ordem das coisas que acontecem agora; assim, ter contemplado a vida humana por quarenta anos é o mesmo que tê-la contemplado por dez mil anos. Pois o que mais você verá?

VII.50

Aquilo que cresceu da terra, à terra, Mas aquilo que brotou de semente celeste, Retorna às regiões celestes.

Isso é ou uma dissolução do entrelaçamento mútuo dos átomos, ou uma dispersão semelhante dos elementos sem sensibilidade.

VII.51

Com alimentos, bebidas e engenhosas artes mágicas Desviando o curso do canal para escapar da morte. A brisa que o céu enviou Devemos suportar, e trabalhar sem reclamar.

VII.52

Outro pode ser mais hábil em derrubar seu adversário; mas não é mais sociável, nem mais modesto, nem mais disciplinado para enfrentar tudo o que acontece, nem mais compreensivo com as faltas de seus semelhantes.

VII.53

Onde algum trabalho pode ser feito de acordo com a razão comum aos deuses e aos homens, ali não temos nada a temer; pois, onde podemos obter benefício por meio da atividade bem-sucedida que procede de acordo com nossa constituição, ali não há motivo para suspeitar de dano.

VII.54

Em toda parte e em todo momento, está em seu poder aceitar com devoção sua condição presente, comportar-se com justiça para com os que estão à sua volta e empregar sua habilidade em seus pensamentos presentes, para que nada se introduza neles sem ser bem examinado.

VII.55

Não olhe ao redor para descobrir os princípios governantes dos outros homens, mas olhe diretamente para isto: para onde a natureza o conduz, tanto a natureza universal, por meio das coisas que lhe acontecem, quanto sua própria natureza, por meio dos atos que você deve praticar. Mas todo ser deve fazer o que está de acordo com sua constituição; e todas as outras coisas foram constituídas para o bem dos seres racionais, assim como, entre as coisas irracionais, as inferiores existem para o bem das superiores, mas os seres racionais existem para o bem uns dos outros.

O primeiro princípio na constituição do homem é, portanto, o social. E o segundo é não ceder às persuasões do corpo — pois é função própria do movimento racional e inteligente estabelecer seus próprios limites e nunca ser dominado pelo movimento dos sentidos ou dos apetites, pois ambos são animais; mas o movimento inteligente reivindica a superioridade e não se deixa dominar pelos outros.

E com boa razão, pois foi formado pela natureza para usar todos eles. A terceira coisa na constituição racional é estar livre do erro e do engano. Que o princípio governante, então, siga em frente, apegando-se firmemente a essas coisas, e terá o que lhe é próprio.

VII.56

Considere-se morto e considere sua vida encerrada até o momento presente; e viva de acordo com a natureza o tempo restante que lhe é concedido.

VII.57

Ame apenas aquilo que lhe acontece e é fiado com o fio de seu destino. Pois o que é mais adequado?

VII.58

Em tudo o que acontece, mantenha diante dos olhos aqueles a quem aconteceram as mesmas coisas, como se afligiram, como as trataram como coisas estranhas e como as censuraram: e agora, onde estão eles? Em lugar nenhum. Por que, então, você também escolhe agir da mesma maneira?

E por que não deixa essas agitações, alheias à natureza, para aqueles que as causam e aqueles que se deixam mover por elas; e por que não se dedica inteiramente à maneira correta de usar as coisas que lhe acontecem? Pois assim você as usará bem, e elas serão para você um material [com que trabalhar].

Apenas preste atenção a si mesmo e decida ser um homem bom em cada ato que praticar: e lembre-se ...

VII.59

Olhe para dentro. Dentro está a fonte do bem, e ela sempre jorrará, se você continuar cavando.

VII.60

O corpo deve ser firme e não mostrar irregularidade no movimento nem na postura. Pois aquilo que a mente mostra no rosto, mantendo nele a expressão da inteligência e da decência, também deve ser exigido do corpo inteiro. Mas todas essas coisas devem ser observadas sem afetação.

VII.61

A arte de viver se parece mais com a arte do lutador do que com a do dançarino, neste aspecto: deve permanecer pronta e firme para enfrentar ataques repentinos e inesperados.

VII.62

Observe constantemente quem são aqueles cuja aprovação você deseja ter e que princípios governantes possuem. Pois assim você não culpará os que erram involuntariamente, nem desejará a aprovação deles, se olhar para as fontes de suas opiniões e de seus apetites.

VII.63

Toda alma, diz o filósofo, é privada da verdade involuntariamente; consequentemente, da mesma maneira, é privada da justiça, da moderação, da benevolência e de tudo o que é dessa natureza. É muito necessário ter isso sempre em mente, pois assim você será mais gentil com todos.

VII.64

Em toda dor, tenha presente este pensamento: não há desonra nela, nem ela torna pior a inteligência governante, pois não prejudica a inteligência nem enquanto racional nem enquanto social.

De fato, no caso da maioria das dores, que o ajude esta observação de Epicuro: a dor não é intolerável nem eterna, se você tiver em mente que ela tem seus limites e se não lhe acrescentar nada pela imaginação; e lembre-se também de que não percebemos que muitas coisas que nos são desagradáveis são o mesmo que a dor, como a sonolência excessiva, o calor que queima e a falta de apetite.

Quando, então, você estiver descontente com alguma dessas coisas, diga a si mesmo que está cedendo à dor.

VII.65

Cuide para não sentir pelos desumanos o que eles sentem pelos homens.

VII.66

Como sabemos se Telauges não era superior a Sócrates em caráter? Pois não basta que Sócrates tenha tido uma morte mais nobre, debatido com mais habilidade com os sofistas e passado a noite no frio com mais resistência; nem que, ao receber a ordem de prender Leão de Salamina, tenha considerado mais nobre recusar; nem que andasse pelas ruas com um ar arrogante — embora se possa ter grandes dúvidas sobre a veracidade desse fato.

Mas devemos investigar que tipo de alma Sócrates possuía e se era capaz de se contentar em ser justo com os homens e devoto aos deuses, sem se afligir inutilmente com a maldade dos homens, sem se tornar escravo da ignorância de ninguém, sem receber como estranho nada do que lhe coubesse do todo universal, nem suportá-lo como intolerável, nem permitir que seu entendimento compartilhasse as aflições da carne miserável.

VII.67

A natureza não misturou [a inteligência] com a composição do corpo a ponto de não lhe permitir o poder de estabelecer seus próprios limites e de submeter a si mesmo tudo o que é seu; pois é perfeitamente possível ser um homem divino e não ser reconhecido como tal por ninguém.

Tenha isso sempre em mente; e também outra coisa: muito pouco é realmente necessário para viver uma vida feliz. E, porque você perdeu a esperança de se tornar um dialético e hábil no conhecimento da natureza, não renuncie por isso à esperança de ser livre e modesto, sociável e obediente a Deus.

VII.68

Está em seu poder viver livre de toda coerção, na maior tranquilidade de espírito, mesmo que o mundo inteiro grite contra você tanto quanto quiser, e mesmo que feras despedacem os membros dessa matéria amassada que cresceu ao seu redor.

Pois o que impede a mente, em meio a tudo isso, de se manter tranquila, de julgar com justiça todas as coisas que a cercam e de usar prontamente os objetos que lhe são apresentados, de modo que o julgamento possa dizer à coisa que cai sob sua observação: Isto é o que você é em substância [realidade], embora, na opinião dos homens, possa parecer de outra natureza; e o uso diga àquilo que chega às mãos: Você é a coisa que eu estava procurando; pois, para mim, aquilo que se apresenta é sempre material para a virtude, tanto racional quanto política, e, numa palavra, para o exercício da arte que pertence ao homem ou a Deus.

Pois tudo o que acontece tem relação com Deus ou com o homem e não é novo nem difícil de manejar, mas um material habitual e adequado para trabalhar.

VII.69

A perfeição do caráter moral consiste nisto: passar cada dia como se fosse o último, sem se deixar agitar violentamente, sem ficar entorpecido e sem agir com hipocrisia.

VII.70

Os deuses, que são imortais, não se afligem por terem de tolerar continuamente, por tanto tempo, os homens como eles são, e tantos deles maus; e, além disso, também cuidam deles de todas as maneiras. Mas você, cujo fim está tão próximo, está cansado de suportar os maus, e isso quando você também é um deles?

VII.71

É ridículo um homem não fugir de sua própria maldade, o que de fato é possível, mas fugir da maldade dos outros, o que é impossível.

VII.72

Tudo o que a faculdade racional e política [social] considera desprovido de inteligência e de sociabilidade, ela julga corretamente inferior a si mesma.

VII.73

Quando você praticou uma boa ação e outra pessoa a recebeu, por que ainda procura uma terceira coisa além dessas, como fazem os tolos: ou ter a reputação de ter feito uma boa ação, ou obter uma retribuição?

VII.74

Nenhum homem se cansa de receber o que é útil. Mas é útil agir de acordo com a natureza. Por conseguinte, não se canse de receber o que é útil ao fazê-lo aos outros.

VII.75

A natureza do Todo se pôs em movimento para fazer o universo. Mas agora, ou tudo o que acontece vem por consequência ou [continuidade]; ou até as coisas principais para as quais o poder governante do universo dirige seu próprio movimento não são governadas por nenhum princípio racional. Lembrar disso o tornará mais tranquilo em muitas coisas.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO VIII

✦

VIII.1

Esta reflexão também ajuda a eliminar o desejo de fama vazia: já não está em seu poder ter vivido toda a sua vida, ou pelo menos sua vida desde a juventude, como um filósofo; mas tanto para muitos outros quanto para você mesmo está claro que você está longe da filosofia.

Você caiu, então, em desordem, de modo que já não é fácil adquirir a reputação de filósofo; e seu modo de vida também se opõe a isso. Se você realmente percebeu onde está a questão, abandone o pensamento de como parecerá [aos outros] e contente-se em viver o restante de sua vida como sua natureza deseja.

Observe, então, o que ela deseja, e não deixe que nada mais o distraia; pois você já passou por muitos caminhos sem encontrar felicidade em parte alguma — nem nos silogismos, nem na riqueza, nem na reputação, nem no prazer, nem em qualquer outro lugar. Onde ela está, então? Em fazer o que a natureza humana exige. Como alguém fará isso?

Se tiver princípios dos quais venham seus sentimentos e seus atos. Que princípios? Os que dizem respeito ao bem e ao mal: a convicção de que nada é bom para o ser humano se não o torna justo, moderado, corajoso e livre; e de que nada é mau se não produz o contrário do que foi mencionado.

VIII.2

A cada ato, pergunte a si mesmo: Como isso se relaciona comigo? Vou me arrepender disso? Em pouco tempo estarei morto, e tudo terá passado. O que mais procuro, se o que faço agora é a obra de um ser vivo inteligente, de um ser social e de alguém sujeito à mesma lei que Deus?

VIII.3

Alexandre, Caio e Pompeu, o que são em comparação com Diógenes, Heráclito e Sócrates? Pois estes conheciam as coisas, suas causas [formas] e sua matéria, e os princípios que os governavam eram os mesmos [ou estavam de acordo com suas ocupações]. Quanto aos outros, porém, de quantas coisas tinham de cuidar e de quantas eram escravos!

VIII.4

[Considere] que os homens continuarão fazendo as mesmas coisas, ainda que você arrebente.

VIII.5

O principal é isto: não se perturbe, pois todas as coisas acontecem de acordo com a natureza do universo; e em pouco tempo você não será ninguém nem estará em lugar algum, como Adriano e Augusto. Em seguida, fixe firmemente os olhos em sua tarefa e examine-a; ao mesmo tempo, lembrando que é seu dever ser uma pessoa boa e do que a natureza humana exige, faça isso sem se desviar; e fale da maneira que lhe parecer mais justa, mas com boa disposição, modéstia e sem hipocrisia.

VIII.6

A natureza do universo tem este trabalho a fazer: levar para aquele lugar as coisas que estão neste, transformá-las, tirá-las daqui e transportá-las para lá. Tudo é mudança, mas não precisamos temer nada de novo. Todas as coisas são familiares [para nós]; sua distribuição, porém, continua a mesma.

VIII.7

Toda natureza está satisfeita consigo mesma quando segue bem seu caminho; e uma natureza racional segue bem seu caminho quando, em seus pensamentos, não aceita nada falso ou incerto, quando dirige seus impulsos apenas a atos sociais, quando limita seus desejos e suas aversões às coisas que estão em seu poder e quando está satisfeita com tudo o que lhe é atribuído pela natureza comum.

Pois toda natureza particular é parte dessa natureza comum, assim como a natureza da folha é parte da natureza da planta; com a diferença de que, na planta, a natureza da folha é parte de uma natureza que não tem percepção nem razão e está sujeita a impedimentos; mas a natureza humana é parte de uma natureza que não está sujeita a impedimentos e é inteligente e justa, pois dá a tudo, em porções iguais e de acordo com seu valor, tempos, substância, causa [forma], atividade e acontecimento.

Examine, contudo, não para descobrir se uma coisa, comparada com outra coisa isolada, é igual em todos os aspectos, mas tomando todas as partes de uma coisa em conjunto e comparando-as com todas as partes de outra em conjunto.

VIII.8

Você não tem tempo [ou capacidade] para ler. Mas tem tempo [ou capacidade] para conter a arrogância; tem tempo para estar acima do prazer e da dor; tem tempo para estar acima do amor à fama e para não se irritar com pessoas estúpidas e ingratas, e até mesmo para cuidar delas.

VIII.9

Que ninguém mais o ouça criticar a vida na corte ou a sua própria vida.

VIII.10

O arrependimento é uma espécie de censura a si mesmo por ter negligenciado algo útil; mas aquilo que é bom deve ser algo útil, e o homem perfeitamente bom deve cuidar disso. Nenhum homem assim, porém, jamais se arrependeria de ter recusado algum prazer sensual. Portanto, o prazer não é bom nem útil.

VIII.11

Esta coisa, o que é em si mesma, em sua própria constituição? Qual é sua substância e sua matéria? E qual é sua natureza causal [ou forma]? E o que faz no mundo? E por quanto tempo subsiste?

VIII.12

Quando você se levantar do sono com relutância, lembre-se de que realizar atos sociais está de acordo com sua constituição e com a natureza humana, enquanto dormir também é comum aos animais irracionais. Mas aquilo que está de acordo com a natureza de cada indivíduo também lhe é mais próprio, mais adequado à sua natureza e, de fato, mais agradável.

VIII.13

Constantemente e, se possível, a cada impressão na alma, aplique a ela os princípios da Física, da Ética e da Dialética.

VIII.14

Seja quem for que você encontre, diga imediatamente a si mesmo: Que opiniões este homem tem sobre o bem e o mal? Pois, se ele tem tais e tais opiniões sobre o prazer e a dor e as causas de cada um, sobre a fama e a desonra, a morte e a vida, não me parecerá admirável nem estranho que faça tais e tais coisas; e terei em mente que ele é levado a agir assim.

VIII.15

Lembre-se de que, assim como é vergonhoso se surpreender quando a figueira produz figos, também é vergonhoso se surpreender quando o mundo produz tais e tais coisas que é de sua natureza produzir; e, para o médico e o timoneiro, é vergonhoso se surpreender quando alguém tem febre ou quando o vento é desfavorável.

VIII.16

Lembre-se de que mudar de opinião e seguir quem corrige seu erro é tão compatível com a liberdade quanto persistir no erro. Pois é sua a atividade exercida de acordo com seu próprio impulso e julgamento e, de fato, também de acordo com seu próprio entendimento.

VIII.17

Se uma coisa está em seu poder, por que você a faz? Mas, se está no poder de outro, a quem você culpa: aos átomos [acaso] ou aos deuses? Ambas as coisas são insensatas. Você não deve culpar ninguém. Pois, se puder, corrija [aquilo que é a causa]; mas, se não puder fazer isso, corrija pelo menos a própria coisa; e, se nem isso puder fazer, de que lhe serve encontrar defeitos? Pois nada deve ser feito sem um propósito.

VIII.18

Aquilo que morreu não fica fora do universo. Se permanece aqui, também se transforma aqui e se dissolve em suas partes próprias, que são elementos do universo e de você mesmo. E elas também se transformam, sem murmurar.

VIII.19

Tudo existe para algum fim: um cavalo, uma videira. Por que você se admira? Até o sol dirá: Tenho um propósito; e os demais deuses dirão o mesmo. Para que propósito, então, você existe: para desfrutar do prazer? Veja se o bom senso permite isso.

VIII.20

Em tudo, a natureza levou em conta o fim tanto quanto o começo e a continuidade, assim como o homem que lança uma bola para o alto. Que bem há, então, para a bola em ser lançada para o alto, ou que mal há em descer, ou mesmo em já ter caído? E que bem há para a bolha enquanto permanece inteira, ou que mal quando estoura? O mesmo se pode dizer de uma luz.

VIII.21

Vire-o [o corpo] do avesso e veja que tipo de coisa ele é; e, quando envelhece, que tipo de coisa se torna, e quando adoece.

Breve é a vida tanto de quem elogia quanto de quem é elogiado, tanto de quem se lembra quanto de quem é lembrado; e tudo isso em um canto desta parte do mundo; e nem mesmo aqui todos concordam, não, nem sequer cada um consigo mesmo; e a terra inteira também é um ponto.

VIII.22

Preste atenção ao assunto que está diante de você, seja uma opinião, um ato ou uma palavra.

Você sofre isso com justiça, pois prefere se tornar bom amanhã a ser bom hoje.

VIII.23

Estou fazendo alguma coisa? Faço isso tendo em vista o bem da humanidade. Algo me acontece? Eu o recebo e o atribuo aos deuses e à fonte de todas as coisas, da qual deriva tudo o que acontece.

VIII.24

Assim como o banho lhe parece — óleo, suor, sujeira, água imunda, tudo repugnante —, assim é cada parte da vida e todas as coisas.

VIII.25

Lucila viu Vero morrer, e depois Lucila morreu. Secunda viu Máximo morrer, e depois Secunda morreu. Epitíncano viu Diótimo morrer, e depois Epitíncano morreu. Antonino viu Faustina morrer, e depois Antonino morreu. Tudo é assim. Céler viu Adriano morrer, e depois Céler morreu.

E aqueles homens de espírito perspicaz, fossem videntes ou homens cheios de orgulho, onde estão — por exemplo, os perspicazes Cárax e Demétrio, o platônico, e Eudêmon, e qualquer outro semelhante a eles? Todos passageiros, mortos há muito tempo.

Alguns, de fato, não foram lembrados nem por pouco tempo; outros se tornaram heróis de fábulas; e outros desapareceram até das fábulas. Lembre-se, então, disto: este pequeno composto, você mesmo, deve ou se dissolver, ou ter seu pobre sopro apagado, ou ser removido e colocado em outro lugar.

VIII.26

É uma satisfação para o ser humano realizar as obras próprias de um ser humano. Ora, é próprio do ser humano ser benevolente com os de sua espécie, desprezar os impulsos dos sentidos, formar um julgamento justo das aparências plausíveis e observar a natureza do universo e as coisas que nele acontecem.

VIII.27

Há três relações [entre você e as outras coisas]: a primeira, com o corpo que o envolve; a segunda, com a causa divina da qual todas as coisas vêm para todos; e a terceira, com aqueles que vivem com você.

VIII.28

A dor é um mal ou para o corpo — então que o corpo diga o que pensa dela — ou para a alma; mas está no poder da alma manter sua própria serenidade e tranquilidade e não considerar a dor um mal. Pois todo julgamento, impulso, desejo e aversão está dentro dela, e nenhum mal sobe tão alto.

VIII.29

Apague suas imaginações, dizendo muitas vezes a si mesmo: Agora está em meu poder não deixar que haja nesta alma maldade, desejo ou qualquer perturbação; ao olhar para todas as coisas, vejo qual é sua natureza e uso cada uma de acordo com seu valor. — Lembre-se desse poder que você recebeu da natureza.

VIII.30

Fale de maneira apropriada, tanto no senado quanto com qualquer pessoa, seja quem for, sem nenhuma afetação: use uma linguagem simples.

VIII.31

A corte de Augusto, sua esposa, filha, descendentes, antepassados, irmã, Agripa, parentes, íntimos, amigos; Areu, Mecenas, médicos e sacerdotes que ofereciam sacrifícios — toda a corte está morta.

Depois, volte-se para os demais, considerando a morte não de um único homem [mas de toda uma linhagem], como a dos Pompeus; e aquilo que está inscrito nos túmulos: O último de sua linhagem. Considere, então, o trabalho que os que vieram antes deles tiveram para deixar um sucessor; e, depois, que necessariamente alguém deve ser o último. Aqui, mais uma vez, considere a morte de toda uma linhagem.

VIII.32

É seu dever ordenar bem sua vida em cada ato; e, se cada ato cumpre seu dever tanto quanto possível, contente-se; e ninguém pode impedi-lo de fazer com que cada ato cumpra seu dever.

— Mas alguma coisa externa ficará no caminho. Nada impedirá que você aja com justiça, moderação e consideração. — Mas talvez alguma outra capacidade de agir seja impedida.

Pois bem, ao aceitar o impedimento e se contentar em transferir seus esforços para aquilo que é permitido, outra oportunidade de ação se apresenta imediatamente no lugar da que foi impedida, uma oportunidade que se ajustará a essa ordenação de que estamos falando.

VIII.33

Receba [riqueza ou prosperidade] sem arrogância e esteja pronto para abrir mão dela.

VIII.34

Se você já viu uma mão decepada, um pé ou uma cabeça, largados em algum lugar, separados do resto do corpo, é assim que se torna, tanto quanto pode, o homem que não se contenta com o que acontece, se separa dos outros ou faz algo contrário à vida em sociedade.

Suponha que você tenha se separado da unidade natural — pois a natureza o fez uma parte, mas agora você se cortou dela —; ainda assim, há aqui esta bela possibilidade: está em seu poder unir-se novamente. A nenhuma outra parte Deus permitiu, depois de separada e cortada, voltar a se unir.

Considere, contudo, a bondade com que ele distinguiu o ser humano, pois colocou em seu poder não se separar de modo algum do universo; e, quando se separa, permitiu que volte, se una e retome seu lugar como parte.

VIII.35

Assim como a natureza do universo deu a todo ser racional todos os outros poderes que ele possui, também recebemos dela este poder. Pois, assim como a natureza universal transforma e fixa em seu lugar predestinado tudo o que fica em seu caminho e se opõe a ela, fazendo dessas coisas uma parte de si mesma, também o animal racional é capaz de fazer de cada impedimento seu próprio material e usá-lo para os propósitos que tiver concebido.

VIII.36

Não se perturbe pensando em sua vida inteira. Não deixe que seus pensamentos abracem de uma só vez todos os diversos problemas que você espera enfrentar; em cada ocasião, pergunte a si mesmo: O que há nisto que é intolerável e impossível de suportar? Pois você terá vergonha de confessar. Em seguida, lembre-se de que nem o futuro nem o passado lhe causam dor, mas apenas o presente. E este se reduz a muito pouco, se você apenas o delimitar e repreender sua mente quando ela for incapaz de resistir até mesmo a isso.

VIII.37

Panteia ou Férgamo estão agora sentados junto ao túmulo de Vero? Cáurias ou Diótimo estão sentados junto ao túmulo de Adriano? Isso seria ridículo. Pois bem, suponha que estivessem ali sentados: os mortos teriam consciência disso? E, se os mortos tivessem consciência, ficariam satisfeitos? E, se ficassem satisfeitos, isso os tornaria imortais?

Não estava na ordem do destino que essas pessoas também se tornassem primeiro velhas e velhos e depois morressem? O que aqueles fariam, então, depois que estes estivessem mortos? Tudo isso é mau cheiro e sangue em um saco.

VIII.38

Se você pode ver com clareza, olhe e julgue com sabedoria, diz o filósofo.

VIII.39

Na constituição do animal racional, não vejo nenhuma virtude que se oponha à justiça; mas vejo uma virtude que se opõe ao amor ao prazer, e essa é a moderação.

VIII.40

Se você eliminar sua opinião sobre aquilo que parece lhe causar dor, você mesmo ficará em perfeita segurança. — Quem é esse eu? — A razão. — Mas eu não sou a razão. — Que assim seja. Então, que a própria razão não se perturbe. Mas, se alguma outra parte de você sofre, que tenha sua própria opinião sobre si mesma.

VIII.41

Um impedimento às percepções dos sentidos é um mal para a natureza animal. Um impedimento aos impulsos [desejos] é igualmente um mal para a natureza animal. E alguma outra coisa também é, do mesmo modo, um impedimento e um mal para a constituição das plantas. Assim, aquilo que impede a inteligência é um mal para a natureza inteligente.

Aplique, então, todas essas coisas a você mesmo. A dor ou o prazer dos sentidos o afetam? Os sentidos cuidarão disso. Algum obstáculo se opôs a seus esforços em direção a um objetivo? Se você estava fazendo esse esforço de maneira absoluta [incondicionalmente, ou sem nenhuma ressalva], certamente esse obstáculo é um mal para você, considerado como um animal racional.

Mas, se você leva [em consideração] o curso habitual das coisas, ainda não sofreu dano nem sequer foi impedido. Quanto às coisas próprias do entendimento, nenhum outro homem costuma impedi-las, pois nem fogo, nem ferro, nem tirano, nem insulto o atingem de qualquer maneira. Quando ele se torna uma esfera, continua sendo uma esfera.

VIII.42

Não é adequado que eu cause dor a mim mesmo, pois nunca causei dor intencionalmente nem mesmo a outra pessoa.

VIII.43

Coisas diferentes alegram pessoas diferentes; mas minha alegria é manter saudável a faculdade que me governa, sem me afastar de nenhum homem nem de nenhuma das coisas que acontecem aos homens, olhando e recebendo tudo com olhos acolhedores e usando cada coisa de acordo com seu valor.

VIII.44

Cuide de garantir para si este tempo presente, pois aqueles que preferem buscar a fama depois da morte não consideram que os homens dos tempos futuros serão exatamente como estes que agora não conseguem suportar; e ambos são mortais. E que diferença faz para você se esses homens dos tempos futuros emitem este ou aquele som, ou têm esta ou aquela opinião a seu respeito?

VIII.45

Pegue-me e lance-me onde quiser; pois ali manterei tranquila minha parte divina, isto é, satisfeita, se ela puder sentir e agir de acordo com sua própria constituição. É esta [mudança de lugar] razão suficiente para que minha alma seja infeliz e pior do que era, abatida, exaltada, retraída, amedrontada? E o que você encontrará que seja razão suficiente para isso?

VIII.46

Nada pode acontecer a um homem que não seja um acontecimento humano, nem a um boi que não esteja de acordo com a natureza de um boi, nem a uma videira que não esteja de acordo com a natureza de uma videira, nem a uma pedra que não seja próprio de uma pedra. Se, então, acontece a cada coisa aquilo que é habitual e natural, por que você deveria reclamar? Pois a natureza comum não traz nada que você não possa suportar.

VIII.47

Se alguma coisa externa lhe causa dor, não é essa coisa que o perturba, mas seu próprio julgamento sobre ela. E está em seu poder apagar esse julgamento agora. Mas, se algo em sua própria disposição lhe causa dor, quem o impede de corrigir sua opinião?

E, mesmo que você sinta dor por não estar fazendo alguma coisa específica que lhe parece certa, por que não age, em vez de reclamar? — Mas há algum obstáculo insuperável no caminho?

— Então não se entristeça, pois a causa de isso não ser feito não depende de você. — Mas não vale a pena viver se isso não puder ser feito. — Então deixe a vida com satisfação, assim como morre aquele que está em plena atividade, e satisfeito também com as coisas que são obstáculos.

VIII.48

Lembre-se de que a faculdade que governa é invencível quando, recolhida em si mesma, está satisfeita consigo, se não faz nada que não escolhe fazer, mesmo que resista por mera teimosia. Como será, então, quando formar um julgamento sobre alguma coisa com o auxílio da razão e de modo deliberado?

Por conseguinte, a mente livre de paixões é uma fortaleza, pois o ser humano não tem lugar mais seguro para onde fugir em busca de refúgio e tornar-se, daí em diante, inconquistável. Quem não viu isso é ignorante; mas quem viu e não foge para esse refúgio é infeliz.

VIII.49

Não diga a si mesmo nada além do que as primeiras aparências relatam. Suponha que lhe tenham contado que certa pessoa fala mal de você. Isso foi relatado; mas que você sofreu dano, isso não foi relatado. Vejo que meu filho está doente. Isso eu vejo; mas que ele está em perigo, isso não vejo. Assim, atenha-se sempre às primeiras aparências e não acrescente por conta própria nada que venha de dentro, e então nada lhe acontece. Ou melhor, acrescente algo como um homem que conhece tudo o que acontece no mundo.

VIII.50

Um pepino é amargo — Jogue-o fora. — Há espinheiros no caminho — Desvie deles. — Isso basta. Não acrescente: E por que tais coisas foram feitas no mundo? Pois você será ridicularizado por um homem que conhece a natureza, assim como seria ridicularizado por um carpinteiro e um sapateiro se reclamasse por ver em suas oficinas aparas e retalhos das coisas que fazem.

E, no entanto, eles têm lugares onde podem jogar essas aparas e retalhos, enquanto a natureza universal não tem espaço externo; mas o que há de maravilhoso em sua arte é que, embora tenha delimitado a si mesma, tudo o que há dentro dela que parece se decompor, envelhecer e tornar-se inútil, ela transforma em si mesma e, dessas mesmas coisas, volta a fazer outras novas, de modo que não precisa de substância de fora nem de um lugar onde jogar aquilo que se decompõe. Ela se contenta, então, com seu próprio espaço, sua própria matéria e sua própria arte.

VIII.51

Não seja lento em suas ações, nem desordenado em sua conversa, nem disperso em seus pensamentos; não haja em sua alma conflito interior nem transbordamento para fora, e não esteja tão ocupado na vida que não tenha tempo livre.

Suponha que os homens o matem, o cortem em pedaços e o amaldiçoem. O que podem essas coisas fazer para impedir que sua mente permaneça pura, sábia, moderada e justa?

Por exemplo, se um homem ficar ao lado de uma fonte límpida e pura e a amaldiçoar, a fonte nunca deixará de fazer brotar água potável; e, se ele jogar nela barro ou sujeira, ela rapidamente os dispersará e os levará embora, sem ficar de modo algum poluída. Como, então, você terá uma fonte perpétua [e não um simples poço]? Moldando-se a cada hora para a liberdade unida à satisfação, à simplicidade e à modéstia.

VIII.52

Quem não sabe o que é o mundo não sabe onde está. E quem não sabe para que propósito o mundo existe não sabe quem é nem o que é o mundo. Mas quem falhou em qualquer uma dessas coisas não poderia sequer dizer para que propósito ele próprio existe. O que você pensa, então, de quem [evita ou] busca o elogio daqueles que aplaudem, de homens que não sabem onde estão nem quem são?

VIII.53

Você deseja ser elogiado por um homem que amaldiçoa a si mesmo três vezes a cada hora? Gostaria de agradar a um homem que não agrada a si mesmo? Agrada a si mesmo um homem que se arrepende de quase tudo o que faz?

VIII.54

Não deixe que apenas sua respiração aja em conjunto com o ar que o cerca; que também sua inteligência esteja agora em harmonia com a inteligência que abrange todas as coisas. Pois o poder inteligente está tão difundido por todas as partes e penetra todas as coisas, para quem está disposto a atraí-lo para si, quanto o poder do ar para quem é capaz de respirá-lo.

VIII.55

Em geral, a maldade não causa dano algum ao universo; e, em particular, a maldade [de um homem] não causa dano a outro. Ela só é prejudicial àquele que tem o poder de se libertar dela assim que escolher.

VIII.56

Para minha própria vontade livre, a vontade livre do meu próximo é tão indiferente quanto seu pobre sopro e sua carne. Pois, embora sejamos feitos especialmente uns para os outros, o poder que governa cada um de nós tem sua própria função; caso contrário, a maldade do meu próximo seria um dano para mim, o que Deus não quis, para que minha infelicidade não dependa de outro.

VIII.57

O sol parece se derramar para baixo e, de fato, se difunde em todas as direções, mas não se esgota nesse derramamento. Pois essa difusão é extensão: por isso seus raios são chamados Extensões [aktines], porque se estendem [apo tou ekteinesthai].

Mas é possível julgar que tipo de coisa é um raio observando a luz do sol que passa por uma abertura estreita para dentro de um quarto escuro, pois ela se estende em linha reta e como que se divide ao encontrar algum corpo sólido que fica no caminho e intercepta o ar além dele; mas ali a luz permanece fixa e não desliza nem cai.

Assim deve ser o derramamento e a difusão do entendimento: de modo algum um derramamento que o esgote, mas uma extensão; ele não deve colidir de maneira violenta ou impetuosa com os obstáculos em seu caminho, nem cair, mas permanecer firme e iluminar aquilo que o recebe. Pois um corpo privará a si mesmo da iluminação se não a admitir.

VIII.58

Quem teme a morte teme ou a perda da sensação ou um tipo diferente de sensação. Mas, se você não tiver sensação alguma, também não sentirá nenhum mal; e, se adquirir outro tipo de sensação, será um tipo diferente de ser vivo e não deixará de viver.

VIII.59

Os seres humanos existem uns para os outros. Portanto, ensine-os ou tenha paciência com eles.

VIII.60

Uma flecha se move de uma maneira, a mente de outra. De fato, tanto quando age com cautela quanto quando se ocupa de uma investigação, a mente avança em linha reta em direção a seu objetivo, nem por isso com menos firmeza.

VIII.61

Entre na faculdade que governa cada homem; e permita também que todos os outros entrem na sua.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO IX

✦

IX.1

Quem age injustamente age de modo ímpio. Pois, como a natureza universal fez os animais racionais uns para os outros, para que se ajudem conforme seus méritos, mas de modo algum prejudiquem uns aos outros, quem transgride sua vontade é claramente culpado de impiedade para com a divindade suprema.

E quem mente também é culpado de impiedade para com essa mesma divindade; pois a natureza universal é a natureza das coisas que existem; e as coisas que existem têm relação com todas as coisas que vêm a existir. Além disso, essa natureza universal recebe o nome de verdade e é a causa primeira de todas as coisas verdadeiras.

Assim, quem mente intencionalmente é culpado de impiedade, na medida em que age injustamente ao enganar; e também quem mente sem intenção, na medida em que está em desacordo com a natureza universal e perturba a ordem ao lutar contra a natureza do mundo; pois luta contra ela quem, por iniciativa própria, se move em direção ao que é contrário à verdade, já que recebeu da natureza capacidades que, por ter negligenciado, já não lhe permitem distinguir a falsidade da verdade.

E, de fato, quem busca o prazer como um bem e evita a dor como um mal é culpado de impiedade. Pois tal homem necessariamente deve muitas vezes censurar a natureza universal, alegando que ela distribui as coisas aos maus e aos bons em desacordo com seus méritos, porque com frequência os maus desfrutam do prazer e possuem as coisas que proporcionam prazer, enquanto aos bons cabem a dor e as coisas que causam dor.

Além disso, quem tem medo da dor às vezes também terá medo de algumas das coisas que acontecerão no mundo, e até isso é impiedade. E quem busca o prazer não se absterá da injustiça, e isso é claramente impiedade.

Ora, quanto às coisas diante das quais a natureza universal tem a mesma disposição — pois ela não teria feito ambas se não tivesse a mesma disposição diante de ambas —, aqueles que desejam seguir a natureza devem pensar como ela e ter a mesma disposição.

Por conseguinte, quanto à dor e ao prazer, à morte e à vida, à honra e à desonra, que a natureza universal emprega igualmente, quem não tem a mesma disposição diante de ambos está manifestamente agindo de modo ímpio.

E digo que a natureza universal os emprega igualmente em vez de dizer que eles acontecem igualmente àqueles que são produzidos em uma série contínua e àqueles que vêm depois deles, em virtude de certo movimento original da Providência, pelo qual ela avançou de determinado começo até esta ordenação das coisas, tendo concebido certos princípios das coisas que viriam a existir e determinado forças produtoras de seres, de mudanças e de sucessões semelhantes.

IX.2

A sorte mais feliz de um homem seria deixar a humanidade sem ter experimentado a mentira, a hipocrisia, o luxo e o orgulho. Contudo, dar o último suspiro depois de ter se fartado dessas coisas é a segunda melhor viagem, como diz o ditado. Você decidiu permanecer com o vício, e a experiência ainda não o levou a fugir dessa peste?

Pois a destruição do entendimento é uma peste, muito mais, de fato, do que qualquer corrupção e alteração dessa atmosfera que nos cerca. Pois essa corrupção é uma peste dos animais enquanto animais; mas a outra é uma peste dos homens enquanto homens.

IX.3

Não despreze a morte, mas aceite-a de bom grado, pois ela também é uma das coisas que a natureza quer. Pois, assim como ser jovem e envelhecer, crescer e atingir a maturidade, ter dentes, barba e cabelos brancos, gerar filhos, engravidar e dar à luz, e todas as outras operações naturais que as estações de sua vida trazem, assim também é a dissolução.

Portanto, isto condiz com o caráter de um homem reflexivo: não ser descuidado, impaciente nem desdenhoso em relação à morte, mas esperá-la como uma das operações da natureza. Assim como agora você espera o momento em que a criança sairá do ventre de sua esposa, esteja pronto para o momento em que sua alma sairá deste invólucro.

Mas, se você também precisa de uma espécie de consolo comum que alcance seu coração, a melhor maneira de se reconciliar com a morte será observar as coisas das quais será afastado e os costumes daqueles com quem sua alma já não se misturará.

Pois de modo algum é certo se ressentir dos homens, mas é seu dever cuidar deles e suportá-los com brandura; e, ainda assim, lembrar que sua partida não será do meio de homens que têm os mesmos princípios que você.

Pois esta é a única coisa, se alguma existe, que poderia nos puxar na direção contrária e nos prender à vida: poder viver com aqueles que têm os mesmos princípios que nós. Mas agora você vê como é grande a perturbação que surge da discórdia entre os que vivem juntos, de modo

que pode dizer: Venha depressa, ó morte, para que eu também não acabe me esquecendo de mim mesmo.

IX.4

Quem faz o mal faz mal a si mesmo. Quem age injustamente age injustamente contra si mesmo, porque se torna mau.

IX.5

Muitas vezes age injustamente quem deixa de fazer determinada coisa; não apenas quem faz determinada coisa.

IX.6

Sua opinião presente fundada no entendimento, sua conduta presente voltada para o bem social e sua disposição presente de contentamento com tudo o que acontece: isso basta.

IX.7

Apague a imaginação; contenha o desejo; extinga o apetite; mantenha a faculdade que governa sob seu próprio domínio.

IX.8

Entre os animais que não têm razão, uma só vida é distribuída; mas entre os animais racionais, uma só alma inteligente é distribuída: assim como há uma só terra para todas as coisas de natureza terrestre, e todos nós que temos a faculdade da visão enxergamos por uma só luz, e todos os que têm vida respiram um só ar.

IX.9

Todas as coisas que participam de algo comum a todas elas se movem em direção ao que é da mesma espécie que elas. Tudo o que é terroso se volta para a terra, tudo o que é líquido se reúne ao fluir, e tudo o que é da natureza do ar faz o mesmo, de modo que é necessário algo que os mantenha separados, e o emprego da força.

O fogo, de fato, move-se para cima por causa do fogo elementar, mas está tão pronto a se acender junto com todo o fogo que há aqui que até toda substância um tanto seca se inflama facilmente, porque nela há menor mistura daquilo que impede a combustão.

Assim, portanto, tudo o que participa da natureza inteligente comum também se move, de maneira semelhante, em direção ao que é da mesma espécie que ele, ou se move ainda mais. Pois, na mesma medida em que é superior a todas as outras coisas, também está mais pronto a se misturar e se fundir com aquilo que lhe é afim.

Por isso, entre os animais desprovidos de razão encontramos enxames de abelhas, rebanhos de gado, o cuidado com os filhotes das aves e, de certo modo, amores; pois mesmo nos animais há almas, e vê-se que a força que os reúne atua em grau superior, de uma maneira que nunca se observou nas plantas, nas pedras ou nas árvores.

Mas entre os animais racionais há comunidades políticas, amizades, famílias e reuniões de pessoas; e, nas guerras, tratados e armistícios. Mas nas coisas ainda superiores, embora estejam separadas umas das outras,

existe de certo modo uma unidade, como nos astros. Assim, a ascensão ao grau superior é capaz de produzir uma afinidade até entre coisas separadas.

Veja, então, o que acontece agora: apenas os animais inteligentes se esqueceram desse desejo e dessa inclinação mútuos, e somente neles não se vê a propriedade de se reunir. Mas, ainda assim, embora os homens se esforcem para evitar [essa união], são capturados e retidos por ela, pois sua natureza é forte demais para eles; e você verá o que digo, se apenas observar.

Portanto, será mais fácil encontrar algo terroso que não tenha contato com nenhuma coisa terrosa do que um homem inteiramente separado dos outros homens.

IX.10

Tanto o homem quanto Deus e o universo produzem frutos; cada um os produz nas estações apropriadas. Mas, se o uso consagrou esses termos especialmente à videira e a coisas semelhantes, isso não tem importância. A razão produz frutos tanto para todos quanto para si mesma, e dela são produzidas outras coisas da mesma espécie que a própria razão.

IX.11

Se você puder, corrija pelo ensinamento aqueles que fazem o mal; mas, se não puder, lembre-se de que a indulgência lhe foi dada para esse fim. E os deuses também são indulgentes com essas pessoas; e, para certos fins, até as ajudam a obter saúde, riqueza e reputação; tamanha é sua bondade. E isso também está ao seu alcance; ou diga: quem o impede?

IX.12

Não trabalhe como alguém infeliz, nem como alguém que deseja ser digno de pena ou de admiração; mas dirija sua vontade a uma única coisa: pôr-se em movimento e conter-se conforme exige a razão social.

IX.13

Hoje me livrei de toda perturbação, ou melhor, expulsei toda perturbação, pois ela não estava fora, mas dentro de mim e em minhas opiniões.

IX.14

Todas as coisas são as mesmas, familiares pela experiência, passageiras no tempo e sem valor em sua matéria. Tudo agora é exatamente como era no tempo daqueles que sepultamos.

IX.15

As coisas estão fora de nós, por si mesmas, sem saber nada de si mesmas nem expressar qualquer juízo. O que é, então, que julga a respeito delas? A faculdade que governa.

IX.16

O mal e o bem do animal racional e social estão na atividade, não na passividade, assim como sua virtude e seu vício estão na atividade, não na passividade.

IX.17

Para a pedra que foi lançada para cima, não é um mal cair, nem foi um bem ter sido levada para cima.

IX.18

Penetre nos princípios que orientam os homens, e você verá de quais juízes tem medo e que espécie de juízes eles são de si mesmos.

IX.19

Todas as coisas estão mudando; e você mesmo está em contínua transformação e, de certo modo, em contínua destruição, assim como o universo inteiro.

IX.20

É seu dever deixar o ato injusto de outro homem onde ele está.

IX.21

O término da atividade, a cessação do movimento e da opinião e, em certo sentido, a morte deles não são um mal. Volte agora seus pensamentos para a consideração de sua vida, sua vida de criança, de jovem, sua idade adulta, sua velhice, pois também nelas cada mudança foi uma morte. Há nisso algo a temer?

Volte agora seus pensamentos para sua vida sob os cuidados de seu avô, depois para sua vida sob os cuidados de sua mãe, depois para sua vida sob os cuidados de seu pai; e, ao encontrar muitas outras diferenças, mudanças e términos, pergunte a si mesmo: Há nisso algo a temer?

Da mesma forma, portanto, o término, a cessação e a mudança de sua vida inteira tampouco são algo a temer.

IX.22

Apresse-se [em examinar] sua própria faculdade que governa, a do universo e a de seu próximo: a sua, para torná-la justa; a do universo, para se lembrar daquilo de que você é parte; e a de seu próximo, para saber se ele agiu por ignorância ou com conhecimento, e para considerar também que a faculdade que o governa é afim à sua.

IX.23

Assim como você é uma parte integrante de um sistema social, que cada ato seu seja uma parte integrante da vida social. Portanto, qualquer ato seu que não tenha relação imediata ou remota com um fim social despedaça sua vida, não permite que ela seja una e tem a natureza de um motim, assim como quando, em uma assembleia popular, um homem que age por conta própria se afasta do acordo geral.

IX.24

Brigas de criancinhas e suas brincadeiras, e pobres espíritos carregando cadáveres [assim é tudo]; e, desse modo, aquilo que se exibe na representação das moradas dos mortos se apresenta mais claramente aos nossos olhos.

IX.25

Examine a qualidade da forma de um objeto, separe-a inteiramente de sua parte material e então contemple-a; depois determine o tempo máximo que uma coisa dessa forma particular foi naturalmente feita para durar.

IX.26

Você suportou infinitas perturbações por não se contentar com sua faculdade que governa quando ela faz as coisas para as quais foi constituída pela natureza. Mas chega [disso].

IX.27

Quando outra pessoa censurar ou odiar você, ou quando os homens disserem algo ofensivo a seu respeito, aproxime-se de suas pobres almas, penetre nelas e veja que espécie de homens são. Você descobrirá que não há motivo para se preocupar com o fato de esses homens terem esta ou aquela opinião a seu respeito. Contudo, você deve ter boa disposição para com eles, pois são amigos por natureza. E os deuses também os ajudam de todas as maneiras, por sonhos e sinais, a alcançar as coisas a que dão valor.

IX.28

Os movimentos periódicos do universo são os mesmos, para cima e para baixo, de era em era. E ou a inteligência universal se põe em movimento para cada efeito particular e, se assim for, contente-se com o resultado de sua atividade; ou ela se põe em movimento uma única vez, e todo o resto vem, de certo modo, por uma sequência; ou elementos indivisíveis são a origem de todas as coisas. Em uma palavra, se há um deus, tudo está bem; e, se o acaso governa, não seja você também governado por ele.

Em breve a terra cobrirá a todos nós; depois a terra também mudará, e as coisas que resultarem da mudança continuarão a mudar para sempre, e estas, por sua vez, para sempre. Pois, se um homem refletir sobre as mudanças e transformações que se seguem umas às outras como onda após onda, e sobre sua rapidez, desprezará tudo o que é perecível.

IX.29

A causa universal é como uma torrente de inverno: arrasta tudo consigo. Mas como são sem valor todas essas pobres pessoas que se ocupam de assuntos políticos e, segundo imaginam, fazem o papel de filósofos! Todos uns tolos faladores. Pois bem, homem: faça o que a natureza exige agora.

Ponha-se em movimento, se isso estiver ao seu alcance, e não olhe ao redor para ver se alguém vai notar; tampouco espere a República de Platão: contente-se se a menor coisa correr bem e considere que tal acontecimento não é pouca coisa. Pois quem pode mudar as opiniões dos homens?

E, sem uma mudança de opiniões, o que mais há senão a escravidão de homens que gemem enquanto fingem obedecer? Venha agora me falar de Alexandre, de Filipe e de Demétrio de Falero. Eles mesmos julgarão se descobriram o que a natureza comum exigia e se exercitaram de acordo com isso. Mas, se agiram como heróis de tragédia, ninguém me condenou a imitá-los. Simples e modesto é o trabalho da filosofia. Não me desvie para a insolência e o orgulho.

IX.30

Olhe do alto para os incontáveis rebanhos de homens e suas incontáveis solenidades, para as viagens infinitamente variadas em tempestades e calmarias e para as diferenças entre aqueles que nascem, vivem juntos e morrem. Considere também a vida que outros viveram em tempos antigos, a vida dos que viverão depois de você e a vida que agora se vive entre nações bárbaras; e quantos não sabem nem seu nome, e quantos logo o esquecerão, e como aqueles que talvez agora o elogiem muito em breve o censurarão, e que nem um nome póstumo tem valor, nem a reputação, nem qualquer outra coisa.

IX.31

Que haja liberdade de perturbações em relação às coisas que vêm da causa externa; e que haja justiça nas coisas feitas em virtude da causa interna, isto é, que haja movimento e ação que tenham como fim os atos sociais, pois isso está de acordo com sua natureza.

IX.32

Você pode tirar do caminho muitas coisas inúteis entre aquelas que o perturbam, pois elas estão completamente em sua opinião; e então ganhará para si um amplo espaço ao abranger o universo inteiro em sua mente, contemplar a eternidade do tempo e observar a rápida mudança de cada coisa, como é curto o tempo entre o nascimento e a dissolução, e o tempo ilimitado antes do nascimento, assim como o tempo igualmente sem limites depois da dissolução!

IX.33

Tudo o que você vê perecerá rapidamente, e aqueles que tiverem presenciado sua dissolução também perecerão muito em breve. E quem morre na velhice mais avançada será levado à mesma condição de quem morreu prematuramente.

IX.34

Quais são os princípios que orientam esses homens, com que espécie de coisas eles se ocupam e por que razões amam e honram? Imagine que você vê suas pobres almas expostas. Quando pensam que fazem mal com sua censura ou bem com seu elogio, que ideia!

IX.35

A perda não é outra coisa senão mudança. Mas a natureza universal se alegra com a mudança, e em obediência a ela todas as coisas agora são bem feitas, e desde a eternidade têm sido de forma semelhante, e assim serão por um tempo sem fim. O que você diz, então: que todas as coisas foram e sempre serão más, e que em tantos deuses nunca se encontrou poder algum para corrigir essas coisas, mas que o mundo foi condenado a ficar preso a um mal incessante?

IX.36

A podridão da matéria que é o fundamento de tudo! Água, pó, ossos, sujeira; ou ainda, rochas de mármore, as calosidades da terra; e ouro e prata, os sedimentos; e roupas, apenas pedaços de pelo; e tintura púrpura, sangue; e tudo o mais é da mesma espécie. E aquilo que tem a natureza do sopro também é outra coisa da mesma espécie, mudando disto para aquilo.

IX.37

Chega desta vida miserável, das murmurações e dos trejeitos de macaco. Por que você está perturbado? O que há de novo nisso? O que o inquieta? É a forma da coisa? Olhe para ela. Ou é a matéria? Olhe para ela. Mas além dessas não há nada. Portanto, torne-se agora, enfim, mais simples e melhor para com os deuses. Dá no mesmo examinarmos essas coisas por cem anos ou por três.

IX.38

Se um homem fez o mal, o prejuízo é dele mesmo. Mas talvez ele não tenha feito o mal.

IX.39

Ou todas as coisas procedem de uma única fonte inteligente e se reúnem como em um só corpo, e a parte não deve censurar o que é feito para o benefício do todo; ou há apenas átomos, e nada além de mistura e dispersão. Por que, então, você está perturbado? Diga à faculdade que governa: Você está morta, está corrompida, está fingindo, tornou-se uma fera, anda em bando e se alimenta com as demais?

IX.40

Ou os deuses não têm poder, ou têm poder. Se, então, não têm poder, por que você lhes dirige preces? Mas, se têm poder, por que você não pede que lhe deem a capacidade de não temer nenhuma das coisas que teme, de não desejar nenhuma das coisas que deseja ou de não sofrer por coisa alguma, em vez de pedir que alguma dessas coisas deixe de acontecer ou aconteça?

Pois certamente, se eles podem cooperar com os homens, podem cooperar para esses fins. Mas talvez você diga que os deuses colocaram essas coisas em seu poder. Pois bem, não é melhor usar o que está em seu poder como um homem livre do que desejar, de maneira servil e abjeta, o que não está em seu poder?

E quem lhe disse que os deuses não nos ajudam, mesmo nas coisas que estão em nosso poder? Comece, então, a pedir essas coisas, e você verá. Um homem pede assim: Como poderei me deitar com aquela mulher? Peça você assim: Como poderei não desejar me deitar com ela? Outro pede assim: Como poderei me livrar disto? Peça você: Como poderei não desejar me livrar disto?

Outro, assim: Como poderei não perder meu filhinho? Você, assim: Como poderei não ter medo de perdê-lo? Enfim, dirija suas preces dessa maneira e veja o que acontece.

IX.41

Epicuro diz: Durante minha doença, minha conversa não era sobre meus sofrimentos físicos, nem, diz ele, falava desses assuntos aos que me visitavam; mas continuava a discorrer sobre a natureza das coisas como antes, mantendo-me neste ponto principal: como a mente, embora participe de movimentos como os que ocorrem na pobre carne, pode ficar livre de perturbações e preservar seu bem próprio.

Tampouco, diz ele, dei aos médicos a oportunidade de assumir ares solenes, como se estivessem fazendo algo grandioso, mas minha vida continuou bem e feliz. Faça, então, o mesmo que ele fez, tanto na doença, se você estiver doente, quanto em quaisquer outras circunstâncias; pois nunca abandonar a filosofia em nenhum dos acontecimentos que possam nos atingir, nem manter conversas fúteis com um homem ignorante ou com alguém que desconheça a natureza, é um princípio de todas as escolas de filosofia; e dedicar-se apenas ao que você está fazendo agora e ao instrumento com que o faz.

IX.42

Quando você se sentir ofendido pela conduta sem vergonha de algum homem, pergunte imediatamente a si mesmo: É possível, então, que não haja homens sem vergonha no mundo? Não é possível. Portanto, não exija o impossível. Pois esse homem também é um daqueles homens sem vergonha que necessariamente devem existir no mundo.

Tenha em mente as mesmas considerações no caso do trapaceiro, do homem desleal e de todo homem que faça o mal de qualquer maneira. Pois, ao mesmo tempo que você se lembrar de que é impossível que homens dessa espécie não existam, passará a ter uma disposição mais bondosa para com cada um individualmente.

Também é útil perceber, assim que a ocasião surgir, que virtude a natureza deu ao homem para se opor a cada ato injusto. Pois ela deu ao homem, como antídoto contra o homem estúpido, a brandura, e contra outra espécie de homem, alguma outra capacidade.

E em todos os casos você pode corrigir pelo ensinamento o homem que se desviou; pois todo homem que erra deixa de atingir seu objetivo e se desvia. Além disso, em que você foi prejudicado? Pois descobrirá que nenhum daqueles contra quem você se irrita fez algo que pudesse tornar sua mente pior; mas aquilo que é mau e prejudicial para você tem seu fundamento apenas na mente.

E que mal se faz, ou o que há de estranho, se o homem que não foi instruído pratica os atos de um homem sem instrução? Considere se não

deveria antes censurar a si mesmo, por não ter esperado que tal homem errasse dessa maneira.

Pois sua razão lhe deu meios de supor que era provável que ele cometesse esse erro, e, no entanto, você se esqueceu disso e se espanta por ele ter errado. Mas, sobretudo, quando censurar um homem por ser desleal ou ingrato, volte-se para si mesmo.

Pois a culpa é manifestamente sua, seja por ter confiado que um homem com tal disposição cumpriria sua promessa, seja porque, ao lhe fazer uma gentileza, você não a fez sem reservas, nem de modo a ter recebido de seu próprio ato todo o proveito. Pois o que mais você quer depois de ter prestado um serviço a um homem?

Não se contenta por ter feito algo conforme à sua natureza e procura ser pago por isso? É como se o olho exigisse uma recompensa por enxergar, ou os pés por andar.

Pois, assim como esses membros são formados para um fim particular e, ao trabalhar de acordo com suas respectivas constituições, obtêm o que lhes é próprio, também o homem, por ser formado pela natureza para atos de benevolência, quando faz algo benevolente ou que de alguma outra maneira contribui para o interesse comum, age de acordo com sua constituição e recebe o que lhe é próprio.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO X

✦

X.1

Então, minha alma, você nunca será boa, simples, una e nua, mais manifesta que o corpo que a envolve? Nunca terá uma disposição afetuosa e contente? Nunca estará plena e sem falta de coisa alguma, sem ansiar por nada mais, nem desejar coisa alguma, animada ou inanimada, para desfrutar de prazeres?

Nem desejará tempo para desfrutar por mais tempo, ou um lugar, ou um clima agradável, ou a companhia de pessoas com quem possa viver em harmonia? Mas ficará satisfeita com sua condição presente e contente com tudo o que a cerca, e se convencerá de que tem tudo, de que isso vem dos deuses, de que tudo está bem para você e estará bem, seja o que for que agrade a eles, e seja o que for que deem para a conservação do ser vivo perfeito, bom, justo e belo, que gera e mantém unidas todas as coisas, e contém e abrange todas as coisas que se dissolvem para produzir outras semelhantes?

Você nunca chegará a viver em comunidade com deuses e seres humanos de tal modo que não encontre neles motivo algum de censura, nem seja condenada por eles?

X.2

Observe o que sua natureza exige, na medida em que você é governado apenas pela natureza; então faça isso e aceite, se sua natureza, na medida em que você é um ser vivo, não se tornar pior por isso. Em seguida, observe o que sua natureza exige na medida em que você é um ser vivo.

E pode se permitir tudo isso, se sua natureza, na medida em que você é um animal racional, não se tornar pior por isso. Mas o animal racional é, por consequência, também um animal político [social]. Portanto, siga essas regras e não se preocupe com mais nada.

X.3

Tudo o que acontece, ou acontece de um modo que sua natureza o fez capaz de suportar, ou de um modo que sua natureza não o fez capaz de suportar. Se, então, algo lhe acontece de um modo que sua natureza o fez capaz de suportar, não se queixe, mas suporte como sua natureza o fez capaz de suportar.

Mas, se acontece de um modo que sua natureza não o fez capaz de suportar, não se queixe, pois isso perecerá depois de consumir você. Lembre-se, contudo, de que sua natureza o fez capaz de suportar tudo aquilo que depende de sua própria opinião tornar suportável e tolerável, ao pensar que fazê-lo é de seu interesse ou de seu dever.

X.4

Se alguém está enganado, instrua-o com bondade e mostre seu erro. Mas, se você não for capaz, culpe a si mesmo, ou nem mesmo a si mesmo culpe.

X.5

O que quer que lhe aconteça foi preparado para você desde toda a eternidade; e o entrelaçamento das causas vinha, desde a eternidade, tecendo o fio de sua existência e daquilo que lhe acontece.

X.6

Quer o universo seja [uma reunião de] átomos, quer a natureza [seja um sistema], fique estabelecido primeiro que sou uma parte do todo governado pela natureza; depois, que estou, de certo modo, intimamente ligado às partes que são da mesma espécie que eu.

Pois, ao me lembrar disso, na medida em que sou uma parte, não ficarei descontente com nenhuma das coisas que me são destinadas pelo todo; pois nada é prejudicial à parte se é vantajoso para o todo.

O todo não contém nada que não seja vantajoso para ele; e todas as naturezas têm, de fato, esse princípio em comum, mas a natureza do universo tem, ademais, este princípio: não pode ser forçada, nem mesmo por alguma causa externa, a gerar algo prejudicial a si mesma. Lembrando, então, que sou parte de tal todo, ficarei contente com tudo o que acontece.

E, na medida em que estou, de certo modo, intimamente ligado às partes que são da mesma espécie que eu, nada farei contra a vida em sociedade; ao contrário, me voltarei para os seres da mesma espécie que eu e dirigirei todos os meus esforços ao interesse comum, afastando-os do que lhe é contrário.

Ora, se essas coisas forem feitas assim, a vida deverá transcorrer feliz, assim como você pode observar que é feliz a vida de um cidadão que prossegue numa linha de ação vantajosa para seus concidadãos e se contenta com tudo o que o Estado lhe destina.

X.7

As partes do todo, isto é, tudo o que está naturalmente compreendido no universo, devem necessariamente perecer; mas entenda-se isso no sentido de que devem passar por mudanças.

Se, porém, isso é por natureza tanto um mal quanto uma necessidade para as partes, o todo não continuaria a existir em boas condições, sendo as partes sujeitas a mudanças e constituídas de modo a perecer de várias maneiras.

Pois será que a própria Natureza planejou fazer mal às coisas que são partes dela mesma, sujeitá-las ao mal e fazê-las necessariamente cair no mal, ou tais resultados aconteceram sem que ela soubesse? Ambas as suposições são, de fato, inacreditáveis.

Mas, mesmo que alguém abandonasse o termo Natureza [como força que produz efeitos] e falasse dessas coisas como naturais, ainda assim seria ridículo afirmar, ao mesmo tempo, que as partes do todo são por natureza sujeitas a mudanças e se surpreender ou se aborrecer como se algo contrário à natureza estivesse acontecendo, sobretudo porque as coisas se dissolvem naquelas de que cada uma é composta.

Pois há ou uma dispersão dos elementos dos quais tudo foi composto, ou uma mudança do sólido para o terroso e do que é ar para o etéreo, de modo que essas partes são acolhidas de volta na razão universal, quer esta seja consumida pelo fogo em certos períodos, quer seja renovada por mudanças eternas.

E não imagine que a parte sólida e a parte aérea lhe pertencem desde a geração. Pois tudo isso recebeu seus acréscimos apenas ontem e anteontem, por assim dizer, dos alimentos e do ar que se inspira. É, portanto, isso que recebeu [o acréscimo] que muda, e não aquilo que sua mãe trouxe ao mundo.

Mas suponha que isso [que sua mãe trouxe ao mundo] o ligue estreitamente àquela outra parte que tem a qualidade peculiar [da mudança]; isso, de fato, em nada constitui uma objeção ao que foi dito.

X.8

Quando você tiver assumido estes nomes — bom, modesto, verdadeiro, racional, um homem de equanimidade e magnânimo —, cuide para não trocar esses nomes; e, se os perder, volte rapidamente a eles.

E lembre-se de que o termo Racional foi destinado a significar uma atenção criteriosa a cada coisa em particular e a ausência de negligência; de que Equanimidade é a aceitação voluntária das coisas que lhe são destinadas pela natureza comum; e de que Magnanimidade é a elevação da parte inteligente acima das sensações agradáveis ou dolorosas da carne, acima daquela coisa insignificante chamada fama, da morte e de todas as coisas semelhantes.

Se, então, você se mantiver de posse desses nomes, sem desejar ser chamado por eles pelos outros, será outra pessoa e começará outra vida. Pois continuar a ser como você tem sido até agora, e ser dilacerado e manchado numa vida assim, é próprio de um homem muito tolo e apegado demais à vida, semelhante àqueles combatentes meio devorados por feras que, embora cobertos de feridas e sangue, ainda imploram para ser poupados até o dia seguinte, embora venham a ser expostos, no mesmo estado, às mesmas garras e mordidas.

Por conseguinte, mantenha-se firme na posse desses poucos nomes; e, se puder permanecer neles, permaneça como se tivesse sido levado a certas ilhas dos Bem-aventurados.

Mas, se perceber que está se afastando deles e não consegue conservá-los, vá corajosamente para algum recanto onde possa mantê-los, ou até mesmo deixe a vida de uma vez, sem paixão, mas com simplicidade, liberdade e modéstia, depois de ter feito ao menos esta única coisa [louvável] na vida: ter saído dela dessa maneira.

Contudo, para se lembrar desses nomes, será de grande ajuda lembrar-se dos deuses e de que eles não querem ser bajulados, mas querem que todos os seres racionais se tornem semelhantes a eles; e lembrar-se de que aquilo que faz o trabalho de uma figueira é uma figueira, aquilo que faz o trabalho de um cão é um cão, aquilo que faz o trabalho de uma abelha é uma abelha, e aquilo que faz o trabalho de um ser humano é um ser humano.

X.9

Mimos, guerra, espanto, torpor, escravidão apagarão diariamente aqueles seus princípios sagrados. Quantas coisas você imagina sem estudar a natureza, e quantas negligencia?

Mas é seu dever observar e fazer tudo de tal maneira que, ao mesmo tempo, se aperfeiçoe a capacidade de lidar com as circunstâncias, se exercite a faculdade contemplativa e se mantenha a confiança que vem do conhecimento de cada coisa em particular, sem exibi-la, mas também sem escondê-la.

Pois quando você desfrutará da simplicidade, quando da seriedade, e quando do conhecimento de cada coisa em particular, tanto do que ela é em sua substância quanto do lugar que ocupa no universo, de quanto tempo foi feita para existir, de que coisas é composta, a quem pode pertencer e quem é capaz tanto de dá-la quanto de tirá-la?

X.10

Uma aranha se orgulha quando pega uma mosca; outro, quando pega uma pobre lebre; outro, quando apanha um peixinho numa rede; outro, quando captura javalis; outro, quando captura ursos; e outro, quando captura sármatas. Não são todos eles ladrões, se você examinar suas opiniões?

X.11

Adquira o modo contemplativo de ver como todas as coisas se transformam umas nas outras, dedique atenção constante a isso e exercite-se nessa parte [da filosofia]. Pois nada é tão apropriado para produzir magnanimidade.

Um homem assim se desprendeu do corpo e, como vê que terá de partir do meio dos seres humanos e deixar tudo aqui, sem que ninguém saiba quanto tempo falta, dedica-se completamente a agir com justiça em todas as suas ações e, em tudo o mais que acontece, entrega-se à natureza universal.

Mas, quanto ao que alguém diga ou pense a seu respeito, ou faça contra ele, nem sequer pensa nisso, contente com estas duas coisas: agir com justiça no que faz agora e estar satisfeito com o que lhe é destinado agora; e deixa de lado todas as ocupações que distraem e agitam, e nada mais deseja além de percorrer o caminho reto segundo a lei e, ao percorrê-lo, seguir Deus.

X.12

Que necessidade há de um medo desconfiado, já que está em seu poder investigar o que deve ser feito? E, se você vê com clareza, siga contente por esse caminho, sem voltar atrás; mas, se não vê com clareza, pare e procure os melhores conselheiros. Se outras coisas se opuserem a você, prossiga conforme suas forças, com a devida reflexão, mantendo-se naquilo que parece justo.

Pois o melhor é alcançar esse objetivo; e, se fracassar, que seu fracasso esteja na tentativa de alcançá-lo. Quem segue a razão em todas as coisas é tranquilo e ativo ao mesmo tempo, e também alegre e sereno.

X.13

Assim que despertar do sono, pergunte a si mesmo se fará alguma diferença para você que outra pessoa faça o que é justo e correto. Não fará diferença alguma.

Suponho que você não tenha esquecido que aqueles que assumem ares arrogantes ao distribuir elogios ou censuras aos outros são tais como se mostram na cama e à mesa; e que não tenha esquecido o que fazem, o que evitam, o que buscam, como furtam e como roubam, não com mãos e pés, mas com sua parte mais valiosa, por meio da qual se produzem, quando alguém assim escolhe, fidelidade, modéstia, verdade, lei e um bom espírito [felicidade]?

X.14

Àquela que dá e retoma tudo, à natureza, o homem instruído e modesto diz: Dê o que quiser; retome o que quiser. E diz isso sem orgulho, mas com obediência e contente com ela.

X.15

É breve o pouco de vida que lhe resta. Viva como numa montanha. Pois não faz diferença se alguém vive lá ou aqui, se em toda parte do mundo vive como num Estado [comunidade política]. Que me vejam, que conheçam um homem de verdade que vive segundo a natureza. Se não puderem suportá-lo, que o matem. Pois isso é melhor do que viver assim [como vivem os homens].

X.16

Não fale mais sobre o tipo de pessoa que um homem bom deve ser, mas seja assim.

X.17

Contemple constantemente a totalidade do tempo e a totalidade da substância, e considere que todas as coisas individuais, quanto à substância, são uma semente de figo e, quanto ao tempo, uma volta de uma verruma.

X.18

Olhe para tudo o que existe e observe que já está em dissolução e mudança, como que em putrefação ou dispersão, ou que tudo é constituído pela natureza de modo a morrer.

X.19

Considere como são os homens quando comem, dormem, procriam, fazem suas necessidades e assim por diante. Depois, que tipo de homens são quando se mostram autoritários e arrogantes, ou zangados e repreendendo os outros do alto de sua posição. Mas, há pouco tempo, de quantos eram escravos e por quais coisas; e considere em que condição estarão daqui a pouco.

X.20

Aquilo que a natureza universal traz a cada coisa é para o bem dessa coisa. E é para seu bem no momento em que a natureza o traz.

X.21

"A terra ama a chuva"; e "o éter solene ama"; e o universo ama produzir tudo o que está para existir. Digo então ao universo que amo como você ama. E não se diz também que "isto ou aquilo ama [costuma] ser produzido"?

X.22

Ou você vive aqui e já se acostumou a isso, ou está partindo, e essa foi sua própria vontade; ou está morrendo e cumpriu seu dever. Mas, além dessas coisas, não há nada. Por conseguinte, tenha bom ânimo.

X.23

Que isto esteja sempre claro para você: este pedaço de terra é como qualquer outro; e todas as coisas aqui são iguais às que estão no alto de uma montanha, à beira-mar ou onde quer que você escolha estar. Pois encontrará exatamente o que diz Platão: Habitar dentro das muralhas de uma cidade como num redil de pastor numa montanha. [As três últimas palavras são omitidas na tradução.]

X.24

O que minha faculdade dirigente é para mim agora? E de que natureza a estou tornando agora? E com que finalidade a estou usando agora? Está desprovida de entendimento? Está desligada e separada da vida em sociedade? Está fundida e misturada à pobre carne, de modo a se mover junto com ela?

X.25

Quem foge de seu senhor é um fugitivo; mas a lei é senhora, e quem transgride a lei é um fugitivo. E também aquele que se entristece, se enfurece ou sente medo está insatisfeito porque aconteceu, acontece ou acontecerá alguma das coisas determinadas por aquele que governa tudo; e ele é a Lei e destina a cada pessoa o que lhe cabe. Portanto, quem sente medo, se entristece ou se enfurece é um fugitivo.

X.26

Um homem deposita uma semente num útero e vai embora; então outra causa a toma, trabalha nela e faz uma criança. Que coisa surge de tal matéria! Depois, a criança faz o alimento descer pela garganta, e então outra causa o toma e faz dele percepção e movimento e, enfim, vida, força e outras coisas; quantas e quão estranhas!

Observe, então, as coisas que são produzidas de maneira tão oculta e veja o poder, assim como vemos o poder que leva as coisas para baixo e para cima, não com os olhos, mas ainda assim com a mesma clareza.

X.27

Considere constantemente como todas as coisas, tais como são agora, também foram no passado; e considere que voltarão a ser as mesmas. Coloque diante de seus olhos dramas inteiros e palcos da mesma forma, tudo o que aprendeu por sua experiência ou pela história mais antiga; por exemplo, toda a corte de Adriano, toda a corte de Antonino e toda a corte de Filipe, de Alexandre, de Creso; pois todos aqueles eram dramas como os que vemos agora, apenas com atores diferentes.

X.28

Imagine toda pessoa que se entristece com alguma coisa ou está descontente como um porco que é sacrificado e dá coices e grita.

Semelhante a esse porco é também aquele que, em sua cama, lamenta em silêncio os laços que nos prendem. E considere que somente ao animal racional é dado acompanhar voluntariamente o que acontece; mas simplesmente acompanhar é uma necessidade imposta a todos.

X.29

Em cada coisa que fizer, pare e pergunte a si mesmo se a morte é algo terrível por privá-lo disso.

X.30

Quando se ofender com a falta de alguém, volte-se imediatamente para si mesmo e reflita de que maneira semelhante você também erra; por exemplo, ao pensar que o dinheiro é um bem, ou o prazer, ou um pouco de reputação, e coisas semelhantes. Pois, prestando atenção nisso, logo esquecerá sua raiva, se acrescentar também esta consideração: o homem é impelido a agir assim; pois o que mais poderia fazer? Ou, se você for capaz, livre-o dessa força que o impele.

X.31

Quando vir Sátiro, o socrático, pense em Êutiques ou em Hímen; quando vir Eufrates, pense em Eutíquion ou em Silvano; quando vir Alcífron, pense em Tropeóforo; quando vir Xenofonte, pense em Críton ou em Severo; e, quando olhar para si mesmo, pense em qualquer outro César; e faça o mesmo no caso de cada pessoa.

Então tenha em mente este pensamento: Onde estão, então, aqueles homens? Em lugar nenhum, ou ninguém sabe onde. Pois assim você verá continuamente as coisas humanas como fumaça e absolutamente nada; sobretudo se refletir, ao mesmo tempo, que aquilo que uma vez mudou nunca voltará a existir na duração infinita do tempo.

Mas você, em que breve espaço de tempo se encontra sua existência? E por que não se contenta em atravessar esse breve tempo de maneira ordenada? De que matéria e oportunidade [para sua atividade] está fugindo? Pois o que são todas essas coisas, senão exercícios para a razão, depois que ela observou cuidadosamente e examinou a natureza das coisas que acontecem na vida?

Persevere, então, até tornar essas coisas suas, assim como o estômago fortalecido assimila todas as coisas, assim como o fogo ardente faz chama e brilho de tudo o que é lançado nele.

X.32

Que ninguém possa dizer com verdade a seu respeito que você não é simples ou que não é bom; mas que seja mentiroso quem pensar algo assim de você; e isso está inteiramente em seu poder. Pois quem poderá impedi-lo de ser bom e simples? Apenas decida não viver mais, a menos que seja assim. Pois nem a razão permite [que você viva], se não for assim.

X.33

O que se pode fazer ou dizer, quanto a esta matéria [nossa vida], da maneira mais conforme à razão? Pois, seja o que for, está em seu poder fazê-lo ou dizê-lo, e não dê a desculpa de que está impedido.

Você não deixará de se lamentar até que sua mente esteja em tal condição que fazer o que está de acordo com a constituição humana, na matéria que lhe é submetida e apresentada, seja para você o que o luxo é para aqueles que desfrutam do prazer; pois uma pessoa deve considerar um prazer tudo aquilo que está em seu poder fazer segundo sua própria natureza.

E isso está em seu poder em toda parte. Ora, não é dado a um cilindro mover-se em toda parte por seu próprio movimento, nem à água, nem ao fogo, nem a qualquer outra coisa governada pela natureza ou por uma alma irracional, pois são muitas as coisas que os detêm e lhes barram o caminho.

Mas a inteligência e a razão são capazes de atravessar tudo o que se opõe a elas, da maneira para a qual foram formadas pela natureza e da maneira que escolhem. Coloque diante de seus olhos essa facilidade com que a razão atravessará todas as coisas, como o fogo sobe, como uma pedra desce, como um cilindro desce por uma superfície inclinada, e não busque mais nada.

Pois todos os outros obstáculos ou afetam apenas o corpo, que é uma coisa morta, ou, a não ser pela opinião e pela rendição da própria razão, não

esmagam nem causam dano algum; pois, se o fizessem, quem os sentisse se tornaria mau imediatamente.

Ora, no caso de todas as coisas que têm certa constituição, qualquer dano que aconteça a alguma delas torna consequentemente pior aquilo que é afetado; mas, num caso semelhante, uma pessoa se torna melhor, se assim se pode dizer, e mais digna de elogio ao fazer bom uso desses acontecimentos.

E, por fim, lembre-se de que nada prejudica quem é realmente um cidadão se não prejudicar o Estado; nem coisa alguma prejudica o Estado se não prejudicar a lei [ordem]; e, dessas coisas chamadas desgraças, nenhuma prejudica a lei. Por conseguinte, o que não prejudica a lei não prejudica nem o Estado nem o cidadão.

X.34

Para quem está profundamente imbuído de princípios verdadeiros, até o mais breve preceito é suficiente, e qualquer preceito comum, para lembrá-lo de que deve estar livre da tristeza e do medo. Por exemplo:

"Folhas, algumas o vento espalha pelo chão —

Assim é a raça dos homens."

Folhas também são seus filhos; e folhas também são aqueles que gritam como se merecessem crédito e distribuem elogios, ou, ao contrário, amaldiçoam, ou censuram e zombam em segredo; e folhas, da mesma maneira, são aqueles que receberão e transmitirão a fama de alguém aos tempos futuros.

Pois todas essas coisas "são produzidas na estação da primavera", como diz o poeta; depois o vento as derruba; depois a floresta produz outras folhas em seu lugar. Mas uma existência breve é comum a todas as coisas, e ainda assim você evita e busca todas as coisas como se fossem eternas.

Mais um pouco e você fechará os olhos; e aquele que o acompanhou até a sepultura logo será lamentado por outro.

X.35

O olho saudável deve ver todas as coisas visíveis e não dizer: Quero coisas verdes; pois essa é a condição de um olho doente. E a audição e o olfato saudáveis devem estar prontos para perceber tudo o que pode ser ouvido e cheirado. E o estômago saudável deve estar para todo alimento assim como o moinho está para todas as coisas que foi feito para moer.

Do mesmo modo, o entendimento saudável deve estar preparado para tudo o que acontece; mas aquele que diz: Que meus queridos filhos vivam, e que todos elogiem tudo o que eu fizer, é um olho que procura coisas verdes, ou dentes que procuram coisas macias.

X.36

Não há homem tão afortunado que não tenha ao seu lado, quando estiver morrendo, algumas pessoas satisfeitas com o que está para acontecer. Suponha que ele fosse um homem bom e sábio: não haverá ao menos alguém que diga a si mesmo: Enfim poderemos respirar livremente, aliviados desse mestre-escola?

É verdade que ele não foi duro com nenhum de nós, mas percebi que nos condena em silêncio. É isso o que se diz de um homem bom. Mas, em nosso próprio caso, quantas outras coisas há pelas quais muitos desejam se livrar de nós?

Considere isso, então, quando estiver morrendo, e partirá mais contente ao refletir assim: Estou deixando uma vida em que até meus companheiros, por quem tanto me esforcei, orei e me preocupei, desejam eles próprios que eu parta, talvez esperando obter com isso alguma pequena vantagem. Por que, então, alguém deveria se apegar a permanecer aqui por mais tempo?

Contudo, não parta por esse motivo menos bondoso para com eles, mas preservando seu próprio caráter, amigável, benevolente e gentil, e, por outro lado, sem agir como se estivesse sendo arrancado daqui; assim como, quando alguém tem uma morte tranquila, a pobre alma se separa facilmente do corpo, assim também deve ser sua partida do meio dos seres humanos, pois a natureza o uniu a eles e o fez seu companheiro.

Mas agora ela dissolve a união? Pois bem, separo-me como de parentes, sem ser arrastado contra a vontade, mas sem coerção; pois isso também é uma

das coisas que estão de acordo com a natureza.

X.37

Acostume-se, tanto quanto possível, sempre que alguém fizer alguma coisa, a perguntar a si mesmo: Com que objetivo essa pessoa está fazendo isso? Mas comece por você mesmo e examine-se primeiro.

X.38

Lembre-se de que aquilo que puxa os fios é o que está oculto por dentro: isso é o poder de persuasão, isso é a vida, isso, se assim se pode dizer, é o ser humano. Ao contemplar a si mesmo, nunca inclua o recipiente que o envolve e esses instrumentos presos ao redor dele. Pois são semelhantes a um machado, diferindo apenas nisto: crescem unidos ao corpo. De fato, sem a causa que as move e as detém, essas partes não têm mais utilidade do que a lançadeira do tecelão, a pena do escritor e o chicote do condutor.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO XI

✦

XI.1

Estas são as propriedades da alma racional: ela vê a si mesma, analisa a si mesma e faz de si o que escolhe; ela mesma desfruta do fruto que produz — pois dos frutos das plantas e daquilo que, nos animais, corresponde aos frutos, são outros que desfrutam —; ela alcança seu próprio fim, onde quer que se fixe o limite da vida.

Não é como numa dança, numa peça de teatro e em coisas semelhantes, nas quais toda a ação fica incompleta se algo a interrompe; mas, em cada parte e onde quer que seja interrompida, ela torna pleno e completo aquilo que lhe foi proposto, de modo que pode dizer: tenho o que é meu.

Além disso, ela percorre todo o universo e o vazio ao redor, contempla sua forma, estende-se pela infinidade do tempo, abrange e compreende a renovação periódica de todas as coisas e compreende que os que vierem depois de nós não verão nada de novo, nem os que vieram antes de nós viram algo mais; mas, de certo modo, quem tem quarenta anos, se possui algum entendimento, já viu, em virtude da uniformidade que prevalece, todas as coisas que foram e todas as que serão.

Também são propriedades da alma racional o amor ao próximo, a verdade, a modéstia e o não valorizar nada mais do que a si mesma, o que também é uma propriedade da Lei. Assim, a razão correta em nada difere da razão da justiça.

XI.2

Você dará pouco valor ao canto agradável, à dança e ao pancrácio se dividir a melodia da voz em seus vários sons e perguntar a si mesmo, a respeito de cada um, se é dominado por ele; pois a vergonha o impedirá de confessá-lo. O mesmo acontecerá com a dança, se fizer isso a cada movimento e postura, e também com o pancrácio.

Portanto, em todas as coisas, exceto na virtude e nos atos virtuosos, lembre-se de examinar suas várias partes e, por essa divisão, passar a lhes dar pouco valor; e aplique essa regra também à sua vida inteira.

XI.3

Que alma é essa que está pronta, se a qualquer momento tiver de se separar do corpo, e pronta para se extinguir, se dispersar ou continuar a existir! Mas de modo que essa disposição venha do próprio julgamento da pessoa, não da mera obstinação, como entre os cristãos, e sim de maneira refletida, com dignidade e de um modo capaz de persuadir outra pessoa, sem encenação trágica.

XI.4

Fiz algo pelo interesse geral? Pois bem, já tive minha recompensa. Mantenha isso sempre presente em sua mente e nunca pare [de fazer esse bem].

XI.5

Qual é a sua arte? Ser bom. E como realizar isso bem, senão por princípios gerais, alguns sobre a natureza do universo e outros sobre a constituição própria do ser humano?

XI.6

No início, as tragédias foram levadas ao palco como meio de lembrar às pessoas as coisas que lhes acontecem, de que é conforme à natureza que as coisas aconteçam assim e de que, se vocês se encantam com o que é mostrado no palco, não devem se perturbar com aquilo que acontece no palco maior. Pois vocês veem que essas coisas têm de se realizar assim e que até os que gritam: "Ó Citerão!" as suportam. E, de fato, algumas coisas são bem ditas pelos autores dramáticos, especialmente esta:

"Se os deuses descuidam de mim e de meus filhos,

Também isso tem sua razão."

E ainda:

"Não devemos nos irritar e afligir com o que acontece."

E:

"Recolha a colheita da vida como a espiga fecunda do trigo."

E outras coisas do mesmo tipo.

Depois da tragédia, introduziu-se a comédia antiga, que tinha uma liberdade de expressão própria de um mestre e, pela própria franqueza de suas palavras, era útil para lembrar às pessoas que se guardassem da insolência; e também com esse propósito Diógenes costumava recorrer a esses autores.

Mas, quanto à comédia intermediária, que veio em seguida, observe o que ela era e, depois, com que objetivo se introduziu a comédia nova, que aos

poucos se reduziu a um mero artifício de imitação. Todos sabem que até esses autores dizem algumas coisas boas; mas a que fim se dirige todo o projeto dessa poesia e dessa dramaturgia?

XI.7

Como parece claro que não há outra condição de vida tão adequada para filosofar quanto esta em que você se encontra agora.

XI.8

Um ramo cortado do ramo vizinho necessariamente também fica separado da árvore inteira. Assim também uma pessoa, quando se separa de outra, afasta-se de toda a comunidade social. Quanto ao ramo, é outro que o corta; mas uma pessoa, por seu próprio ato, separa-se do próximo quando o odeia e se afasta dele, sem saber que, ao mesmo tempo, se separou de todo o sistema social.

Porém, ela certamente tem este privilégio concedido por Zeus, que organizou a sociedade: está em nosso poder voltar a crescer unidos ao que está perto de nós e voltar a ser uma parte que ajuda a constituir o todo. Porém, se esse tipo de separação acontece muitas vezes, torna difícil que aquilo que se desprende seja reconduzido à unidade e restaurado à sua condição anterior.

Por fim, o ramo que desde o início cresceu junto com a árvore e continuou a compartilhar uma só vida com ela não é como aquele que, depois de cortado, é enxertado; pois este é algo semelhante ao que os jardineiros querem dizer quando afirmam que ele cresce com o restante da árvore, mas não tem a mesma disposição que ela.

XI.9

Assim como aqueles que tentam se colocar em seu caminho, quando você procede segundo a razão correta, não serão capazes de desviá-lo da ação que lhe é própria, também não permita que o afastem de seus sentimentos de benevolência para com eles.

Mantenha-se igualmente atento às duas coisas: não só à firmeza de julgamento e de ação, mas também à brandura para com aqueles que tentam impedi-lo ou perturbá-lo de outra maneira.

Pois irritar-se com eles também é uma fraqueza, assim como se desviar de seu curso de ação e ceder por medo; pois ambos são igualmente desertores de seu posto: aquele que o faz por medo e aquele que se afasta de quem é, por natureza, seu parente e amigo.

XI.10

Não há natureza que seja inferior à arte, pois as artes imitam as naturezas das coisas. Mas, se é assim, aquela natureza que é a mais perfeita e a mais abrangente de todas não pode ficar aquém da habilidade da arte. Ora, todas as artes fazem as coisas inferiores em benefício das superiores; portanto, a natureza universal também faz assim.

E, de fato, daí vem a origem da justiça, e na justiça as outras virtudes têm seu fundamento; pois a justiça não será observada se nos importarmos com coisas intermediárias [coisas indiferentes], ou se formos facilmente enganados, descuidados e inconstantes (v. 16. 30; vii. 55).

XI.11

Se as coisas cuja busca e cuja rejeição o perturbam não vêm até você, ainda assim, de certo modo, você vai até elas. Deixe, então, que seu julgamento a respeito delas fique em repouso, e elas permanecerão tranquilas, e ninguém o verá buscando-as ou evitando-as.

XI.12

A forma esférica da alma mantém sua figura quando não se estende em direção a nenhum objeto, nem se contrai para dentro, nem se dispersa, nem afunda, mas é iluminada pela luz com a qual vê a verdade: a verdade de todas as coisas e a verdade que está nela mesma.

XI.13

Suponha que alguém me despreze. Que ele mesmo cuide disso. Eu, contudo, cuidarei para que não me encontrem fazendo ou dizendo algo digno de desprezo. Alguém me odiará? Que ele cuide disso.

Eu, porém, serei brando e benevolente para com todos, e estarei pronto para mostrar até a ele seu erro, sem censurá-lo nem fazer exibição de minha capacidade de suportar, mas com nobreza e honestidade, como o grande Fócion, a menos que ele apenas fingisse.

Pois as [partes] interiores devem ser assim, e os deuses devem ver uma pessoa que não esteja insatisfeita com nada nem se queixe. Pois que mal há para você se agora está fazendo o que é de acordo com sua própria natureza e está satisfeito com aquilo que, neste momento, é adequado à natureza do universo, já que você é um ser humano colocado em seu posto para que, de algum modo, se faça o que é de proveito comum?

XI.14

As pessoas desprezam umas às outras e bajulam umas às outras; desejam se elevar umas acima das outras e se curvam umas diante das outras.

XI.15

Como é falho e insincero aquele que diz: decidi tratar você de maneira honesta! O que está fazendo, homem? Não há motivo para dar esse aviso. Logo isso se mostrará pelos atos. A voz deveria estar claramente escrita na testa. Seja qual for o caráter de uma pessoa, ela o mostra imediatamente nos olhos, assim como quem é amado logo lê tudo nos olhos de quem o ama.

O homem honesto e bom deveria ser exatamente como alguém de cheiro forte, de modo que quem está por perto, assim que se aproxime dele, tenha de sentir seu cheiro, queira ou não. Mas a afetação de simplicidade é como um bastão torto. Nada é mais vergonhoso do que uma amizade de lobo [amizade falsa]. Evite isso acima de tudo. Os bons, simples e benevolentes mostram todas essas coisas nos olhos, e não há como se enganar.

XI.16

Quanto a viver da melhor maneira, esse poder está na alma, se ela for indiferente às coisas indiferentes. E ela será indiferente se olhar cada uma dessas coisas separadamente e todas em conjunto, e se lembrar de que nenhuma delas produz em nós uma opinião sobre si mesma, nem vem até nós; essas coisas permanecem imóveis, e somos nós mesmos que produzimos os julgamentos a respeito delas e, por assim dizer, os escrevemos em nós mesmos, estando em nosso poder não os escrever e, caso esses julgamentos tenham entrado imperceptivelmente em nossa mente, apagá-los.

E se também nos lembrarmos de que essa atenção durará apenas um pouco de tempo, e então a vida chegará ao fim. Ademais, que dificuldade há em fazer isso? Pois, se essas coisas estão de acordo com a natureza, alegre-se com elas, e serão fáceis para você; mas, se são contrárias à natureza, busque o que está de acordo com sua própria natureza e se esforce para alcançá-lo, mesmo que isso não lhe traga reputação; pois a todos é permitido buscar seu próprio bem.

XI.17

Considere de onde veio cada coisa, de que ela se compõe, em que se transforma, que tipo de coisa será depois de transformada e que não sofrerá nenhum dano.

XI.18

[Se alguém o ofendeu, considere primeiro]: Qual é minha relação com as pessoas e que fomos feitos uns para os outros; e, sob outro aspecto, fui feito para ser posto à frente delas, como um carneiro à frente do rebanho ou um touro à frente da manada. Mas examine a questão a partir dos primeiros princípios, começando por isto: se todas as coisas não são meros átomos, é a natureza que ordena todas as coisas; se é assim, as coisas inferiores existem em benefício das superiores, e estas em benefício umas das outras.

Segundo, considere que tipo de pessoas elas são à mesa, na cama e assim por diante; e, em particular, a que imposições estão sujeitas quanto às suas opiniões; e, quanto aos seus atos, considere com que orgulho fazem o que fazem.

Terceiro, se as pessoas fazem corretamente o que fazem, não devemos ficar descontentes; mas, se não agem corretamente, é claro que o fazem involuntariamente e por ignorância. Pois, assim como toda alma é privada da verdade contra sua vontade, também é privada, contra sua vontade, do poder de tratar cada pessoa conforme ela merece. Por isso, as pessoas se magoam quando são chamadas de injustas, ingratas e gananciosas e, numa palavra, de pessoas que fazem mal ao próximo.

Quarto, considere que você também faz muitas coisas erradas e que é uma pessoa como as outras; e, mesmo que se abstenha de certas faltas, ainda tem a disposição de cometê-las, embora se abstenha delas por covardia, preocupação com a reputação ou algum motivo mesquinho semelhante.

Quinto, considere que você nem sequer sabe se as pessoas estão agindo mal ou não, pois muitas coisas são feitas levando em conta certas circunstâncias. Em suma, uma pessoa precisa aprender muito para ser capaz de julgar corretamente os atos de outra.

Sexto, quando estiver muito irritado ou aflito, considere que a vida humana dura apenas um momento e que, depois de pouco tempo, estaremos todos mortos, estendidos.

Sétimo, não são os atos das pessoas que nos perturbam, pois esses atos têm seu fundamento nos princípios que as governam, mas são nossas próprias opiniões que nos perturbam. Afaste, então, essas opiniões e decida abandonar seu julgamento de que um ato é algo penoso, e sua raiva desaparecerá. Como, então, afastarei essas opiniões?

Refletindo que nenhum ato errado de outra pessoa traz vergonha a você; pois, a menos que apenas aquilo que é vergonhoso seja mau, você também terá necessariamente de fazer muitas coisas erradas e se tornar um ladrão e tudo o mais.

Oitavo, considere quanto mais sofrimento nos trazem a raiva e a irritação causadas por tais atos do que os próprios atos com os quais ficamos irados e irritados.

Nono, considere que uma boa disposição é invencível se for autêntica, e não um sorriso afetado e uma encenação. Pois o que a pessoa mais violenta fará a você se continuar a ter uma disposição bondosa para com ela e se, quando surgir a oportunidade, você a advertir com brandura e corrigir calmamente seus erros no exato momento em que ela tenta lhe fazer mal,

dizendo: não é assim, meu filho; por natureza, fomos constituídos para outra coisa; certamente não serei prejudicado, mas você está prejudicando a si mesmo, meu filho.

E mostre-lhe, com tato e brandura e por princípios gerais, que é assim, e que nem mesmo as abelhas fazem o que ela faz, nem qualquer animal que a natureza tenha formado para viver em grupo.

E você deve fazer isso sem duplo sentido nem em tom de censura, mas com afeto e sem nenhum rancor na alma; não como se estivesse lhe dando uma lição, nem para que algum espectador o admire, mas quando ela estiver sozinha e, se outros estiverem presentes ...

Lembre-se dessas nove regras como se as tivesse recebido de presente das Musas e comece, enfim, a ser um homem enquanto vive. Mas você deve evitar igualmente importunar as pessoas e se irritar com elas, pois ambas as coisas são contrárias à vida em sociedade e levam ao dano.

E, na agitação da raiva, tenha presente esta verdade: deixar-se mover pela paixão não é próprio de um homem, mas a brandura e a gentileza, assim como são mais de acordo com a natureza humana, também são mais próprias de um homem; e quem possui essas qualidades possui força, vigor e coragem, e não quem está sujeito a acessos de paixão e descontentamento.

Pois, na mesma medida em que a mente de uma pessoa está mais próxima de se libertar de toda paixão, também está mais próxima da força; e, assim como a sensação de dor é característica da fraqueza, também o é a raiva. Pois tanto quem cede à dor quanto quem cede à raiva está ferido, e ambos se submetem.

Mas, se quiser, receba também um décimo presente do guia das Musas [Apolo], que é este: esperar que pessoas más não façam o mal é loucura, pois quem espera isso deseja uma impossibilidade. Mas permitir que as pessoas se comportem assim com os outros e esperar que não lhe façam mal algum é irracional e tirânico.

XI.19

Há quatro desvios principais da faculdade superior contra os quais você deve estar constantemente atento e que, ao detectá-los, deve apagar, dizendo em cada ocasião: este pensamento não é necessário; isto tende a destruir a união social; isto que você vai dizer não vem de seus verdadeiros pensamentos — pois você deve considerar uma das coisas mais absurdas uma pessoa não falar segundo seus verdadeiros pensamentos. Mas o quarto ocorre quando você se censura por alguma coisa, pois isso é uma prova de que a parte mais divina dentro de você está sendo dominada e cedendo à parte menos honrosa e perecível, o corpo, e aos seus prazeres grosseiros.

XI.20

Sua parte aérea e todas as partes de fogo que estão misturadas em você, embora por natureza tendam a subir, ainda assim, em obediência à disposição do universo, são contidas aqui na massa composta [o corpo]. E também toda a parte de terra e a de água em você, embora tendam a descer, são erguidas e ocupam uma posição que não lhes é natural.

Dessa maneira, portanto, as partes elementares obedecem ao universal; pois, quando são fixadas em algum lugar, ali permanecem por necessidade até que o universal volte a dar o sinal de dissolução. Não é estranho, então, que só sua parte inteligente seja desobediente e descontente com seu próprio lugar?

E, no entanto, nenhuma força lhe é imposta, mas apenas as coisas que estão de acordo com sua natureza; ainda assim, ela não se submete, mas é levada na direção oposta. Pois o movimento em direção à injustiça, à falta de moderação, à raiva, à aflição e ao medo nada mais é do que o ato de quem se desvia da natureza.

E também quando a faculdade que governa fica descontente com algo que acontece, ela abandona seu posto; pois é constituída para a piedade e a reverência aos deuses tanto quanto para a justiça. Pois essas qualidades também estão compreendidas no termo geral de contentamento com a constituição das coisas e, de fato, vêm antes dos atos de justiça.

XI.21

Quem não tem um único e sempre idêntico objetivo na vida não pode ser um e o mesmo ao longo de toda a vida. Mas o que eu disse não basta, a menos que se acrescente também qual deve ser esse objetivo.

Pois, assim como não há uma mesma opinião sobre todas as coisas que, de um modo ou de outro, a maioria considera boas, mas apenas sobre algumas coisas determinadas, isto é, as que dizem respeito ao interesse comum, também devemos propor a nós mesmos um objetivo de caráter comum [social] e político.

Pois quem dirige todos os seus esforços a esse objetivo tornará semelhantes todos os seus atos e, assim, será sempre o mesmo.

XI.22

Pense no rato do campo e no rato da cidade, e no alarme e no medo do rato da cidade.

XI.23

Sócrates costumava chamar as opiniões da maioria pelo nome de Lâmias: bichos-papões para assustar crianças.

XI.24

Os lacedemônios, em seus espetáculos públicos, costumavam reservar assentos à sombra para os estrangeiros, mas eles mesmos se sentavam em qualquer lugar.

XI.25

Sócrates se desculpou com Pérdicas por não ir até ele, dizendo: é porque eu não gostaria de perecer pelo pior de todos os fins; isto é, não gostaria de receber um favor e depois ser incapaz de retribuí-lo.

XI.26

Nos escritos dos [efésios] havia este preceito: pensar constantemente em algum dos homens de outros tempos que praticaram a virtude.

XI.27

Os pitagóricos nos recomendam olhar para o céu pela manhã, para que nos lembremos daqueles corpos que continuamente fazem as mesmas coisas e realizam seu trabalho da mesma maneira, e também para que nos lembremos de sua pureza e nudez. Pois não há véu sobre uma estrela.

XI.28

Considere que homem era Sócrates quando se vestiu com uma pele, depois que Xantipa pegou seu manto e saiu, e o que Sócrates disse aos amigos que sentiram vergonha dele e se afastaram ao vê-lo vestido assim.

XI.29

Nem na escrita nem na leitura você será capaz de estabelecer regras para os outros antes de ter aprendido a obedecer a regras. Muito mais isso se aplica à vida.

XI.30

Você é um escravo: a liberdade de expressão não é para você.

XI.31

E meu coração riu por dentro. Odisseia, ix. 413.

XI.32

E amaldiçoarão a virtude, dizendo palavras duras. HESÍODO, Os Trabalhos e os Dias, 184.

XI.33

Procurar o figo no inverno é um ato de louco; assim é quem procura seu filho quando isso já não é permitido (Epicteto, iii. 24, 87).

XI.34

Quando uma pessoa beija seu filho, dizia Epicteto, deve sussurrar para si mesma: "Amanhã talvez você morra." — Mas essas são palavras de mau agouro. — "Nenhuma palavra que expresse uma obra da natureza é de mau agouro", dizia Epicteto, "ou, se for assim, também é de mau agouro falar das espigas de cereal sendo colhidas" (Epicteto, iii. 24, 88).

XI.35

A uva verde, o cacho maduro, a uva seca são todos transformações, não em nada, mas em algo que ainda não existe (Epicteto, iii. 24).

XI.36

Ninguém pode nos roubar o livre-arbítrio (Epicteto, iii. 22, 105).

XI.37

Epicteto também dizia que uma pessoa deve descobrir uma arte [ou regras] quanto a dar seu assentimento; e, quanto aos seus movimentos, deve cuidar para que sejam feitos levando em conta as circunstâncias, para que sejam coerentes com os interesses sociais e para que levem em conta o valor do objeto; e, quanto ao desejo sensual, deve manter-se inteiramente afastada dele; e, quanto à rejeição [aversão], não deve manifestá-la em relação a nenhuma das coisas que não estão em nosso poder.

XI.38

A discussão, então, dizia ele, não trata de um assunto qualquer, mas de ser louco ou não.

XI.39

Sócrates costumava dizer: o que vocês querem, almas de pessoas racionais ou irracionais? — Almas de pessoas racionais. — De que tipo de pessoas racionais, sensatas ou insensatas? — Sensatas. — Por que, então, vocês não as procuram? — Porque já as temos. — Por que, então, vocês brigam e discutem?

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

LIVRO XII

✦

XII.1

Todas aquelas coisas às quais você deseja chegar por um caminho tortuoso podem ser suas agora, se você não as negar a si mesmo. Isso significa deixar de se ocupar com todo o passado, confiar o futuro à providência e orientar o presente apenas de acordo com a piedade e a justiça.

De acordo com a piedade, para que você se contente com a sorte que lhe foi atribuída, pois a natureza a destinou a você, e você a ela. De acordo com a justiça, para que você sempre diga a verdade livremente e sem disfarces, e faça o que está de acordo com a lei e com o valor de cada um.

E não deixe que a maldade de outra pessoa o impeça, nem a opinião ou a voz de alguém, nem mesmo as sensações da pobre carne que cresceu ao seu redor; pois a parte passiva cuidará disso.

Se, então, seja qual for o momento em que você estiver perto de partir, deixar de lado tudo o mais e respeitar apenas sua faculdade governante e a divindade dentro de você, e se tiver medo não porque algum dia terá de deixar de viver, mas por nunca ter começado a viver de acordo com a natureza — então você será um homem digno do universo que o produziu, deixará de ser um estrangeiro em sua terra natal, de se espantar com as coisas que acontecem todos os dias como se fossem inesperadas, e de depender disto ou daquilo.

XII.2

Deus vê as mentes [princípios governantes] de todos os homens despojadas da veste material, da casca e das impurezas. Pois somente com sua parte intelectual ele toca apenas a inteligência que fluiu dele mesmo e dele se derivou para esses corpos. E, se você também se habituar a fazer isso, ficará livre de muitas aflições. Pois quem não dá importância à pobre carne que o envolve certamente não se inquietará cuidando de roupas, moradia, fama e outras coisas exteriores e de aparência.

XII.3

São três as coisas de que você é composto: um pequeno corpo, um pequeno sopro [vida], inteligência. Destas, as duas primeiras são suas na medida em que é seu dever cuidar delas; mas só a terceira é propriamente sua.

Portanto, se você separar de si mesmo, isto é, de seu entendimento, tudo o que os outros fazem ou dizem, tudo o que você mesmo fez ou disse, todas as coisas futuras que o inquietam porque podem acontecer, tudo o que, no corpo que o envolve ou no sopro [vida], que por natureza está associado ao corpo, se liga a você independentemente de sua vontade, e tudo o que o turbilhão exterior que o cerca arrasta consigo, de modo que a capacidade intelectual, livre das coisas do destino, possa viver por si mesma, pura e livre, fazendo o que é justo, aceitando o que acontece e dizendo a verdade: se você separar, digo, dessa faculdade governante as coisas que se ligam a ela pelas impressões dos sentidos, e as coisas do tempo futuro e do tempo passado, e se tornar semelhante à esfera de Empédocles,

"Inteiramente redonda, repousando em seu alegre descanso;"

e se você se esforçar para viver apenas o que é realmente sua vida, isto é, o presente — então poderá passar a parte da vida que lhe resta até a hora da morte livre de perturbações, com nobreza e em obediência ao seu próprio daimon [ao deus que está dentro de você].

XII.4

Muitas vezes me perguntei como é que todo homem ama a si mesmo mais do que a todos os outros homens, mas dá menos valor à própria opinião sobre si mesmo do que à opinião dos outros.

Se, então, um deus ou um mestre sábio se apresentasse a um homem e lhe ordenasse que não pensasse nem planejasse nada que não estivesse disposto a expressar assim que o concebesse, ele não suportaria isso nem por um único dia. Tanto mais respeito temos pelo que nossos semelhantes pensarão de nós do que pelo que nós mesmos pensaremos de nós.

XII.5

Como pode ser que os deuses, depois de terem organizado todas as coisas de maneira boa e benevolente para a humanidade, tenham deixado passar apenas isto: que alguns homens, homens muito bons, que, por assim dizer, tiveram a maior comunhão com a divindade e que, por atos piedosos e práticas religiosas, tiveram a maior intimidade com ela, depois de morrerem nunca mais existam, mas sejam completamente extintos?

Mas, se é assim, tenha a certeza de que, se devesse ser de outro modo, os deuses o teriam feito. Pois, se fosse justo, também seria possível; e, se estivesse de acordo com a natureza, a natureza teria feito assim.

Mas, porque não é assim, se de fato não é assim, convença-se de que não deveria ter sido assim: pois você mesmo percebe que, nessa investigação, está discutindo com a Divindade; e não discutiríamos desse modo com os deuses se eles não fossem sumamente excelentes e justos; mas, se é assim, não teriam permitido que algo na ordenação do universo fosse negligenciado de maneira injusta e irracional.

XII.6

Exercite-se até nas coisas que você não tem esperança de conseguir fazer. Pois até a mão esquerda, que é ineficaz para todas as outras coisas por falta de prática, segura a rédea com mais vigor do que a direita, porque foi exercitada nisso.

XII.7

Considere em que condição, tanto de corpo como de alma, um homem deve estar quando a morte o alcançar; e considere a brevidade da vida, o abismo sem limites do tempo passado e futuro, a fragilidade de toda matéria.

XII.8

Contemple os princípios formadores [formas] das coisas, despidos de suas coberturas; os propósitos das ações; considere o que é a dor, o que é o prazer, e a morte, e a fama; quem é, para si mesmo, a causa de sua inquietação; como nenhum homem é impedido por outro; que tudo é opinião.

XII.9

Na aplicação de seus princípios, você deve ser como o lutador de pancrácio, não como o gladiador; pois o gladiador deixa cair a espada que usa e é morto; mas o outro sempre tem sua mão e não precisa fazer nada além de usá-la.

XII.10

Veja o que as coisas são em si mesmas, dividindo-as em matéria, forma e propósito.

XII.11

Que poder o homem tem de não fazer nada além do que Deus aprovará, e de aceitar tudo o que Deus lhe der.

XII.12

Quanto ao que acontece de acordo com a natureza, não devemos culpar os deuses, pois eles não fazem nada errado, voluntária ou involuntariamente, nem os homens, pois eles só fazem o que é errado involuntariamente. Portanto, não devemos culpar ninguém (ii. 11, 12, 13; vii. 62; 18 viii. 17).

XII.13

Como é ridículo, e como é um estrangeiro, aquele que se surpreende com qualquer coisa que acontece na vida.

XII.14

Ou existe uma necessidade fatal e uma ordem invencível, ou uma providência bondosa, ou uma confusão sem propósito e sem direção. Se, então, existe uma necessidade invencível, por que você resiste? Mas, se existe uma providência que se deixa tornar favorável, torne-se digno da ajuda da divindade.

Mas, se existe uma confusão sem governante, contente-se por ter dentro de si, em meio a tal tempestade, uma inteligência governante. E, mesmo que a tempestade o arraste, que arraste a pobre carne, o pobre sopro, tudo o mais; pois a inteligência, ao menos, ela não arrastará.

XII.15

A luz da lâmpada brilha sem perder seu esplendor até se apagar? E a verdade que está em você, a justiça e a temperança se apagarão [antes de sua morte]?

XII.16

Quando um homem der a impressão de ter feito algo errado, [diga]: Como sei, então, se isso é um ato injusto? E, mesmo que ele tenha feito algo errado, como sei que não condenou a si mesmo? E assim é como se ele rasgasse o próprio rosto.

Considere que aquele que não quer que o homem mau faça o mal é como o homem que não quer que a figueira produza suco nos figos, que as crianças chorem, que o cavalo relinche, e tudo o mais que necessariamente deve acontecer. Pois o que pode fazer um homem que tem tal caráter? Se, então, você se irrita, cure a disposição desse homem.

XII.17

Se não é certo, não faça; se não é verdade, não diga. [Pois que seus esforços sejam —]

XII.18

Em tudo, observe sempre o que é a coisa que lhe produz uma impressão e analise-a, dividindo-a em forma, matéria, propósito e o tempo dentro do qual ela deve terminar.

XII.19

Perceba, enfim, que há em você algo melhor e mais divino do que as coisas que causam as diversas emoções e que, por assim dizer, o puxam por cordas. O que há agora em minha mente — medo, suspeita, desejo ou algo semelhante?

XII.20

Primeiro, não faça nada sem refletir, nem sem um propósito. Segundo, faça com que seus atos se dirijam apenas a um fim social.

XII.21

Considere que em breve você não será ninguém e não estará em lugar algum, e que não existirá nenhuma das coisas que você vê agora, nem nenhum dos que agora vivem. Pois todas as coisas são formadas pela natureza para mudar, se transformar e perecer, a fim de que outras coisas possam existir numa sucessão contínua.

XII.22

Considere que tudo é opinião, e que a opinião está em seu poder. Afaste, então, quando quiser, sua opinião, e, como um marinheiro que contornou o promontório, você encontrará calma, tudo estável e uma baía sem ondas.

XII.23

Qualquer atividade, seja ela qual for, quando cessa no momento apropriado, não sofre nenhum mal por ter cessado; tampouco aquele que a realizou sofre algum mal pelo fato de a atividade ter cessado.

Da mesma forma, então, o todo que consiste em todos os atos, que é nossa vida, se cessar no momento apropriado, não sofre nenhum mal por ter cessado; tampouco aquele que encerrou essa sequência no momento apropriado foi maltratado.

Mas o momento apropriado e o limite são fixados pela natureza, às vezes, como na velhice, pela natureza particular do homem, mas sempre pela natureza universal, pela transformação de cujas partes o universo inteiro permanece sempre jovem e perfeito. E tudo o que é útil ao universal é sempre bom e oportuno.

Portanto, o término da vida de cada homem não é um mal, porque também não é vergonhoso, já que tanto independe da vontade como não se opõe ao interesse geral; ao contrário, é bom, pois é oportuno, proveitoso para o universal e está de acordo com ele.

Pois também é movido pela Divindade aquele que se move da mesma maneira que a Divindade e que, em sua mente, se move em direção à mesma coisa.

XII.24

Você deve ter estes três princípios à mão: nas coisas que faz, não faça nada sem refletir ou de maneira diferente daquela pela qual a própria justiça agiria; mas, quanto ao que possa lhe acontecer de fora, considere que acontece por acaso ou segundo a providência, e você não deve culpar o acaso nem acusar a providência.

Segundo, considere o que é cada ser desde a semente até o momento de receber uma alma, e desde o recebimento de uma alma até sua devolução, de que coisas cada ser é composto e em que coisas se desfaz.

Terceiro, se você fosse subitamente elevado acima da terra e olhasse de cima as coisas humanas, observando como é grande sua variedade, e ao mesmo tempo visse de um só olhar como é grande o número de seres que habitam por toda parte no ar e no éter, considere que, por mais vezes que fosse elevado, veria as mesmas coisas, a mesma forma e a curta duração. São essas coisas motivo de orgulho?

XII.25

Abandone a opinião: você está salvo. Quem, então, o impede de abandoná-la?

XII.26

Quando você se inquieta com alguma coisa, esqueceu-se disto: que tudo acontece de acordo com a natureza universal; e esqueceu-se disto: que o ato injusto de um homem não diz respeito a você; e, além disso, esqueceu-se de que tudo o que acontece sempre aconteceu assim, acontecerá assim e agora acontece assim em toda parte; esqueceu-se também de como é próximo o parentesco entre um homem e toda a raça humana, pois é uma comunidade, não de um pouco de sangue ou de semente, mas de inteligência. E esqueceu-se também de que a inteligência de cada homem é um deus e é uma emanação da Divindade; e esqueceu-se de que nada pertence ao homem, mas que seu filho, seu corpo e sua própria alma vieram da Divindade; esqueceu-se de que tudo é opinião; e, por fim, esqueceu-se de que cada homem vive apenas o tempo presente e perde apenas isso.

XII.27

Traga constantemente à memória aqueles que muito se queixaram de alguma coisa, aqueles que mais se destacaram pela maior fama, pelos infortúnios, pelas inimizades ou pela sorte de qualquer espécie; depois pense: onde estão todos eles agora? Fumaça, cinza e uma história, ou nem mesmo uma história.

E tenha também em mente tudo desse tipo: como Fábio Catelino viveu no campo, Lúcio Lupo em seus jardins, Estertínio em Brías, Tibério em Cápreas e Vélio Rufo [ou Rufo em Vélia]; e, por fim, pense na busca ansiosa de qualquer coisa unida ao orgulho; em como é sem valor tudo aquilo por que os homens se esforçam violentamente; e em como é muito mais filosófico que um homem, nas oportunidades que lhe são apresentadas, se mostre justo, temperante, obediente aos deuses, e faça isso com toda simplicidade: pois o orgulho que se orgulha de sua falta de orgulho é o mais intolerável de todos.

XII.28

Àqueles que perguntam: Onde você viu os deuses, ou como compreende que eles existem e por isso os adora?, respondo: em primeiro lugar, eles podem ser vistos até com os olhos; em segundo lugar, tampouco vi minha própria alma, e, no entanto, eu a honro. Assim também, quanto aos deuses, pelo que experimento constantemente de seu poder, compreendo que eles existem e os venero.

XII.29

A segurança da vida está nisto: examinar tudo por inteiro, o que cada coisa é em si mesma, isto é, qual é sua matéria, qual é sua parte formal; com toda a alma, fazer justiça e dizer a verdade. O que resta, a não ser desfrutar a vida unindo uma coisa boa a outra, de modo a não deixar nem os menores intervalos entre elas?

XII.30

Há uma única luz do sol, embora seja interrompida por paredes, montanhas e uma infinidade de outras coisas. Há uma única substância comum, embora esteja distribuída entre incontáveis corpos que têm suas diferentes qualidades. Há uma única alma, embora esteja distribuída entre infinitas naturezas e delimitações individuais [ou indivíduos].

Há uma única alma inteligente, embora pareça estar dividida. Ora, nas coisas que foram mencionadas, todas as outras partes, como as que são ar e matéria, não têm sensação nem comunhão; e, no entanto, até essas partes são mantidas unidas pelo princípio inteligente e pela atração em direção ao que é semelhante.

Mas o intelecto tende de maneira particular ao que é da mesma família e se une a isso, e o sentimento de comunhão não se interrompe.

XII.31

O que você deseja — continuar a existir? Pois bem, deseja ter sensação, movimento, crescimento, e depois deixar de crescer, usar a fala, pensar? O que há em todas essas coisas que lhe parece digno de desejo? Mas, se é fácil dar pouco valor a todas essas coisas, volte-se para o que resta, que é seguir a razão e Deus. Mas é incompatível com honrar a razão e Deus inquietar-se porque, pela morte, o homem será privado das outras coisas.

XII.32

Como é pequena a parte do tempo ilimitado e insondável atribuída a cada homem, pois ela é muito depressa engolida pela eternidade! E como é pequena a parte da substância inteira; e como é pequena a parte da alma universal; e sobre que pequeno torrão de toda a terra você se arrasta! Refletindo sobre tudo isso, não considere nada grandioso, a não ser agir como sua natureza o conduz e suportar o que a natureza comum traz.

XII.33

Como a faculdade governante faz uso de si mesma? Pois tudo está nisso. Mas tudo o mais, esteja ou não no poder de sua vontade, é apenas cinza sem vida e fumaça.

XII.34

Esta reflexão é a mais adequada para nos levar a desprezar a morte: até aqueles que consideram o prazer um bem e a dor um mal a desprezaram.

XII.35

O homem para quem só é bom aquilo que chega no devido tempo, para quem dá no mesmo ter realizado mais ou menos atos de acordo com a reta razão, e para quem não faz diferença contemplar o mundo por mais ou menos tempo — para esse homem, a morte tampouco é uma coisa terrível.

XII.36

Homem, você foi cidadão deste grande Estado [o mundo]; que diferença faz para você se foi por cinco anos [ou três]? Pois aquilo que está de acordo com as leis é justo para todos. Onde está, então, a dificuldade, se quem o manda embora do Estado não é um tirano nem um juiz injusto, mas a natureza, que o trouxe para ele?

É o mesmo que se um pretor que contratou um ator o dispensasse do palco. — "Mas não terminei os cinco atos, apenas três deles." — Você diz bem, mas, na vida, os três atos são o drama inteiro; pois o que será um drama completo é determinado por aquele que antes foi a causa de sua composição e agora é a causa de sua dissolução; mas você não é a causa de nenhuma das duas. Parta, então, satisfeito, pois aquele que o libera também está satisfeito.

Une Sacra · edição 1.4 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0